

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Fundamental

Ética e cidadania

no Convívio Escolar



Unidades de Trabalho

Presidente da República
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Ministro da Educação
PAULO RENATO SOUZA

Secretário Executivo
LUCIANO OLIVA PATRÍCIO

- UBER IRRONANT

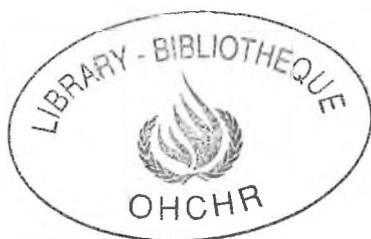
5899

UW HAT IS BBIWG DNS'

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

**PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL CONTINUADO**



**Ética e cidadania no convívio escolar
– uma proposta de trabalho –**

Brasília
2000

Secretaria de Educação Fundamental
IARA GLÓRIA AREIAS PRADO

Departamento de Política da Educação Fundamental
WALTER KIYOSHI TAKEMOTO

Coordenação-Geral de Estudos e Pesquisas sobre Educação Fundamental
ROSANGELA MARTA SIQUEIRA BARRETO

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Programa de desenvolvimento profissional continuado :
ética e cidadania no convívio escolar : uma proposta
de trabalho / Ministério da Educação, Secretaria de
Educação Fundamental. – Brasília : [MEC, SEF],
2000.

138 p.

1. Educação Continuada. 2. Ética. 3. Cidadania.
I. Título.

CDU 374.9

AOS EDUCADORES E PAIS

É com grande satisfação que colocamos à disposição dos educadores e dos pais de todas as escolas do país este *Ética e cidadania no convívio escolar*. Mais do que um material preparado com o propósito de auxiliar na superação de problemas, é um convite àqueles que acreditam que profissionais da educação, aliados aos pais de seus alunos, podem criar uma nova escola, na qual respeito mútuo, justiça, solidariedade e diálogo façam parte de sua realidade cotidiana.

Nosso objetivo é resgatar a importância da educação escolar na formação da cidadania, proposta já enunciada nos PCN de 1ª a 8ª séries, bem como nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil e de Jovens e Adultos; fortalecer a instituição escolar em sua luta contra a violência, a injustiça e a discriminação; e ajudar a tornar a escola um local onde famílias e profissionais da educação possam unir suas forças para dar conta da educação de suas crianças e jovens, com todas as conseqüências sociais benéficas que essas iniciativas podem trazer.

É importante ressaltar que o Ministério da Educação considera como perspectiva educativa da escola a promoção de atitudes, valores e práticas que venham se contrapor aos problemas gerados pela violência e pela discriminação com o intuito de inibi-los.

Preocupado com este problema, o Governo Federal criou, no âmbito da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, o Programa Nacional **Paz nas Escolas**, que integra o Plano Plurianual 2000/2003, no qual estão definidos recursos e metas para o período. O programa tem por objetivo contribuir para a redução da violência entre crianças, adolescentes e jovens, reconhecendo a capacidade da escola como instrumento democratizador e impulsionador da melhoria das condições de vida da nossa sociedade e fortalecendo suas ações complementares que tanto contribuem para o efetivo enfrentamento da questão da violência.

Acreditamos que este material será uma grande contribuição para a participação de educadores, pais e alunos na

construção de uma sociedade mais justa, promovendo relações humanas mais éticas e democráticas e tornando a própria escola uma instituição promotora de respeito mútuo e de paz.

Bom trabalho!

Paulo Renato Souza
Ministro da Educação

José Gregori
Ministro da Justiça

SUMÁRIO

Apresentação	7
Por que “Ética e cidadania no convívio escolar”?	11
Orientações gerais	15
Unidade 1: O grupo de trabalho	21
Unidade 2: As múltiplas dimensões da educação escolar	29
Unidade 3: Nossos alunos: cidadãos do presente e do futuro	37
Unidade 4: Escola e família.....	59
Unidade 5: A escola na comunidade	73
Unidade 6: Respeito mútuo	85
Unidade 7: Cooperação/solidariedade/diálogo/ responsabilidade	99
Unidade 8: Direitos, deveres e textos legais	111
Unidade 9: Projetos	125

APRESENTAÇÃO

Com o objetivo de contribuir com as Secretarias de Educação na implementação dos Parâmetros e Referenciais Curriculares, a SEF desenvolveu o Programa “PCN em Ação”, que tem como objetivo disponibilizar para os sistemas, de forma organizada, os conteúdos e as metodologias de formação. É uma ação estratégica, por incidir diretamente na organização das Secretarias e ter como proposta de trabalho a constituição de grupos de formação de professores, preferencialmente na própria unidade escolar, estimulando uma prática de trabalho coletivo. Não se trata de um curso que tenha um fim: são grupos de trabalho que devem incorporar também as discussões e as decisões postas para os professores no decorrer de sua ação profissional.

Para ampliar o Programa “PCN em Ação” e subsidiar a formação dos educadores envolvidos para que contemplem em suas ações o trabalho com as questões da ética no convívio escolar, temática essencial para o sucesso da escola, o MEC/SEF está disponibilizando às Secretarias de Educação a proposta de trabalho *Ética e cidadania no convívio escolar*, dirigida às escolas de todos os níveis e elaborada com a intenção de desencadear ações que promovam a formação ética dos alunos, a análise e a reflexão sobre o papel educativo do cotidiano escolar e o fortalecimento das comunidades escolares pela tomada de decisões e pela elaboração de projetos coletivos, reafirmando o papel da escola e dos educadores nessa formação.

A proposta consiste na formação de um *grupo de trabalho*, em cada escola, constituído por *educadores* (diretores, orientadores pedagógicos, professores, funcionários dos diferentes setores, familiares e responsáveis pelos alunos)¹ que se proponham a mobilizar seus parceiros para provocar mudanças, para transformar a escola num espaço de vivência de relações éticas e democráticas, de participação cooperativa e que, para isso, se disponham a analisar a vida da escola do ponto de vista dos direitos de cidadania e dos princípios éticos.

Esse *grupo de trabalho* terá reuniões sistemáticas para discutir questões da escola, planejar intervenções que modifiquem o ambiente escolar e o tornem mais prazeroso e acolhedor e que vá, pouco a pouco, envolvendo a todos. No

¹ Não se propõe aqui a participação dos alunos porque a proposta é para escolas de todos os níveis, desde infantil até médio. Essa participação deve ser considerada pelo grupo, levando em conta a realidade de sua escola.

decorrer do trabalho, serão tratadas questões concernentes às relações vividas na escola (convívio escolar), tais como: os direitos da cidadania brasileira que podem (e devem) ser vivenciados na escola; atitudes de respeito e acolhimento dos alunos e das famílias; participação dos alunos nas decisões das questões do convívio escolar; responsabilidades de crianças, jovens e adultos no convívio escolar e as relações da escola com a comunidade.

É importante ressaltar que a implantação de propostas dessa natureza no espaço escolar deve ser acompanhada de uma série de preocupações e providências sem as quais a efetividade das propostas pode tornar-se mínima. Dentre essas preocupações e providências podem-se citar:

- a) a importância de que o trabalho seja conduzido por um grupo democraticamente constituído e no qual todos os participantes do processo educativo estejam representados (professores, direção, equipe técnica, funcionários e pais);
- b) a importância do apoio dado pela direção da escola ao encaminhamento da proposta;
- c) a preocupação constante do grupo de trabalho com a divulgação das ações e a certeza de que a comunidade escolar está ficando a par de todas as iniciativas e proposições.

Deve-se ressaltar que a participação, no grupo de trabalho, de pais e responsáveis pode ser um objetivo a ser atingido e não uma exigência que impossibilite o início e o desenvolvimento da proposta.

As atividades aqui contidas (assim como os textos e os vídeos que as acompanham) foram pensadas para subsidiar a atuação desse grupo de trabalho inicial. Entretanto, como não poderia deixar de ser, não esgotam as possibilidades nem as necessidades de um trabalho dessa natureza. Será, portanto, imprescindível que os educadores de cada escola as *recriem* para que ganhem vida: façam adaptações à sua realidade, inventem novas ações, acrescentem outros materiais, enfim, apropriem-se da proposta e tornem-na sua. Somente assim terão realmente o poder de transformação desejado.

COMPOSIÇÃO DO MATERIAL

Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho é constituída por um conjunto de materiais produzidos com o propósito de apoiar os educadores em seu trabalho de formação de cidadãos conscientes e preparados para a convivência democrática. São eles:

- 1) um *cartaz* anunciando a existência do grupo de trabalho e convidando à participação;
- 2) este *livro* com o texto principal da proposta, intitulado *Ética e cidadania no convívio escolar: Unidades de trabalho*;
- 3) uma *revista* apresentando diversas experiências com essa temática realizadas com sucesso em diferentes escolas;
- 4) um *catálogo*, no qual se encontram uma bibliografia comentada, além de uma série de endereços e telefones de instituições que podem auxiliar o desenvolvimento das unidades de trabalho e de outras ações a serem planejadas e desenvolvidas na comunidade escolar;
- 5) duas fitas de *vídeo* com documentários e programas para serem utilizados durante a preparação e o desenvolvimento das atividades propostas nas unidades de trabalho.

Secretaria de Educação Fundamental

POR QUE “ÉTICA E CIDADANIA NO CONVÍVIO ESCOLAR”?

A democracia não se resume à participação, mas depende de um tipo de participação: aquela sustentada por valores, tais como o respeito mútuo, a tolerância, a abertura para mudança em função de análise de fatos e a consideração de todos os seres humanos como detentores dos mesmos direitos sociais e políticos.

Em consonância com a função social da escola, os dois primeiros Objetivos do Ensino Fundamental definidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que a educação escolar deve possibilitar que os alunos se tornem capazes de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

Não há dúvida de que atingir esses objetivos se tem constituído grande desafio para todos os educadores: professores, direção, equipes técnicas, funcionários e pais. No entanto, fica cada vez mais claro que o espaço escolar é um lugar privilegiado para a formação do cidadão, tendo em vista o convívio social e a possibilidade de viver experiências educativas que somente a educação escolar, conduzida por profissionais formados para esse fim, pode proporcionar.

Quando se pensa na formação integral do cidadão, os conteúdos da educação escolar devem ser considerados em sua totalidade, ou seja: *fatos e conceitos* – o que os alunos devem *aprender a conhecer*; *procedimentos* – o que os alunos devem *aprender a fazer*; *valores, atitudes e normas* – o que os alunos devem *aprender a ser* e que necessitam para *aprender a viver juntos*.

Esta proposta de trabalho encontra-se articulada de forma coerente com as idéias acima, procurando apresentar aos educadores interessados uma forma de se organizar e se preparar para desenvolver no espaço escolar e na comunidade ações educativas relativas à ética e à cidadania.

ÉTICA E CIDADANIA¹

A efetivação da cidadania exige tanto a existência de um estado de direito como de um convívio social regido pelos

¹ Veja também o documento de Ética dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

princípios democráticos. Para isso, é necessário que, além dos governantes, cada cidadão legitime esses princípios e oriente sua atuação social e seu comportamento pessoal por eles.

Entretanto, embora os discursos afirmem a necessidade de se manter uma postura ética² em todas as atividades sociais, há diferentes valores sendo praticados, muitas vezes contraditórios com esses discursos. Há o discurso e as práticas justas, mas há também a ideologia de levar vantagem em tudo, a busca e a aceitação de privilégios. Há a preocupação com a cooperação e a solidariedade, mas também o individualismo e a ambição desmedida. Há uma grande preocupação com a preservação dos recursos e dos ambientes planetários, mas há uma enorme resistência das pessoas em mudar hábitos que geram desperdícios, poluição e agressões ao meio ambiente. Existe o discurso da igualdade e do respeito, mas também a desigualdade, a discriminação e o preconceito. É muito comum ver a mesma pessoa que protesta com relação à violência na sociedade apresentar condutas violentas no trânsito ou no ambiente de trabalho.

O campo ético é, portanto, um campo polêmico, pois ainda que todos concordem em relação aos princípios que orientam a democracia e os direitos dos cidadãos, na prática estamos longe deles, e há situações em que é difícil saber como efetivá-los.

Por esse motivo, a preocupação com a ética deve ter um lugar muito importante nas propostas educativas escolares: são os princípios éticos da vida em sociedade que devem orientar o trabalho educativo, desde o ensino das áreas até as relações entre as pessoas no dia-a-dia da escola, inclusive com as famílias dos alunos.

Nossa sociedade, e cada um de nós, vive momentos preocupantes, não só em função do que acontece no Brasil, mas também no mundo: guerras, violência, desrespeito aos direitos humanos, discriminação, intolerância, corrupção, abuso de drogas, Aids, gravidez indesejada, drásticas transformações no mundo do trabalho e tantos outros problemas, cujo enfrentamento exige clareza dos valores que devem orientar as ações de cada cidadão, mantendo a perspectiva em direção à democracia e aos direitos de cidadania. Mais do que nunca, é preciso recuperar os princípios éticos na

² A ética é entendida aqui como conjunto de princípios que se expressam no comportamento das pessoas, no funcionamento das instituições, nas leis, etc.

formação das novas gerações, para alimentar a esperança de que a humanidade possa, em um futuro próximo, superar esses grandes problemas, construindo uma sociedade verdadeiramente justa e democrática. A educação para a cidadania pauta-se necessariamente pela afirmação de princípios éticos democráticos que se realizam tanto no nível da vida pessoal como na atuação social.

ESCOLA, DEMOCRACIA E CIDADANIA

Aprender a ser cidadão é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência; aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos alunos, e portanto podem e devem ser ensinados na escola.

Para que os alunos possam aprender e assumir os princípios éticos, são necessários pelo menos dois fatores:

- 1) que os princípios se expressem em situações reais, nas quais possam ter experiências e nas quais possam conviver com a sua prática;
- 2) que haja um desenvolvimento da sua capacidade de autonomia moral, isto é, da capacidade de analisar e eleger valores para si, consciente e livremente.

A melhor forma de ensiná-los, portanto, é fazendo com que sejam vivenciados. Mais do que os discursos, são a prática, o exemplo, a convivência e a reflexão sobre eles em situações reais que farão com que os alunos desenvolvam atitudes coerentes com os valores que queremos ensinar. Por isso o convívio escolar é um elemento-chave na formação ética dos alunos. E, ao mesmo tempo, é o instrumento mais poderoso que a escola tem para cumprir sua tarefa educativa nesse aspecto. Daí a necessidade de os adultos reverem o ambiente escolar e o convívio social que ali se expressa, a partir das próprias relações que estabelecem entre si e com os alunos.

O acolhimento dos alunos – de suas diferenças, potencialidades e dificuldades –, o papel reservado a eles na instituição, o cuidado e a atenção com suas questões e problemáticas de vida precisam concretizar o respeito mútuo, o diálogo, a justiça e a solidariedade que queremos ensinar. Caso contrário, não estaremos dando nenhuma razão plausível para que os alunos os aprendam e os pratiquem.

Este Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho deve ser visto como um processo pelo qual a

comunidade escolar pode iniciar, retomar ou aprofundar ações educativas.

As atividades presentes nas nove *unidades de trabalho* que compõem esta proposta foram criadas levando em consideração diversas experiências anteriormente realizadas, relatórios de trabalho de congressos e fóruns educacionais, além da experiência profissional dos responsáveis pelos diversos níveis de elaboração de todo o material.

Com relação às experiências anteriormente realizadas, relatadas em diversos documentos, como, por exemplo, no livro *Educação: um tesouro a descobrir*,³ destacam-se algumas idéias explicitadas a seguir:

- Escolas nas quais são respeitados claramente princípios como respeito mútuo, solidariedade, justiça e diálogo, nas quais os alunos se apropriam de canais de participação na vida escolar e são incentivados pelos educadores a fazê-lo, são aquelas em que se cria um espaço democrático, do qual emergem as características de uma cidadania plena.
- Os educadores devem sempre estar atentos à coerência entre o discurso e a ação: respeitar para ser respeitado, assumir e cumprir suas responsabilidades como forma de ensinar aos alunos a importância da responsabilidade.
- A participação dos alunos na escola e na comunidade ajuda a formar seu caráter de cidadãos. Em particular, a participação dos diferentes atores da comunidade educativa nas tomadas de decisão é uma prática cívica – uma atuação no espaço público democrático que possibilita um conhecimento prático dos processos que caracterizam a vida cívica e política na comunidade. A participação nas decisões vai de simples contribuições à manutenção e à organização do espaço, por exemplo, possível desde a mais tenra idade, até a participação em decisões gerenciais e acadêmicas, como é o caso do Conselho de Escola, possível a alunos mais velhos.
- A disposição para a mudança e para a transformação da escola (incluindo formação de professores, trabalho com os alunos, participação dos demais funcionários, articulação com a comunidade) potencializa sua capacidade de atuação e fortalece todo o trabalho educativo escolar. A escola tem mais força para atingir suas metas educativas com os alunos, o que reforça a própria instituição e produz um efeito cumulativo, proporcionando transformações cada vez mais profundas e duradouras.

³ Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/Unesco, 1999.

ORIENTAÇÕES GERAIS

As escolas que desejarem desenvolver esta proposta de trabalho receberão do MEC material impresso e videográfico necessário para seu desenvolvimento.

Em contrapartida, responsabilizar-se-ão pela:

- 1) criação de um grupo de trabalho de adesão voluntária para o desencadeamento de discussões e ações mobilizadoras em torno das temáticas de Ética e Cidadania no convívio escolar;
- 2) preparação de local e de recursos materiais para o desenvolvimento dos trabalhos;
- 3) formulação de cronograma local de desenvolvimento das ações, de forma a possibilitar que todos os participantes da comunidade escolar que o desejem tenham condições de participar;
- 4) distribuição do material.

Também é essencial que as escolas incluam em seu plano de trabalho ações que dêem continuidade ao trabalho. Assim, é fundamental viabilizar condições, como, por exemplo:

- 1) horários de trabalho para que a comunidade escolar possa planejar e desenvolver coletivamente ações educativas;
- 2) material bibliográfico/videográfico e assinatura de jornais/revistas, que constituirão um acervo básico para que os educadores se atualizem continuamente;
- 3) interação com especialistas em educação/pesquisadores da própria região ou de outros locais que possam contribuir para ampliar as reflexões que acontecem nas escolas;
- 4) busca de parceria e integração com outros órgãos e instituições governamentais e não-governamentais para a continuidade deste projeto e criação de ações que mantenham este trabalho em desenvolvimento permanente.

ENCAMINHANDO A PROPOSTA

O encaminhamento deste *Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho* depende de algumas providências práticas. Primeiramente, é preciso reunir um grupo de trabalho, ou seja, o grupo que irá desenvolver as atividades presentes nas nove *unidades de trabalho*. A formação e a organização desse grupo de trabalho são justamente o tema da unidade 1: O grupo de trabalho.

O *grupo de trabalho* deve ser constituído por pessoas que tenham disposição para planejar e realizar ações no espaço escolar com o principal objetivo de desenvolver a educação para a ética e para a cidadania, além de participar das reuniões nas quais as unidades de trabalho serão desenvolvidas. É importante que cada participante do grupo de trabalho compreenda a necessidade dessa disposição para a realização de ações, evitando uma prática em que só ocorrem reuniões e discussões, porém nenhuma ação concreta. Nesse sentido, todas as unidades de trabalho contêm propostas de ação envolvendo os membros da comunidade escolar: professores, direção, equipe técnica, funcionários, alunos e seus familiares.

A NECESSIDADE DE UMA COORDENAÇÃO

Para que o grupo de trabalho funcione bem e desenvolva satisfatoriamente as atividades e as propostas de ação presentes nas unidades de trabalho, é preciso haver uma coordenação. Esta pode ser exercida por uma dupla, um trio, ou por uma pessoa que se encarregue da viabilização e da direção dos trabalhos. Cabem à coordenação algumas tarefas e providências necessárias ao bom andamento das atividades durante o desenvolvimento das unidades de trabalho, bem como garantir que as propostas de ação e outras iniciativas criadas pelo grupo de trabalho possam ser efetivadas no espaço escolar.

Dentre as providências necessárias ao bom andamento das atividades propostas nas unidades de trabalho, devem ser ressaltadas:

- 1) escolha de local e horário adequados para as reuniões;
- 2) leitura antecipada das unidades de trabalho e planejamento de cada reunião, considerando, inclusive, as necessárias adaptações das propostas, de modo a conseguir o melhor desenvolvimento possível de cada atividade;
- 3) preparação dos materiais que serão utilizados em cada atividade (todas as atividades contêm a lista de materiais necessários à sua realização);
- 4) preocupação em guardar os diversos materiais que serão produzidos nas atividades (cartazes, textos, desenhos e outros registros).

Uma das funções da coordenação é adaptar as propostas presentes nas unidades de trabalho às reais condições da escola na qual elas estão sendo implementadas. Uma das principais condições que a coordenação deve considerar é se na

escola já existem iniciativas relacionadas às temáticas da unidade em questão. Em caso positivo, é importante que na implementação das idéias deste *Ética e cidadania no convívio escolar* sejam consideradas essas iniciativas, integrando as ações e unindo esforços.

É importante ressaltar que as unidades de trabalho estão organizadas por temas e não precisam necessariamente ser desenvolvidas na ordem em que aparecem. O coordenador, discutindo com o grupo, pode, e deve, construir uma seqüência de trabalho que atenda da melhor forma às prioridades da escola.

A partir da leitura antecipada da unidade de trabalho, a coordenação prepara os encontros do grupo de trabalho. Ao planejar cada encontro, o coordenador deve estabelecer uma meta de trabalho. Espera-se que, em função desses encontros e das discussões e tarefas propostas em cada um deles, o grupo se prepare para agir na escola, criando e implementando ações com o propósito de enfrentar os principais problemas relativos às questões de *ética e cidadania* com a comunidade escolar.

As nove unidades de trabalho que compõem este *Ética e cidadania no convívio escolar* foram pensadas para serem desenvolvidas em diversos encontros do grupo de trabalho. Cada um desses encontros, considerando as condições da maioria de nossas escolas, foi imaginado como tendo uma duração aproximada de duas horas. Entretanto, caberá ao coordenador a avaliação do tempo efetivamente necessário e do número de encontros adequado ao desenvolvimento de cada unidade. Preocupada com o bom desenvolvimento das atividades propostas em cada unidade de trabalho, a coordenação deve ficar sempre atenta à necessidade de o grupo dedicar mais tempo à leitura e ao entendimento de um texto, ou à necessidade de repetir a exibição de um vídeo para que todos os participantes possam acompanhar as discussões e as reflexões produzidas no decorrer dos trabalhos.

Com relação à escolha e à preparação de local adequado para as reuniões, a coordenação deve sempre verificar se, entre os equipamentos a serem utilizados, está a aparelhagem de vídeo. Nesse caso, é muito importante deixá-lo preparado, com a fita já posicionada no início do programa a ser assistido. Essa preparação evita a dispersão dos participantes e a perda de tempo no momento em que as unidades de trabalho estão sendo desenvolvidas pelo grupo.

Durante a realização dos encontros, muito material será produzido pelos participantes: cartazes, frases comentando idéias, murais, textos. Apesar de o trabalho de organizar e arquivar esse material ser de responsabilidade de todo o grupo, é importante que a coordenação fique atenta para a realização dessas tarefas, pois o desenvolvimento das ações na escola depende muito delas.

Um importante aspecto a ser considerado pela coordenação e, posteriormente, pelo próprio grupo de trabalho é a participação de pais em sua composição. Se na escola já existe participação de pais, seja na APM ou em outro trabalho de apoio ao funcionamento escolar, então pode-se considerar a possibilidade de integrar alguns deles ao grupo de trabalho desde os primeiros encontros. Porém, se a situação na escola é muito complicada e não existe, ainda, nenhum tipo de trabalho com relação aos problemas que afligem a comunidade, não havendo, ainda, a participação de familiares no cotidiano escolar, é melhor estruturar o grupo de trabalho primeiro para depois planejar como será a integração de pais ou responsáveis.

Por fim, deve-se ressaltar que a coordenação precisa estar sempre atenta à necessidade de avaliar cada encontro do grupo de trabalho. Essa avaliação deve considerar basicamente dois aspectos: de um lado, se as atividades contidas nas unidades de trabalho foram bem desenvolvidas; de outro, se as propostas de ação decididas durante as reuniões estão sendo implementadas no espaço escolar.

AS UNIDADES DE TRABALHO

Nas páginas a seguir, apresentamos as nove unidades de trabalho organizadas por temas:

Unidade 1: O grupo de trabalho

Unidade 2: As múltiplas dimensões da educação escolar

Unidade 3: Nossos alunos: cidadãos do presente e do futuro

Unidade 4: Escola e família

Unidade 5: A escola na comunidade

Unidade 6: Respeito mútuo

Unidade 7: Cooperação/solidariedade/diálogo/responsabilidade

Unidade 8: Direitos, deveres e textos legais

Unidade 9: Projetos

Cada unidade de trabalho é composta por uma introdução,

sempre seguida de atividades reflexivas sobre o assunto em questão.

A introdução e a primeira atividade proposta em cada unidade de trabalho têm sempre a intenção de sensibilizar o grupo para o tema em questão. Em seguida, são apresentadas atividades com o intuito, principalmente, de analisar como os problemas considerados estão presentes na realidade de cada escola. Em todas as unidades de trabalho, após a análise da realidade da escola na qual a proposta está sendo encaminhada, encontram-se atividades nas quais são feitas algumas propostas práticas de ação no espaço escolar. Sempre que uma atividade é proposta ao grupo de trabalho, apresenta-se a lista de materiais necessários ao seu bom desenvolvimento.

Em algumas atividades, além dos materiais utilizados diretamente, existem sugestões de *materiais complementares*: vídeos e textos que possibilitam o aprofundamento das discussões e o desdobramento do trabalho em novas propostas de ação.

Os participantes do grupo precisam ter bem claro que as unidades de trabalho não devem ser encaradas como *receitas prontas*, mas devem ser adaptadas às reais condições da comunidade escolar na qual estão sendo desenvolvidas. Somente o esforço pessoal de cada participante, orientado pelas discussões e pelas decisões coletivas, pode tornar as ações propostas uma realidade em sua escola.

Mãos à obra e bom trabalho!

Unidade 1

O GRUPO DE TRABALHO

INTRODUÇÃO

Esta primeira unidade de *Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho* destina-se à organização de um *grupo de trabalho* composto por educadores da escola (professores, funcionários, direção e coordenação). Esse grupo, com o apoio desta *proposta de trabalho*, irá desenvolver ações que proporcionem à comunidade escolar vivências e aprendizagens relativas à ética e à cidadania, além de colaborar para que a própria escola continue sendo um espaço de formação do cidadão, intenção esta que deve estar presente em todos os momentos do processo educativo.

O *grupo de trabalho* deve ser o mais representativo possível de toda a comunidade escolar. Nesse sentido, a participação de pais, alunos e representantes da comunidade deve ser uma das metas do grupo. O processo de integração de pais e alunos depende das condições já existentes na escola em que o grupo de trabalho se está formando. Se em uma escola a Associação de Pais e Mestres é atuante, colaborando com o desenvolvimento do trabalho pedagógico, ou mesmo se já existe um grupo de pais que apóia o trabalho da direção e dos professores, então a participação desses pais no grupo de trabalho pode dar-se desde o começo. No entanto, se na comunidade escolar em que o grupo de trabalho se está formando ainda não existe uma participação efetiva dos pais na vida escolar, então os educadores que se responsabilizarem pelo encaminhamento desta *proposta de trabalho* devem ter como um de seus objetivos *garantir a participação* de pais no desenvolvimento das propostas contidas neste *Ética e cidadania no convívio escolar*. Esse objetivo deve ser atingido o mais rapidamente possível. Nesta unidade 1 há uma proposta de atividade que tem por finalidade a avaliação da composição inicial do grupo de trabalho para estabelecer metas de ampliação, caso seja necessário.

Essa mesma postura pode ser assumida com relação à participação dos alunos. Nesse caso, é importante lembrar que a *participação* é ela própria um conteúdo a ser aprendido pelos alunos. A educação escolar tem como um de seus objetivos mais amplos formar cidadãos que saibam exercitar seus direitos democráticos e que tenham consciência de suas responsabilidades. Para atingir esses objetivos, o espaço escolar deve ser local de práticas democráticas e também de ex-

periências nas quais o exercício da responsabilidade se estabeleça de forma compatível com o desenvolvimento dos alunos, podendo culminar com a formação cidadã esperada.

As diversas atividades propostas nesta unidade 1 têm como objetivos principais:

- 1) informar aos participantes o que é este *Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho*;
- 2) integrar os membros do grupo e dar início a alguns debates em torno dos problemas relacionados à ética e à cidadania na escola;
- 3) avaliar a composição do grupo e considerar a necessidade de convidar outras pessoas da comunidade escolar para participar;
- 4) refletir sobre quais são os problemas mais importantes que a escola tem enfrentado e começar a pensar em propostas que possam transformar essa realidade.

É importante ressaltar que, sendo a meta principal desta proposta de trabalho a educação relativa às questões de ética e cidadania no convívio escolar, o grupo de trabalho que vai se preparar para desenvolver ações na escola deve ter como princípios a democracia e o direito de participação. Coerente com essa idéia, todos os participantes devem ter direito à palavra e às decisões, independentemente de cargo ou tempo de trabalho.

CONHECENDO ÉTICA E CIDADANIA NO CONVÍVIO ESCOLAR – UMA PROPOSTA DE TRABALHO (leitura seguida de debate)

Material necessário

Papel e caneta para anotações. Cópias do texto “O que é esta proposta” para a leitura dos participantes.

Os participantes fazem uma leitura do texto “O que é esta proposta”, que se encontra no início deste livro, e refletem sobre suas possibilidades de contribuir com um trabalho que possa produzir mudanças significativas no convívio escolar, relativas às questões de ética e cidadania.

Os participantes lêem o texto “O que é esta proposta” duas vezes. A primeira leitura é silenciosa, para que cada um possa ter uma idéia completa da proposta.

A segunda leitura é feita em voz alta por um dos participantes. A pessoa que está lendo interrompe a leitura a cada parágrafo, para que os participantes possam fazer comentários e apresentar suas opiniões sobre o que está sendo proposto.

- ❑ Sempre que algum participante tiver uma idéia do que fazer, ou mesmo fizer um comentário que outras pessoas do grupo achem interessante, a idéia ou o comentário devem ser anotados, para que não se percam na discussão. É bom escolher um ou dois participantes que se responsabilizem pelas anotações; estes podem inclusive pedir às pessoas que repitam suas falas, quando for necessário.
- ❑ Guardar as produções do grupo ocorridas durante as atividades é muito importante. Essas produções podem ser utilizadas em outros momentos, ou mesmo ser retomadas posteriormente para se transformar em projetos de trabalho.

QUEM SOMOS E POR QUE ESTAMOS AQUI (dinâmica de grupo com produção e registro de reflexões)

Material necessário

Papel e caneta para confeccionar pequenos cartazes com as reflexões produzidas na atividade. Caixa com as frases a serem sorteadas pelos participantes. Essas frases encontram-se na página 28.

Esta atividade tem o propósito de promover o conhecimento interpessoal, utilizando-se uma dinâmica de grupo na qual os participantes se apresentam e realizam uma reflexão sobre temas relacionados à ética e à cidadania.

- ❑ A dinâmica tem início com os participantes sorteando um papel que contém metade de uma frase. As frases encontram-se em uma página no final desta unidade. São oito frases ao todo, servindo, portanto, a um grupo de até 16 pessoas (meia frase para cada um). No caso de serem mais de 16 pessoas, pode-se pesquisar mais frases, ou repetir algumas.
- ❑ As meias frases deverão estar em uma caixa, ou saquinho, para que cada participante retire uma.
- ❑ Uma vez retirada a meia frase, o participante sai à procura da pessoa que está com a outra metade de sua frase, formando com ela uma dupla.
- ❑ Cada dupla recém-formada realiza a seguinte seqüência de ações:
 - 1) Cada componente da dupla se apresenta ao outro. Essa apresentação deve considerar pelo menos três aspectos: a) nome completo e apelido (se tiver); b) função que ocupa na escola (no caso de ser educador), ou relação que tem com a escola (no caso de ser pai ou representante da comunidade); c) qual é o seu sonho em relação ao trabalho que se está iniciando.

2) A dupla faz uma reflexão sobre a mensagem da frase, considerando as imagens, os sentimentos, as situações e as experiências passadas que lhe vêm à mente quando a lê. Essa reflexão deve ser sintetizada pela dupla com um pequeno texto, que pode ser também uma outra frase.

□ A última atividade proposta nesta unidade 1 é Confeccionando o mural do grupo de trabalho. Os textos escritos pelas duplas nesta atividade poderão compor o *mural do grupo de trabalho*. Para isso, cada texto deve ser copiado em um pequeno cartaz que, posteriormente, será exposto no mural para conhecimento da comunidade escolar.

□ Terminada a tarefa de cada dupla, os participantes formam um círculo e realizam a socialização das reflexões produzidas. Cada membro de uma dupla apresenta o seu companheiro e, em seguida, a dupla lê o resultado de suas reflexões. Na apresentação não se devem esquecer os três aspectos salientados anteriormente: nome completo e apelido (se tiver), função na escola ou relação que tem com a comunidade escolar e qual o seu sonho.

□ As produções de cada dupla podem, então, compor uma parte do mural do grupo de trabalho quando este for construído.

AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO DO GRUPO (debate entre os participantes e tomada de providências)

A *participação* deve ser uma preocupação permanente do grupo de trabalho. No entanto, mesmo com um número grande de participantes, o grupo pode ter alguns problemas de representatividade. Por exemplo, constituir-se, inicialmente, apenas de professores, faltando representantes da equipe técnica, da direção, dos funcionários e familiares dos alunos.

O objetivo principal desta atividade é avaliar se o grupo de trabalho que se está formando precisa ser ampliado em sua representatividade, além de pensar em *como e quando* (em quanto tempo) essa ampliação deverá ser feita.

□ Com os participantes dispostos em círculo, cada um faz a sua avaliação sobre a composição do grupo e diz quais são as pessoas que deveriam ser convidadas.

❑ Uma vez definida uma lista de pessoas a serem convidadas, deve-se, em seguida, designar quem são os participantes que irão procurar essas pessoas e lhes fazer o convite.

Observação: deve-se considerar também a possibilidade de o grupo crescer muito de uma reunião para outra. Nesse caso, talvez seja necessário realizar alguma dinâmica para a apresentação dos novos participantes. Todos devem estar atentos a essa necessidade em qualquer momento do trabalho.

PENSANDO NA ESCOLA QUE TEMOS, IMAGINANDO A ESCOLA QUE QUEREMOS (dinâmica reflexiva seguida de produção de mural)

Material necessário

Papel para fazer cartazes (cartolina ou algo que a substitua). Folhas de papel sulfite e canetas coloridas. Caso o grupo ainda não tenha um mural organizado, verificar a atividade Confeccionando o mural do grupo de trabalho.

A principal finalidade desta atividade é começar a refletir sobre a vida na escola e sobre o que mobilizou os presentes a participar do trabalho em questão.

O que nos aflige? Onde é mais importante atuar? O que se deve fazer primeiro? A dinâmica a seguir foi organizada com o propósito de ajudar a refletir sobre questões como essas. Quais são os problemas que podem ser trabalhados primeiro? Quais aqueles que poderiam ser resolvidos mais rapidamente dando ânimo ao trabalho e quais os mais difíceis e de resolução demorada e trabalhosa?

Para orientar as discussões e torná-las mais objetivas, a atividade foi organizada em torno de quatro frases a serem completadas. Cada frase aborda um dos aspectos da vida escolar mencionados anteriormente. As frases a serem completadas são:

Se nós tivéssemos o poder de solucionar **um** grande problema desta escola, esse problema seria:...

Se nós tivéssemos de eleger o aspecto mais positivo da escola, esse aspecto seria:...

Na escola dos nossos sonhos, é imprescindível que exista:...

Para caminhar em direção à escola dos nossos sonhos, o primeiro passo deve ser:...

Para desenvolver a atividade, pode-se realizar a dinâmica a seguir:

- Primeiramente, cada pedaço de frase acima deve ser copiado no alto de uma cartolina, como se fosse um título.
- Os participantes dividem-se em equipes com três integrantes (no máximo).
- Cada equipe discute as frases e completa cada uma delas.
- Em seguida, a equipe copia cada complemento de frase em uma folha sulfite. Essa folha será então colada no cartaz correspondente.
- Após as equipes terem colado os complementos das frases nos respectivos cartazes, cada participante lê todos os cartazes e responde à seguinte questão: em cada cartaz, qual frase eu considero mais importante?
- Depois de lidos todos os cartazes, o grupo reúne-se em círculo e cada participante menciona o complemento da frase que ele escolheu. Para cada cartaz, a frase completa mais escolhida é anotada por todos.
- Essas “frases eleitas” devem ser colocadas no *mural* do grupo de trabalho, divulgando as reflexões e as preocupações para toda a comunidade escolar. Para isso, as frases podem ser recopiadas completas em uma folha de papel com tamanho e formato convenientes para ser afixada no mural do grupo de trabalho.

**CONFECCIONANDO O MURAL
DO GRUPO DE TRABALHO
(atividade de produção e manutenção
do mural do grupo de trabalho)**

Manter a comunidade escolar bem informada sobre as atividades do grupo de trabalho é fundamental para que todos possam envolver-se nas propostas do grupo. Essa comunicação pode ser feita com um *mural*, composto por frases, comentários e outras produções das reuniões do grupo de trabalho.

- Deve-se escolher um bom local para afixar o mural. De preferência, um local em que ele possa permanecer por bastante tempo (até o final do ano, pelo menos), para que as pessoas se acostumem a lê-lo com frequência, acompanhando as novidades do trabalho. Outra característica importante

do mural é estar em um local que costuma ser freqüentado por muitas pessoas da comunidade escolar, de modo que elas possam ter algum tempo para ler as novidades.

❑ O mural deve comunicar sempre a data e o horário dos próximos encontros do grupo de trabalho.

❑ Quando o mural já estiver exposto há algumas semanas, é importante modificar sua disposição e a organização das partes, para que as pessoas notem que há novidades para serem lidas. Trocar a cor do fundo do mural é uma boa forma de chamar a atenção para novidades. Molduras coloridas também são interessantes para esse fim.

❑ É absolutamente indispensável que o grupo de trabalho mantenha sempre dois ou três participantes como *responsáveis pela manutenção do mural* no dia-a-dia. É comum soltarem-se partes, ou haver a necessidade de rearrumar os documentos para que algo novo possa caber. Os responsáveis devem manter o mural em bom estado enquanto não se colocam novas produções. Esses responsáveis podem ser escolhidos em sistema de rodízio no grupo. Esse rodízio é interessante também para que todos possam exercitar sua criatividade e capacidade de comunicação, principalmente aqueles que, em geral, têm pouca participação nesse tipo de atividade, como os funcionários da administração, da manutenção e mesmo os familiares dos alunos.

❑ Outra função dos responsáveis é cuidar do material para produção do mural: cartolina, fita crepe, durex, canetas coloridas, folhas de papel colorido para fazer molduras ou o fundo do mural, tesoura, cola, etc.

Frases para serem utilizadas na atividade Quem somos e porque estamos aqui:

NADA MAIS PODEROSO DO QUE UMA IDÉIA
QUE CHEGOU NO TEMPO CERTO. (Victor Hugo)

SOMOS O QUE FAZEMOS, MAS SOMOS, PRINCIPALMENTE,
O QUE FAZEMOS PARA MUDAR O QUE SOMOS. (Eduardo Galeano)

LEMBRA QUE O SEGREDO DA FELICIDADE ESTÁ NA LIBERDADE,
E O SEGREDO DA LIBERDADE, NA CORAGEM. (Tucídides)

NENHUM DE NÓS É TÃO BOM E INTELIGENTE
QUANTO TODOS NÓS... (Marilyn Ferguson)

UMA VISÃO SEM UMA TAREFA É APENAS UM SONHO.
UMA TAREFA SEM UMA VISÃO É SOMENTE UM TRABALHO ÁRDUO.
MAS UMA VISÃO COM UMA TAREFA PODE MUDAR O MUNDO.
(Declaração de Mount Abu)

AQUELE QUE DESEJA SUBIR AO ALTO
DEVE APRENDER A VOAR CONTRA O VENTO. (Provérbio chinês)

QUANTO MAIS EU REZO,
MAIS ASSOMBRAÇÃO ME APARECE! (Dito popular)

EU QUERO PERTENCER PARA QUE MINHA FORÇA NÃO SEJA INÚTIL
E FORTIFIQUE UMA PESSOA OU UMA COISA [...] (Clarice Lispector)

Unidade 2

AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

INTRODUÇÃO

Educar, pois, providamente a juventude é providenciar para que os espíritos dos jovens sejam preservados das corruptelas do mundo e para que as sementes de honestidade neles lançadas sejam, por meio de admoestações e exemplos castos e contínuos, estimuladas para que germinem felizmente... (*Didática magna*, de João Amós Comênio, publicado em 1657.)

O objetivo desta unidade, como afirma o título, é refletir sobre as *múltiplas dimensões da educação escolar*. O que são essas “múltiplas dimensões”? E por que “educação escolar”?

Na sociedade em que vivemos, a educação das crianças e dos jovens ocorre em dois espaços diferentes e inter-relacionados: o espaço “familiar” e o espaço social. Chama-se educação “familiar” aquela que resulta da convivência da criança com os adultos que são responsáveis por sua criação, o que, em geral, é feito por familiares, principalmente pai, mãe e avós. Mas, não nos podemos esquecer, muitas crianças em nossa sociedade são criadas por pais adotivos (legais ou não), parentes distantes, ou mesmo por profissionais de instituições especializadas, o que explica as aspas acima. Por sua vez, no espaço social ocorre a educação realizada por profissionais que são formados para esse trabalho: a educação formal ou escolar. Para realizar essa educação formal, a sociedade conta com uma instituição criada e organizada para isso: a escola.

Em nossa sociedade, a maioria das crianças começa a freqüentar a escola com uma idade entre três e seis anos. Ao ingressar na escola, cada criança passa a ter uma experiência de convívio social que é impossível reproduzir na situação familiar. Além disso, desde muito pequenas, as crianças sabem que existe a necessidade de ir para a escola. Nesse sentido, a experiência socializadora proporcionada pela escola é insubstituível na formação de um cidadão livre e consciente de seus direitos e responsabilidades.

A educação escolar tem como finalidade principal a formação integral do cidadão, incluindo-se nessa educação o preparo para viver em uma sociedade democrática, compreendendo os princípios éticos que devem regular o convívio social nas mais diversas situações.

REFLETINDO SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

(exibição de vídeo seguida de debate)

Observação: as três atividades a seguir estão ligadas. O texto produzido nesta atividade será utilizado nas duas seguintes. Por isso, é importante guardar as produções desta atividade.

Material necessário

Papel (cartolina ou similar) e caneta para anotações. Fita de vídeo que faz parte do material deste *Ética e cidadania no convívio escolar*, para exibição do programa *A função social da escola*.

Para começar, uma reflexão sobre a educação escolar e suas múltiplas dimensões. A proposta é assistir a um programa que faz parte da coleção *Raízes e Asas*, produzido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec – e veiculado pela TV Escola. O título do programa é *A função social da escola* e sua duração é de 15 minutos. Após assistirem ao vídeo, os participantes podem realizar a dinâmica a seguir, que tem como propósito principal sintetizar as idéias do grupo sobre o tema, ou seja, sobre as múltiplas dimensões da educação escolar.

O vídeo *A função social da escola* tem início com uma cena na qual uma professora tenta ensinar língua portuguesa a seus alunos. Ao final dessa cena, uma série de questões relativas às funções da escola são apresentadas: *Para que serve a escola? O que a escola deve ensinar? De quem é a escola? Quem manda nela? A escola pode fazer tudo sozinha? Como surge um projeto de escola? Provas... provam o quê? Quem são nossos alunos? O que é ser professor?*

Organizados em duplas, os participantes, após assistirem ao vídeo, irão refletir sobre a questão *Para que serve a escola?*

Como essa pergunta é muito ampla, tentar respondê-la “completamente” seria impossível, porém, pensar em como responder a uma questão como essa pode fazer-nos produzir reflexões muito importantes sobre o tema. Aqui vai uma sugestão de como desenvolver essas reflexões.

□ Cada dupla pensa em um aspecto da função da escola que considera absolutamente indispensável, criando uma frase que sintetize suas idéias. As duplas podem considerar que a pergunta básica é: se você tivesse de escolher qual é o aspecto da educação proporcionada pela escola às crianças e aos jovens que não pode jamais ser esquecido, qual seria esse aspecto?

□ A frase de cada dupla deve ser escrita em um cartaz e colocada na parede para que todos os outros participantes possam analisá-la.

❑ Quando todas as frases estiverem expostas, abre-se um debate sobre elas, para se chegar ao que o grupo considera mais importante e escolher as frases representativas do pensamento coletivo. Essas frases serão utilizadas para sintetizar o pensamento do grupo, compondo um texto-síntese. Pode-se até redigir um pequeno texto a partir de uma atividade como esta.

❑ O texto-síntese do pensamento do grupo será divulgado no mural, de modo a poder ser conhecido pela comunidade escolar. É interessante abrir um espaço no mural para que outras pessoas, que não fazem parte do grupo de trabalho, possam colocar suas opiniões sobre o texto.

Observação: é importante guardar uma cópia da produção final do grupo, pois esta será utilizada na atividade a seguir.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES (leitura seguida de reflexão e debate)

Material necessário

Papel (cartolina ou similar) e caneta para anotações.

A proposta desta atividade é aprofundar as discussões sobre as múltiplas dimensões da educação escolar, considerando a síntese produzida na atividade anterior. Dessa forma, o grupo pode registrar sua própria evolução nas concepções apresentadas, comparando o pensamento antes e depois das reflexões propostas nesta unidade.

Dando continuidade à reflexão sobre as múltiplas dimensões da educação escolar, a proposta agora é analisar algumas frases muito comuns em conversas e debates entre educadores profissionais (professores, funcionários, diretores, orientadores e coordenadores).

Frase 1: De uns anos para cá, os pais delegaram o poder da educação dos filhos à escola. Então a escola tem de educar, tem de ensinar a escovar os dentes, tem de trabalhar com a área afetiva, social, tudo, tudo.

Frase 2: O professor e a escola não conseguem dar conta de todo este universo. A proposta da escola é o conhecimento. E o que vem acontecendo de uns anos para cá? A escola assume tudo. De repente, a escola é até assistente social.

Frase 3: A escola não se reciclou, a escola não mudou para receber esses adolescentes que mudaram, continuamos os mesmos. Enquanto a gente usa giz e quadro-negro, as coisas que estão lá fora mudaram bastante.

- ❑ Cada integrante do grupo relê as três frases procurando refletir sobre o que pensa das afirmações contidas em cada uma.
- ❑ Em seguida, um dos participantes relê em voz alta a síntese das discussões realizadas na atividade anterior. Caso seja necessário, essa leitura pode ser feita várias vezes.
- ❑ Feita a leitura da síntese, os participantes organizam-se em duplas ou trios. Cada equipe retoma a reflexão sobre as três frases, considerando agora as principais idéias presentes na síntese. É interessante lembrar a pergunta que orientou a produção da síntese: *Se você tivesse de escolher qual é o aspecto da educação proporcionada pela escola às crianças e aos jovens que não pode jamais ser esquecido, qual seria esse aspecto?*
- ❑ Realizados os debates nas equipes, cada dupla ou trio escolhe uma das frases, a que considera a mais significativa das três, e escreve outra versão para ela, de modo a registrar uma nova visão sobre o problema.
- ❑ Para finalizar, cada equipe lê a frase que escolheu (na versão original) e como a frase ficou depois de revisada. Os outros participantes podem então se manifestar, colocando o que pensam sobre as mudanças feitas, suas concordâncias ou discordâncias e seus motivos.

O QUE DIZEM ALGUNS ESPECIALISTAS ESPALHADOS PELO MUNDO (leitura seguida de reflexão, debate e registro das principais idéias do grupo)

Observação: depois da leitura proposta a seguir, o grupo vai analisar os textos produzidos na atividade Refletindo sobre a função social da escola. Assim, é importante ter esses textos à mão quando o grupo for realizar esta atividade. Caso o grupo considere necessário, deve reler aqueles textos antes de iniciar a leitura a seguir.

No período de março de 1993 a setembro de 1996, uma comissão de educadores de todo o mundo foi reunida por iniciativa da Unesco com o propósito de discutir o futuro da educação. Esse grupo foi chamado de Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI e produziu um livro intitulado *Educação: um tesouro a descobrir*, Relatório para

a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Nessa obra, coloca-se o desafio de preparar os cidadãos para um mundo em que a educação é um processo que acompanha o indivíduo por toda sua vida, considerando que a formação profissional e pessoal deve ser um processo permanente, mesmo após vencidas as etapas da educação formal ou escolar. O texto sugere que essa *educação ao longo de toda a vida* deve apoiar-se em quatro pilares, a serem trabalhados pela educação escolar.

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

- *Aprender a conhecer*, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.
- *Aprender a fazer*, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.
- *Aprender a viver juntos*, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- *Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Essa perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto na elaboração de programas como na definição de novas políticas pedagógicas.

(*Educação: um tesouro a descobrir*, Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/Unesco, 1999, pp. 101, 102.)

☐ Após reler esse texto quantas vezes achar necessário, cada participante reflete sobre as seguintes questões: Concordo com o que está dito aí? Concordo totalmente, ou com ressalvas? Discordo completamente, ou salva-se alguma coisa?

- ❑ Uma vez que cada participante tenha tido tempo suficiente para fazer a reflexão anterior, deve, agora, analisar o texto escrito em resposta à pergunta *Para que serve a escola?* Divididos em duplas ou trios, o grupo volta a analisar o texto-síntese produzido naquela atividade.
- ❑ Terminada essa análise, cada dupla ou trio faz as mudanças que achar necessárias para que o texto-síntese continue representando o pensamento da equipe.
- ❑ Feitas as mudanças, cada dupla lê o texto-síntese em sua nova versão, justificando suas modificações, argumentando com suas convicções.
- ❑ Finalmente, o grupo redige um novo texto-síntese, acrescentando as mudanças acordadas. Caso persistam divergências, existindo duas versões para uma mesma questão, estas devem também ser colocadas na síntese. Posteriormente, se o grupo achar necessário, esse debate pode ser retomado em outra oportunidade.

ACOLHIMENTO: UM DOS COMPONENTES INDISPENSÁVEIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR (exibição de vídeo seguido de debates e preparação de ações no espaço escolar)

Material necessário
Papel (cartolina ou similar) e caneta para anotações. Fita de vídeo que faz parte do material deste *Ética e cidadania no convívio escolar*, para exibição do vídeo *Profissão: professor*.

Para que a realidade de uma escola passe por transformações, não há dúvidas, os educadores que nela trabalham, sejam funcionários, professores ou direção, devem estar envolvidos e comprometidos com as mudanças desejadas. Esse é um conhecimento que se obtém observando como foram as experiências que já deram certo em muitas escolas por todo o Brasil. A proposta desta atividade é analisar aspectos do convívio escolar que estão necessitando de transformações urgentes e, principalmente, agir, procurando dar início a um processo de mudança.

Vale lembrar que as propostas aqui feitas partem sempre da idéia de que *fazer um “pouquinho” é sempre infinitamente mais do que fazer “nada”*.

O grupo assiste ao vídeo *Profissão: professor*, que faz parte da coleção *Raízes e Asas*, produzida pelo Cenpec. Os vídeos da coleção *Raízes e Asas* já foram veiculados pela TV Escola.

O vídeo em questão é feito de diversos depoimentos de professores e professoras. Um desses depoimentos é dado pelo

professor Paulo Freire, educador brasileiro que se tornou conhecido em todo o mundo com seus diversos livros, dos quais o mais famoso é *Educação como prática da liberdade*.

❑ O grupo assiste ao vídeo duas vezes. Na primeira vez, o grupo assiste ao vídeo todo, sem intervalos, para conhecê-lo bem (o vídeo tem duração de 15 minutos).

❑ Antes de assistir ao vídeo pela segunda vez, o grupo faz uma reflexão sobre três trechos da fala do professor Paulo Freire. Ao ler cada uma das três frases a seguir, cada participante deve refletir sobre o que ele próprio pensa a respeito e, principalmente, como se sente diante das afirmações que elas contêm.

O tempo que eu levava brincando no meu quintal se escoava até o tempo que eu levava estudando na sala dela, sem que houvesse uma negação de um pelo outro. Havia uma continuidade da alegria. Eu era alegre, eu fabricava contentamento nos dois tempos. No tempo em que eu brincava no meu quintal (...) e no tempo em que eu brincava, mas aí o brinque-do era o estudo mesmo, (...) o tempo em que eu estudava com ela e, portanto, a fabricação da alegria era dela também.

Uma outra qualidade que eu queria salientar é a coerência (...) Você não pode imaginar como choca ao jovem adolescente, por exemplo, a distância demasiado grande entre o discurso da professora e a prática da professora. A professora faz um discurso democrático e tem uma prática autoritária.

(...) o professor e a professora precisam estar imbuídos de que o seu testemunho pessoal é um grande educador. (...) é o testemunho de sua seriedade, o testemunho de sua competência científica, o testemunho de sua humildade, de sua amorosidade. (...) Isso que, no fundo, vai formando o educando, ou prejudicando a sua formação.

❑ O grupo assiste ao vídeo pela segunda vez. Cada participante deve assistir a ele pensando na seguinte questão: que aspecto do convívio escolar, ou das condições da escola, deve ser melhorado o mais rapidamente possível?

❑ Após assistir ao vídeo, cada participante faz uma concentração, procurando chegar a uma resposta pessoal à questão anterior. Passados alguns minutos de reflexão pessoal, os participantes reúnem-se em trios e conversam sobre suas conclusões.

❑ Uma vez escolhido um aspecto do convívio escolar que o trio quer melhorar o mais rapidamente possível, a equipe deve pensar em uma ação que possa, de alguma forma, começar a mexer com o problema.

Observação: ler o encarte com casos interessantes pode ser inspirador de boas idéias.

❑ O desafio é: pensar em ações na escola toda, numa sala de aula ou outro local, com o propósito de criar um impacto nas relações entre alunos e educadores; surpreender os alunos com alguma ação que mostre a eles o quanto os educadores da escola estão preocupados com todos os seus alunos; como os educadores da escola (inspetor de aluno, diretor, merendeira, professor, secretária) estão esforçando-se para melhorar a escola e as relações com os alunos.

❑ Cada trio apresenta suas conclusões e sua proposta de ação ao grupo na forma de uma frase, de um poema, de uma música ou de um pequeno texto, escrito no momento, ou citado de outro autor qualquer. Dar asas à imaginação é sempre bom. Dramatizações, colagens, desenhos podem ser formas de expressão utilizadas em atividades desse tipo.

❑ O grupo escolhe uma ou mais das propostas apresentadas pelos trios e traça os planos necessários para colocá-las em prática. Se for necessário, o grupo pode marcar outra reunião para a preparação das ações escolhidas.

Exemplo de ação que pode ser realizada com o propósito colocado acima:

- Um grupo de educadores vai à escola em um final de semana e, sem que os alunos saibam, pinta um muro importante do pátio e que está todo sujo.
- Na segunda-feira, quando os alunos chegam e se surpreendem, os educadores estão lá para dizer que estão preocupados com as condições dos muros e das paredes da escola e, junto com os alunos, lançam uma campanha pela recuperação e pela pintura de todas as paredes e muros.

Observação: a idéia de fazer alguma coisa que chame a atenção dos alunos na hora da entrada e, a partir do impacto causado, propor alguma campanha educativa pode funcionar para muitos outros temas.

Unidade 3

NOSSOS ALUNOS: CIDADÃOS DO PRESENTE E DO FUTURO

INTRODUÇÃO

Certamente o indivíduo se constrói no social, mas ele se constrói ao longo de sua história, como singular. O indivíduo não é nem a simples encarnação de um grupo social, nem a resultante das influências de seu ambiente, ele é singular, quer dizer, síntese humana original construída em sua história. (Bernard Charlot, *Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*, Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, nº 97, São Paulo, 1996, pp. 47-63.)

Esta unidade 3 de *Ética e cidadania no convívio escolar* tem como tema os alunos e sua relação com a escola, concretizada nas formas de atuação e convivência no espaço escolar. As atividades que compõem esta unidade são propostas para ajudar a analisar a visão que os educadores têm de alunos e também refletir sobre o quanto essa visão pode interferir na relação entre eles e na auto-imagem que constroem.

Pensar sobre os alunos é uma tarefa complexa. Existem muitos aspectos a serem observados quando se quer analisar como são os alunos nos dias de hoje. Deve-se considerar inclusive diferentes dimensões da realidade educativa: a dimensão *social*, a dimensão *psicológica* e a dimensão *didático-pedagógica*. Antes de refletir um pouco sobre cada uma dessas dimensões que compõem a realidade escolar de um aluno, é importante ter-se como perspectiva que essa divisão precisa ser utilizada com cuidado. É fundamental pensar sempre no aluno como uma pessoa, um cidadão, evitando considerar apenas uma das dimensões em detrimento das outras. Levar em conta essas diferentes dimensões para caracterizar os alunos é necessário para lidar com a complexidade da tarefa de tentar entender pessoas de variadas idades, com uma grande diversidade de experiências pessoais e sociais, com personalidades e capacidades individuais muito distintas.

A dimensão social considera o aluno um membro de uma determinada comunidade, com suas características e suas experiências locais. A experiência social dos alunos deve ser considerada na preparação das propostas educativas encaminhadas pela escola. Um bom exemplo é quando os educadores precisam escolher ou dar prioridade a determinados conteúdos de ensino. Existem locais onde educar as crianças com relação aos cuidados que elas devem ter ao tomar água e ao fazer suas necessidades fisiológicas é de importância vital. Em outros, a questão do respeito aos equipamentos públicos, como os telefones e os bancos de jardim, deve ser um conteúdo tratado com toda atenção e sobre o qual a avaliação será feita pelos educadores com todo cuidado.

A origem sociocultural dos alunos e suas experiências anteriores, escolares ou não, devem ser levadas em conta no planejamento pedagógico. Os educadores devem sempre estar atentos à verdadeira compreensão dessas experiências que constituem o conhecimento dos alunos. É importante que conheçam os aspectos positivos das experiências culturais de seus alunos para, além de valorizá-las, tomá-las como contexto de suas propostas educativas. Somente dessa forma os educadores conseguem planejar e realizar propostas educativas que sejam compreendidas por seus alunos e se transformem em boas situações de aprendizagem.

Para os educadores, a dimensão psicológica de um aluno é aquela que o considera como um ser em pleno desenvolvimento. Da educação infantil ao ensino médio, a escola recebe crianças de 3-4 anos de idade e trabalha com elas até a idade de 17-18 anos – isso se o aluno não sofrer nenhuma retenção no caminho, o que, no Brasil, só acontece com uma minoria. Considerar a dimensão psicológica do aluno no trabalho educativo significa, principalmente, considerar as diferenças cognitivas e afetivas que se estabelecem ao longo da infância e da adolescência. É a psicologia que explica o modo como os alunos aprendem, o que interfere na aprendizagem, o que e quais as necessidades cognitivas e afetivas em cada etapa da vida. Ensinar para alunos de 7 ou 8 anos de idade é muito diferente de ensinar para alunos de 13 ou 14 anos. Por outro lado, a dimensão psicológica permite aos professores considerar também as diferenças que existem entre alunos de idades próximas e que são parte de uma mesma sala de aula. É o conhecimento psicológico que possibilita aos educadores compreender que alunos diferentes aprendem as mesmas coisas de formas diferentes.

Considerar o aluno do ponto de vista da dimensão didático-pedagógica significa, primeiramente, integrar as outras dimensões, a social e a psicológica, nas propostas de ensino que os educadores fazem a seus alunos. A dimensão didático-pedagógica é aquela que considera, além do próprio aluno, o conhecimento que ele deve aprender e a interação que se estabelece entre ele e o educador durante a situação educativa (aula, passeio, brincadeira no parque, momento das refeições, dias de festa, etc.). Quando um professor prepara uma atividade de ensino, deve ter em mente o conteúdo que ele quer ensinar e também as características psicológicas e sociais de seus alunos, para que essa atividade de ensino se transforme, na sala de aula, em boas situações de aprendizagem.

Deve-se ressaltar, ainda, que essas dimensões, definidas com o propósito de nos auxiliar a compreender o aluno em sua complexidade e totalidade, devem ser consideradas por todos os educadores da escola e não somente pelos professores. Assim, é importante que a merendeira, por exemplo, compreenda que, na hora da refeição, quando ela está servindo alunos das séries iniciais, o seu comportamento, a forma educada como trata as crianças, é observado o tempo todo por elas próprias, que, dessa maneira, também estão aprendendo a se comportar adequadamente. Se um funcionário é mal-educado com as crianças, independentemente das razões que tenha, está ensinando a elas como serem mal-educadas.

Muitos educadores têm relatado dificuldades na relação com os alunos. As causas dessas dificuldades são atribuídas em geral às famílias e aos problemas sociais. Sem dúvida são problemas significativos. Entretanto, não devem substituir a questão central para os educadores: qual é o seu papel e o da escola e quais as possibilidades de a educação escolar interferir na vida dos alunos. Nesse contexto, o papel da escola e dos educadores precisa ser entendido de modo realista, evitando-se, de um lado, uma visão pessimista, que considera que nada pode ser feito, e, de outro, uma visão cheia de pretensões e onipotência, mas que não se transforma em realidade. Pode-se dizer, sobre esse tema, que os educadores precisam ser perseverantes, mantendo seu trabalho com responsabilidade e compromisso.

NOSSAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES (atividades de sensibilização e introdução ao tema)

Esta atividade está organizada em três partes. Na primeira parte, cada participante faz um registro pessoal sobre a visão que tem dos alunos com quem trabalha. Esse registro será retomado na terceira parte, para que cada participante possa comparar suas idéias antes e depois da atividade. Na segunda parte, os participantes fazem uma reflexão sobre a grande influência que os rótulos e as posturas preconceituosas podem ter sobre a relação que se estabelece entre as pessoas, particularmente entre educadores e alunos. Na terceira e última parte, os participantes assistem ao vídeo *Desatando os nós com afeto*. Após um debate sobre o vídeo, cada participante retoma os registros produzidos na primeira parte e procura analisar se e como suas idéias a respeito dos alunos se modificaram em função das reflexões realizadas na atividade.

1ª parte: Registro individual do conhecimento sobre as crianças e sobre os adolescentes

A finalidade desta atividade é fazer com que cada pessoa tome contato com aquilo que pensa sobre as crianças e sobre os adolescentes com os quais convive na escola.

Observação: este registro é particular, não precisará ser mostrado para o grupo, de modo que cada participante fique à vontade para colocar tudo o que pensa, sem nenhum tipo de censura ou crítica.

Cada participante, individualmente, escreve, na forma de um pequeno texto ou numa lista, sua visão de como são, de modo geral, as crianças e os adolescentes da escola, considerando:

- a) tipos de comportamento;
- b) situação familiar;
- c) tipos de lazer;
- d) relação com a escola;
- e) capacidade de aprendizagem;
- f) valores;
- g) nível de socialização;
- h) desejos;
- i) problemas, dificuldades... e o que mais cada um achar interessante.

A atividade termina quando todos estiverem satisfeitos com o que produziram.

2ª parte: Reflexão sobre rótulos e papéis

Esta atividade proporciona uma reflexão sobre o peso da “visão do outro” e das interações na formação da auto-imagem e no reforço de atitudes.

Ao som de uma música agradável, o grupo vai circulando pela sala enquanto o coordenador vai colando, nas costas de cada um, uma etiqueta com palavras que expressam rotulações (positivas e negativas) que os educadores costumam atribuir aos alunos. Exemplos:

- Indisciplinado(a).
- Bem-comportado(a).
- Participante.
- Desinteressado(a).
- Alienado(a).
- Carente.
- Abandonado(a).

- Violento(a).
- Agressivo(a).
- Carinhoso(a).
- Inteligente.
- Estudioso(a).
- Sem limite.
- Esforçado(a).

☐ Conforme um participante lê a palavra colada nas costas de um colega, deve dirigir-se a ele falando, dando ordens, solicitando coisas, como se ele fosse uma pessoa com as características indicadas pelo rótulo. Por exemplo, reproduzir com o colega que tem a palavra “carinhoso(a)” escrita nas costas o tipo de gesto e fala que se costuma ter com alunos considerados assim. O mesmo em relação ao indisciplinado, e assim por diante.

☐ Depois de algum tempo (a depender do número de pessoas), cada participante deverá tentar adivinhar qual rótulo tem às costas, a partir das atitudes que os outros têm com ele.

☐ Em círculo, depois que todos os rótulos forem descobertos, a atividade termina com a socialização do que cada um sentiu e pensou no decorrer da experiência. Cada participante tenta explicar o que a atitude dos outros provocou em si mesmo. Segue-se uma reflexão sobre o tema, considerando as seguintes questões:

- O que interfere na maneira de agir das pessoas? O que faz com que ajam de um modo ou de outro?
- A atitude das outras pessoas em relação a nós tem alguma influência no que pensamos de nós mesmos e na forma como agimos?
- As pessoas comportam-se da mesma forma em todos os lugares?

3ª parte: Exibição de vídeo e retomada dos registros feitos na 1ª parte

O grupo assiste a um vídeo veiculado pela TV Escola e intitulado *Desatando os nós com afeto*, um programa da série *Nós na Escola*, produzido pela Fundação Roquete Pinto, entidade mantenedora da TV Educativa do Estado do Rio de Janeiro.

☐ O grupo assiste ao vídeo uma primeira vez para conhecê-lo por inteiro e, em seguida, comenta suas impressões gerais, se gostou ou não, que idéias lhe pareceram mais importantes, etc.

- ❑ Em seguida, assistem novamente, procurando refletir sobre algumas questões para debate posterior.
 - O vídeo afirma que os valores que os alunos têm variam, por causa das diferenças de idade, sexo, origem étnica, religião, e que isso gera dificuldades. Isso ocorre nesta escola? Como essas diferenças aparecem e são tratadas no dia-a-dia?
 - O grupo concorda, inteiramente ou em parte, com a idéia de que a diversidade é positiva, enriquecedora? Por quê? Ou vê problemas em relação a essa afirmação? Quais?
 - A tarefa de educar, respeitando e enriquecendo a singularidade de cada um, não é tarefa apenas do professor. Como os outros educadores participam, ou poderiam participar dela? As atividades que a escola atualmente proporciona aos alunos são suficientes para isso?
 - Quando um aluno não tem o tipo de atuação esperada pela escola, o que se faz para possibilitar que ele mude?

- ❑ Revisão do registro individual. Após a discussão anterior, cada participante retoma individualmente seu registro pessoal sobre a visão de criança e adolescente para verificar se ocorreram mudanças em sua concepção ou no conhecimento que tinha no início do trabalho.

Observação: este também é um exercício pessoal e particular.

- ❑ Feitas as revisões pessoais, o grupo discute e sintetiza suas idéias, construindo coletivamente um registro das conclusões a que chegou. Esse registro pode ser feito na forma de um quadro, um desenho, uma colagem, etc. O importante é que esse registro represente a concepção que o grupo construiu a respeito das crianças, dos adolescentes e dos jovens de sua comunidade escolar.

AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DA ESCOLA NA FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL (leitura compartilhada)

Leitura do texto “Possibilidades e limites da escola na formação moral”, que se encontra na parte de Ética do volume Temas Transversais – 5ª a 8ª séries, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, páginas 62-63.

- ❑ Esta atividade é feita com o grupo dividido em equipes. O ideal é formar equipes de três pessoas, para que todos possam participar. Caso o grupo seja muito numeroso e existam impedimentos para formar equipes pequenas, devem-se criar mecanismos para propiciar a participação de todos.

❑ Primeiramente, é feita uma leitura conjunta do texto, para que os participantes o conheçam em sua totalidade. Depois de feita uma leitura silenciosa, pode-se escolher um participante para fazer uma leitura em voz alta. Isso pode ajudar na interpretação e na compreensão do texto por todos.

❑ Em seguida, cada equipe realiza uma discussão centrada no parágrafo destacado a seguir. Nessa discussão, os participantes devem se colocar em relação ao compromisso proposto para a escola e para os educadores e que está definido no parágrafo em destaque. Devem, também, traduzir em *propostas de ação para a escola* o que entendem por *educar os alunos dentro dos princípios democráticos*.

A escola, como uma instituição pela qual se espera que passem todos os membros da sociedade, coloca-se na posição de ser mais um meio social na vida desses indivíduos. Também ela veicula valores que podem convergir ou conflitar com os que circulam nos outros meios sociais que os indivíduos freqüentam ou a que estão expostos. Deve, portanto, assumir explicitamente o compromisso de educar os seus alunos dentro dos princípios democráticos.

❑ Terminada a discussão em equipes, o grupo todo se reúne para que um relator de cada equipe coloque para os demais as *propostas de ação para a escola* que criaram.

❑ Ao final, o grupo elabora uma síntese das conclusões. Estas devem ser registradas e colocadas em um cartaz, com um título sugestivo, como, por exemplo, *Os compromissos educativos desta escola são...*

Observação: esta síntese pode ser um ponto de partida para uma discussão mais ampla dos compromissos educativos da escola, envolvendo os demais participantes da comunidade escolar, particularmente os pais de alunos.

A VIDA NA ESCOLA

(discussão e análise de situações comuns da vida escolar)

Esta atividade está dividida em duas partes. As dinâmicas propostas a seguir têm como principal objetivo a reflexão sobre os alunos a partir da experiência pessoal dos próprios participantes do grupo. Geralmente, todos aqueles que hoje são educadores algum dia já foram alunos. Pensar em si mesmo como aluno, lembrar de suas experiências, positivas ou negativas, vividas no ambiente escolar e, particularmente, na relação com os professores, pode ser uma forma interessante de refletir sobre o papel de educador que cada par-

(Trecho extraído do documento de Ética dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília: MEC, 1997, volume de Temas Transversais – 5ª a 8ª séries, p. 63.)

participante tem atualmente. Deve-se lembrar, no entanto, que uma escola pode ter um funcionário analfabeto e que talvez nunca tenha ido à escola como aluno. Sua experiência pessoal, sua visão da instituição escolar construída em uma relação unicamente profissional, já que ele nunca foi aluno, pode ser muito enriquecedora para o grupo.

1ª parte: História de vida

❑ Cada participante procura lembrar-se de uma situação escolar que tenha sido marcante em sua vida de aluno.

❑ Em seguida, representa a situação lembrada com massa de modelagem ou argila, sobre um suporte de papelão, procurando recordar-se dos personagens envolvidos, dos sentimentos e das conclusões que tirou dessa experiência. Caso não haja possibilidade de se conseguir massa de modelar ou argila, a atividade pode ser feita com uma colagem. Os participantes recebem revistas velhas de todos os tipos e escolhem fotos, figuras e expressões escritas para recortar e colar em um cartaz, procurando expressar suas lembranças e sentimentos.

❑ Terminada a modelagem (ou a colagem), organiza-se o grupo em equipes. Em cada equipe, cada um descreve sua cena para os demais, do modo que achar melhor. Depois de ouvir todas as narrativas, a equipe faz uma reflexão, a partir dos relatos, buscando esclarecer:

- Há experiências positivas? Há experiências negativas?
- Quanto essas experiências têm peso na vida atual das pessoas?
- Que papel a atuação dos educadores com os quais conviveram representou na sua formação?
- O que valorizam de sua experiência escolar?
- A partir de suas vivências, o que pensam sobre a importância da vida escolar na formação das pessoas?

❑ Depois que todos os grupos tiverem concluído, faz-se uma discussão coletiva, com cada equipe expondo suas conclusões aos demais e socializando as reflexões.

2ª parte: Análise do relato de uma aluna

❑ Com o grupo dividido em equipes, faz-se a leitura do texto reproduzido abaixo e, a seguir, uma análise das situações (descritas por uma aluna de escola pública) e das questões que se pode depreender delas.

(*Coleção Jovens e Escola Pública*, vol. 1: *Escutar: um ponto de encontro*, p. 26, editada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec.)

Valdinete entrou “atrasada” um ano na escola, por ter nascido em setembro e repetiu a 1ª série, porque fez “muita bagunça”. Ela diz que antigamente a escola era considerada muito boa, mas “atualmente essa escola tá pior que a minha casa, tá muito largada, desleixada, tem muitos alunos que fazem o que querem, ninguém põe limite nos alunos, aí a gente fica nervosa, eles partem pra cima e começa a briga. Antes da 6ª série eu podia falar que esse era um bom colégio, agora eu não posso falar muita coisa não”. Queixa-se de que os meninos ficam “jogando papelzinho nos outros, ficam chamando de gostosa; antes não era assim”. De resto, gostaria apenas de ter mais aulas de educação física e que elas fossem realizadas no último horário, para evitar que os professores reclamassem do “mau cheiro” dos alunos.

- Cada equipe deve eleger um relator que, ao final das discussões, irá expor, em cinco minutos no máximo, as conclusões da equipe para todo o grupo. A seguir, algumas sugestões de questões para reflexão sobre o texto.
 - Valdinete diz que repetiu a 1ª série porque fez “muita bagunça”. Ela tinha provavelmente oito anos. Por que será que as coisas aconteceram assim? O que leva uma criança dessa idade e série a fazer muita bagunça na escola? Será que não há o que fazer quando uma criança de oito anos faz muita bagunça a não ser reprová-la no final do ano? O quê?
 - Ela descreve sua escola com palavras muito próximas das que comumente se usam para descrever a situação das famílias dos alunos: “largada, desleixada, sem limites, violenta...”. É possível fazer um paralelo entre o que vem ocorrendo nas escolas e nas famílias?
 - Por que alguns alunos, depois de passarem vários anos na escola, chegam às últimas séries “indisciplinados, sem educação”?
 - Quais valores as crianças e os adolescentes têm efetivamente aprendido na convivência escolar?
 - Ela diz também que gostaria que houvesse uma mudança na rotina escolar, no horário das aulas de educação física. Se Valdinete fosse aluna desta escola o que ela deveria (ou poderia) fazer para que sua análise e suas reivindicações fossem ouvidas? Que encaminhamentos seriam dados?

- Terminado o trabalho das equipes, o grupo reúne-se em círculo e cada relator faz a sua exposição sobre as conclusões de sua equipe.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA VIDA DOS ALUNOS NA ESCOLA (seqüência de dinâmicas de reflexão e avaliação)

Esta atividade tem como objetivo possibilitar aos educadores um momento de reflexão e avaliação da participação dos alunos na escola, a partir do que a escola possibilita a eles. As questões que se seguem com certeza não esgotam uma análise em profundidade. São disparadoras de uma discussão que o grupo deve aprofundar e ampliar de modo a contemplar tudo aquilo que os alunos encontram na escola e os diferentes momentos que vivem nesse espaço. A idéia é que o grupo possa fazer um levantamento tanto dos pontos positivos como dos possíveis problemas existentes na relação escola–alunos, procurando estabelecer hipóteses sobre suas causas para, em seguida, planejar o encaminhamento de algumas soluções. Esse processo, evidentemente, dependerá tanto de mudanças de atitude dos educadores e da organização da escola como de ações específicas que poderão ser desenvolvidas na forma de projetos (veja unidade 9: Projetos).

Observação: esta é uma atividade que demandará um tempo maior que as demais.

□ É interessante que o grupo se divida em equipes, conforme as etapas de escolaridade com que a escola trabalha: educação infantil, 1ª a 4ª séries, 5ª a 8ª, ensino médio, pois a rotina e a participação, em geral, diferenciam-se bastante conforme cada uma delas. O primeiro passo é fazer – e registrar – uma descrição do cotidiano dos alunos na escola.

- Quanto tempo os alunos passam na escola? Como é a sua rotina?
- Que tipos de atividade são mais freqüentes nas aulas?
- O que fazem na escola, além de assistir às aulas?
- Que espaços podem utilizar? Quais efetivamente utilizam?
- Os alunos costumam reunir-se nas imediações da escola? Para quê? Como se relacionam nesses momentos?
- Como os alunos se relacionam entre si no espaço escolar? E com os educadores? Quais são suas atitudes mais comuns?
- Como se resolvem as questões de comportamento inadequado, indisciplina, transgressão de regras, desafios à autoridade, etc.?

❑ Feita a descrição, o segundo passo é uma reflexão de caráter mais analítico e avaliativo. As questões a seguir podem ser utilizadas como roteiro dessa análise e avaliação.

- As aulas têm sido satisfatórias tanto para os professores como para os alunos? Os alunos têm conseguido aprender o que se pretende ensinar-lhes?
- Como o grupo avalia o espaço físico que os alunos utilizam: agradável? bem cuidado? suficiente? precário? por que é assim?
- Como o grupo avalia a relação dos alunos entre si? Existem momentos em que eles experimentam situações de cooperação, tais como os mais velhos ensinando jogos aos mais novos? Ou alguns alunos que sabem melhor uma disciplina, escolhidos como monitores de uma atividade de sala de aula, ajudando os colegas a aprender um determinado conteúdo?
- Existem momentos em que os alunos podem expressar (falar, cantar, discutir em grupo, etc.) e refletir sobre questões que os interessam ou afligem, de modo que os educadores as compreendam?
- Existe alguma forma de organização e representação dos alunos, como grêmio, representante de classe, grupo de teatro, time esportivo, etc.?
- Os alunos têm alguma forma de participação na gestão, na administração e na manutenção da vida escolar? Qual?
- Na avaliação do grupo a escola atribui, ensina e cobra responsabilidades, na medida da capacidade dos alunos? Em outras palavras, os alunos fazem tudo o que são capazes de fazer na escola? Poderiam fazer mais? O quê?

❑ O grupo, agora, começa a construir uma síntese das reflexões, compartilhando e comparando as produções das equipes sobre os diferentes segmentos, procurando registrar o que acontece em cada segmento (educação infantil, ensino fundamental regular de 1ª a 4ª séries, de 5ª a 8ª, educação de jovens e adultos, ensino médio). Durante essa síntese, o grupo deve procurar verificar se existe continuidade no trabalho com os alunos ao longo das séries ou ciclos. Ou se existem rupturas, mudanças bruscas, que possam ser prejudiciais aos alunos.

❑ Uma vez que todas as equipes se posicionaram, o grupo realiza uma discussão coletiva em torno das questões a seguir, com o propósito de sintetizar as idéias.

- O que esta escola representa para os alunos?
- Como o grupo definiria as relações entre esta escola e seus alunos?
- Como está a comunicação entre educadores e alunos?
- Quais os pontos positivos, as potencialidades e quais os pontos negativos?

- Uma vez terminada essa síntese das discussões do grupo, a proposta é fazer uma reflexão sobre essas idéias, comparando as análises feitas com as proposições presentes no texto abaixo que fala sobre o papel da escola.

CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO: UMA PERSPECTIVA

(...) Mas qual seria o papel da escola na construção do espaço público? De que maneira a escola pode contribuir para que os jovens se apropriem da sua condição de cidadãos? Como concretizar as mudanças que se anunciam, mas não se efetivam, no dia-a-dia das escolas, uma vez que estas se mantêm em uma situação de imobilidade, marcada pela separação entre a vida e os conteúdos das matérias ensinadas, esvaziadas de sentido?

(...) No contexto da escola pública, há poucas propostas educacionais que se interessem pela atuação dos alunos neste espaço e pela sua incorporação como um dos momentos do próprio processo de aprendizagem. Ao contrário, normalmente a escola coloca muitas barreiras que dificultam a apropriação de seus vários espaços pelos jovens, como ocorre, por exemplo, quando eles não são estimulados a utilizar e a dinamizar os mecanismos de representação de classe e de série, participação em grêmios, conselhos, clubes de leitura, comissões e outros meios. Sobretudo no que diz respeito ao projeto didático-pedagógico da escola e ao ambiente mesmo da sala de aula, o jovem vê-se excluído e é tratado como indivíduo cujas opiniões, valores, interesses e preocupações não tem qualquer importância para o encaminhamento das questões que dizem respeito à vida escolar.

Se esta é uma atitude que prejudica o desempenho escolar tanto das crianças como dos jovens, ela tem um efeito particularmente fulminante no caso destes últimos. Em meio às dificuldades “naturais” desse momento em que estão prestes a entrar na vida adulta, os jovens deparam com uma escola que não os estimula, não confere a eles a possibilidade de interferir e de ter “voz ativa”, impedindo que o espaço escolar possa ser visto como um espaço que também lhes pertence (e ao qual eles pertencem). Ao invés disso, a escola muitas vezes trata-os como “estranhos”, como se fossem meros números na lista de chamada, limitando-se a transmitir os conhecimentos formais de que eles não dispõem e de que, supostamente, necessitam para se “preparar” para a vida.

Portanto, no estado atual das coisas, a escola está longe de contribuir para a formação da cidadania, servindo muito mais como instrumento de ensino da submissão, passividade e indiferença.

(*Coleção Jovens e Escola Pública*, vol. 1: *Escutar: um ponto de encontro*, publicado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec, pp. 29-30.)

- Conclusão. Feita a leitura por todos os participantes, as questões que se seguem pedem do grupo uma tomada de posição em relação às análises feitas anteriormente.
- Qual a conclusão final?
 - É preciso mudar alguma coisa? O quê?

MUDAR É POSSÍVEL (aprofundamento da reflexão sobre o tema)

Esta atividade está dividida em duas partes e visa a dar subsídios ao grupo para desencadear ações inovadoras que promovam a auto-estima dos alunos e os ajudem a desenvolver suas capacidades para participar da comunidade escolar e para responsabilizar-se pela vida pessoal e coletiva.

1ª parte: Leitura e comparação de pontos de vista

- ❑ Esta atividade pode ser feita pelo grupo todo, caso não seja excessivamente numeroso. Se for necessário, o grupo pode ser dividido em duas equipes que, depois, partilham as reflexões feitas. Os textos a seguir expressam as opiniões de seus autores, formadas em suas experiências, segundo suas crenças e concepções. São diferentes visões dos alunos e do que é possível conseguir com o trabalho escolar.
- ❑ O coordenador apresenta os textos abaixo simultaneamente, escritos em cartazes, para que todos possam ler.

Falas de professores

“Pouquíssimos, poucos alunos têm respeito, noções básicas de comportamento, de educação.”

“Há casos que eu dou como casos perdidos. O aluno que já tem uma história, que pai e mãe não representam autoridade nenhuma, já está envolvido com o tráfico, o que você pode fazer? Muito pouco por ele você pode fazer.”

Transformação na vida de estudantes

Maurilei (23 anos), Carina (16) e Everton (16) são parte fundamental do grêmio estudantil. Respectivamente, eles exercem as funções de presidente, secretária-geral e tesoureiro. “Começamos a perceber que a violência estava crescendo em nossa escola e que precisávamos tomar uma atitude. Depois que formamos o grêmio, minha responsabilidade aumentou. Com esse trabalho, aumentou também meu interesse pelos estudos”, diz Carina (seu namorado morreu por causa de drogas).

Todos os outros integrantes do grêmio melhoraram suas notas na escola. Mas transformação mesmo sofreu Maurilei. Ele demorou cinco anos até se conscientizar de que levava uma vida vazia, sem futuro. Nesse período, foi preso, envolveu-se com várias espécies de drogas e chegou até a levar um tiro. “Eu era bem rebelde. Quando penso nas coisas que fiz, me arrependo bastante”, conta. Contudo, atualmente, além de presidente do grêmio, Maurilei é visto com admiração por seus colegas. “Ele é como uma espécie de professor para a gente”, revela Everton.

(*Jornal de Brasília*, Caderno C – Cultura e lazer, quarta-feira, 26 de maio de 1999.)

Quando Maurilei faz um exame de consciência e olha o caminho que traçou em sua vida até agora, percebe que, hoje, está feliz. “Antes todos me olhavam como um marginal. Eu era rejeitado pelas pessoas de bem, inclusive pela minha família. Agora que mudei, aqueles que antes tinham medo de mim me convidam para ir às suas casas. Hoje sou aceito pelas pessoas. Eu nasci de novo”, desabafa. Maurilei, que repetiu a mesma série três vezes, este ano irá passar folgado.

Fala de um professor

“A comunidade, os professores, os alunos e todo mundo trabalhando em prol de um benefício que é arrumar a escola. Arrumando a escola você arruma a sua casa, sua cabeça. Eu acho que isso são reflexos que vão acontecendo a nível inconsciente e que vai funcionando...”

- ❑ Os participantes lêem os textos, comparando-os e refletindo sobre os itens a seguir.
 - De que forma encaram seus alunos que têm algum tipo de “problema”.
 - No que realmente cada um acredita que é possível conseguir com o trabalho escolar em relação aos problemas abordados.
 - Como cada participante vê suas próprias possibilidades e seus limites nesse trabalho.
 - O que, definitivamente, cada participante está disposto a fazer.

- ❑ Ao final, o grupo produz uma síntese das idéias veiculadas. Todas as propostas concretas de ação que porventura surgirem nas discussões devem ser anotadas e guardadas, formando um “banco de idéias e projetos” que pode ser muito útil aos educadores em momentos futuros.

2ª parte: Leitura compartilhada e reflexões para aprofundamento

Esta atividade tem o propósito de apoiar o grupo na compreensão dos fatores que interferem na formação moral das pessoas, pois esse conhecimento permite aos educadores realizar uma reorientação de suas atuações, construindo situações educativas favoráveis ao desenvolvimento da autonomia moral de crianças e adolescentes.

Para isso, o grupo vai ler um trecho da parte de Ética do volume Temas Transversais – 5ª a 8ª séries, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, páginas 67 a 75. (Esse texto também está presente no volume Temas Transversais – 1ª a 4ª

séries, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, páginas 75 a 87.)

- ❑ Os participantes realizam uma leitura compartilhada do texto “Legitimação de valores”, incluindo os itens Afetividade, Racionalidade e Desenvolvimento moral e socialização. Essa leitura compartilhada pode ser feita da seguinte maneira: um participante faz a leitura em voz alta, parando ao final de cada parágrafo para que as pessoas façam comentários sobre o que foi lido, se assim o desejarem.
- ❑ Terminada a leitura, o coordenador apresenta a frase abaixo para que o grupo levante hipóteses que expliquem, a partir do texto lido, por que, no caso citado, o transgressor é admirado. Em seguida, os participantes respondem às duas perguntas abaixo.

Fala de uma professora:

“O gostosão da sala de aula é o drogado, é o que falta, é o que mata, é o que tem idade bem acima dos outros, é o que bate nos outros. Eles são os que sobressaem aos olhos dos colegas. É quase um herói, as meninas se apaixonam por ele”.

Perguntas:

- O que esse aluno representa e por que desperta a admiração dos colegas?
- A partir das hipóteses explicativas levantadas, o que seria necessário fazer?

ACOLHIMENTO E PROTAGONISMO: NOVAS POSSIBILIDADES DE ESTAR NA ESCOLA (sugestão de ações no espaço escolar)

As propostas a seguir são sugestões para dar início a um trabalho educativo com os alunos, com o intuito de sensibilizá-los e incluí-los nesta proposta de ação. Mas, principalmente, visam a ajudar o grupo a refletir sobre a criação de formas de participação na escola – e na comunidade – por meio das quais os alunos possam desenvolver atitudes de respeito, responsabilidade, cooperação; construir imagens positivas de si e, ao mesmo tempo, receber dos outros a confirmação desta imagem.

Muitas experiências educativas têm mostrado que os jovens se transformam quando se sentem responsáveis por atividades que consideram realmente importantes para a escola ou

para a comunidade. Assumir responsabilidades, ser protagonista na condução de um projeto no espaço escolar ou mesmo fora dele, em uma campanha de solidariedade, por exemplo, são experiências que, em muitos casos, transformam adolescentes problemáticos em responsáveis atores na condução das tarefas.

É muito importante que a escola tenha a preocupação de incluir propostas de trabalho, em seu projeto pedagógico, que tenham como propósito central promover a participação autônoma dos jovens alunos, possibilitando a eles o desenvolvimento da responsabilidade e da competência para o planejamento e para o encaminhamento de ações, seja no espaço escolar, seja na comunidade.

O grupo deverá discutir essas propostas e escolher uma ou mais para desenvolver, com a participação o mais ampla possível da comunidade escolar.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIA

Esta é uma sugestão de ação para a apresentação deste *Ética e cidadania no convívio escolar – uma proposta de trabalho* aos alunos. Trata-se da construção de um grande painel com fotografias de todos os alunos da escola, de modo a surpreendê-los e para que percebam que estão sendo “olhados” acolhedoramente pelos adultos responsáveis pela escola. A idéia é conseguir fotos de todos os alunos e montar o “álbum” num final de semana, para que os alunos o “descubram” na segunda-feira. É uma forma de apresentar a eles a proposta de *Ética e cidadania*, de convidá-los a participar e de sensibilizá-los para as ações que o grupo vier a desencadear. Portanto, é importante que as fotos sejam representações positivas, isto é, feitas em situações agradáveis, retratando sorrisos, etc.

❑ **Planejamento da ação.** O grupo deverá pensar nos recursos de que dispõe, nas necessidades e em estratégias para viabilizar a tarefa. Por exemplo:

- Talvez seja mais viável fotografar as turmas em conjunto do que os alunos individualmente.
- Para realizá-la é possível pedir a colaboração de outros pais, de amigos e até de algum fotógrafo da comunidade.
- É preciso decidir como será o painel: um papel pardo como base, emoldurado com papel colorido pode ser mais facilmente conseguido do que um quadro mural.
- Como trabalhar a reação dos alunos: o que dizer a eles,

como apresentar a proposta de *Ética e cidadania*, como ouvir a opinião deles sobre ela, que sugestões de participação fazer.

- Quando e como dar continuidade a esse álbum ao longo do tempo, incluindo os adultos da comunidade escolar e usando diferentes formas de representação, como desenhos, produções de textos, ilustrações, etc.
- Divisão das tarefas a serem realizadas.

Observação: é fundamental a atenção para que, sob nenhum pretexto, algum aluno fique “de fora” das fotos.

□ Uma vez ocorrido esse primeiro “encontro” com os alunos, o grupo deverá avaliar a receptividade e as conseqüências mais imediatas e planejar novos encaminhamentos para que as ações sugeridas pelos participantes e pelos próprios alunos realmente se efetivem.

A ESCOLA NO OLHAR DOS ALUNOS

(...) Como ser a mediadora entre a vida cotidiana desses jovens e o mundo de informações e conhecimentos que a sociedade vem acumulando, sem conhecê-los? Como ser um espaço de socialização se o “encontro” entre jovens e adultos nem sempre é considerado possível ou estimulado pela comunidade escolar? Como ser uma referência importante para esses jovens se a escola não parece capaz de abandonar uma postura de desconfiança e descrédito em relação a seus próprios alunos?

Essa situação de desconfiança mútua torna cada vez mais complicada e sofrida a relação entre escolas e alunos, e o resultado tem sido um cotidiano escolar muitas vezes difícil, com problemas de disciplina – baderna em sala de aula, agressões generalizadas – e muito desinteresse por parte dos alunos, para desespero dos professores. Na verdade, as expectativas de ambos os lados acabam frustradas: educadores não conseguem ensinar e alunos se sentem desamparados pela escola que, na opinião deles, não cumpre seu papel de transmitir os conhecimentos fundamentais para sua inserção no mercado de trabalho.

(*Coleção Jovens e Escola Pública*, vol. 3: *Pertencer: subjetividade, socialização e saber*, publicado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec, pp. 101-2.)

Uma ação importante e significativa, tanto para os alunos como para os educadores, é um levantamento da visão e das demandas que os alunos têm com relação à escola. Isso pode ser feito, por exemplo, na forma de pesquisa, em discussão por turmas, ou produção de representações da escola em diferentes linguagens. Esse levantamento ajudará os participantes do grupo a terem uma visão mais realista da relação entre a escola e os alunos e poderá indicar os pontos nos quais é necessário intervir.

- ❑ Para a realização desta ação é importante:
- a) planejar as ações passo a passo e a divisão de funções entre os educadores;
 - b) deixar claro para todos o que se quer saber: o que os alunos pensam da escola, que significado a escola tem na vida deles, se estão satisfeitos ou não com o que acontece na escola, quais os problemas que apontam, o que criticam, o que valorizam, quais suas principais reivindicações, o que gostariam que mudasse, o que gostariam que continuasse igual, etc.;
 - c) organizar o material produzido de modo a poder analisar, tirar conclusões e levantar hipóteses explicativas;
 - d) apresentar essas conclusões e hipóteses explicativas à comunidade escolar para que se tomem decisões e se promovam as ações necessárias.

PAPEL DE ESTUDANTE

Um ponto importante do trabalho educativo é a orientação aos alunos para desempenhar seu papel de estudante. O aprendizado desse papel inclui a clareza do que se espera dele na escola, nas diferentes etapas (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio): que tipo de comportamento, que tipo de atuação nas diferentes atividades, o que fazer em cada situação, como resolver problemas comuns do dia-a-dia, qual o papel de cada profissional que trabalha na escola, como se relacionar com cada um, o que a escola espera de suas famílias e como se relaciona com elas. Abrange também aspectos mais específicos, tais como: organizar e cuidar do material escolar, como se organizar para fazer as lições de casa no tempo e no espaço disponível, como utilizar a biblioteca, etc. Esses conhecimentos, na maioria das vezes, são esperados dos alunos sem que a escola tenha realizado um trabalho sistemático com o propósito de ensiná-los, mas são essenciais aos alunos, para que eles possam desempenhar a contento seu papel.

O trabalho educativo deve explicitá-los e deve apoiar os alunos em sua compreensão e execução, de modo que, simultaneamente, se cobre deles responsabilidades, mas também se ofereçam subsídios para que possam cumprir essas responsabilidades com segurança. Não é suficiente um trabalho pontual, uma vez que se trata de um aprendizado processual e contínuo, que se transforma ao longo do desenvolvimento do aluno e sob a influência do que é aprendido. Por isso, além de estar presente no cotidiano de modo informal, a escola precisa se organizar para mantê-lo permanentemente.

E, para que isso se concretize, deve lançar mão de diferentes recursos e formas de organização, de acordo com as necessidades dos alunos e das condições concretas que eles têm para conseguir ajuda e se desenvolver com relação a esses temas.

É possível, por exemplo:

- a) no segmento de 1^a a 4^a séries, ter um horário semanal ou quinzenal para conversar com os alunos, nas próprias classes, sobre essas questões;
- b) instituir um horário de trabalho com um orientador (profissional da escola ou colaborador) para os grupos de 5^a a 8^a séries;
- c) instituir um serviço de atendimento e orientação aos alunos, com plantões feitos por professores ou alunos mais velhos ou mais experientes, em sistema de monitoria.

Qualquer que seja a forma, a idade dos alunos ou a etapa de escolaridade, é importante manter alguns pontos comuns ao trabalho:

- a) deixar que os alunos coloquem suas dificuldades e procurar compreendê-las;
- b) estabelecer algumas combinações para a solução das questões, envolvendo responsabilidades dos alunos e dos educadores;
- c) oferecer os recursos necessários ou indicar a forma de obtê-los;
- d) “fazer junto” com os alunos quando necessário;
- e) avaliar e reorientar as ações quando necessário.

ESPAÇO ESPECÍFICO PARA REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES JUVENIS

O volume Introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a séries traz, na página 129, as orientações para a formação de grupos de discussão e desenvolvimento de projetos pelos alunos, em torno de questões e temas trazidos por eles e sob a coordenação de um professor orientador. É um espaço no qual os alunos podem expor, discutir e trocar suas preocupações, seus pontos de vista e receber orientação (sobre valores, sexualidade, trabalho, direitos, etc.), estabelecer parcerias, perceber que é “um entre outros”, aprendendo a respeitar os outros e se fazer respeitar em suas posições pessoais. O trabalho aí desenvolvido permite, por um lado, o acolhimento das preocupações e da cultura dos adolescentes e dos jovens e, por outro, favorece o desenvolvi-

mento de suas capacidades de buscar e criar alternativas, de tomada de responsabilidades. Esta proposta tem sido adotada por diferentes escolas com resultados bastante interessantes, tanto na relação entre a escola e os alunos como na atuação dos alunos na comunidade extra-escolar, pois nesse espaço é possível que se iniciem grupos de música, de teatro, movimentos estudantis, etc.

❑ No planejamento de uma ação visando a realização desta proposta é importante:

- a) fazer a leitura e a discussão do texto “Escola, adolescência e juventude”, do volume Introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais, 4ª parte, páginas 103 a 131;
- b) criar formas de comunicação entre este trabalho (específico, mas não isolado) e os demais trabalhos escolares, para que o conjunto dos educadores da escola seja “alimentado” pelo trabalho desenvolvido nesse “espaço”, isto é, para que conheçam a cultura e as preocupações de seus alunos, de modo a poder manter com eles um diálogo e a adequar suas propostas pedagógicas às necessidades de aprendizagem.

❑ O texto a seguir ilustra bem a necessidade que os alunos têm de ter um espaço para falar de seus problemas e dúvidas e como, em alguns casos, essa função é desenvolvida espontaneamente por funcionários da escola. Esse texto encontra-se na obra *Coleção Jovens e Escola Pública*, vol. 1: *Escutar: um ponto de encontro*, publicado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), na página 41, e faz parte do capítulo intitulado “Da importância de pertencer”.

Dona Diva é uma senhora de setenta anos, que trabalha como zeladora de uma escola pública há 18. Ela diz que sente uma grande alegria por ter podido acompanhar o desenvolvimento de muitos alunos: vê-los crescer, casar, ter filhos, conquistar melhores condições de vida. Ao mesmo tempo, ela também presenciou várias situações difíceis: muitas brigas, problemas dos alunos com a escola, com a família, gravidez precoce, envolvimento com drogas.

Pelo fato de morar no bairro há muitos anos, ela conhece todos os alunos da escola e se tornou uma interlocutora privilegiada deles e de suas famílias. Bastante próxima dos jovens, dona Diva preocupa-se em conversar e estar perto deles, ouvindo seus problemas, interessando-se por suas questões, dando conselhos. De certa maneira, ela faz a ligação entre os problemas deles na escola e em suas vidas fora da escola. “Eu falo com eles sobre tudo, de sexo, de doenças venéreas, etc. Por isso eu tenho que saber de tudo, compro as revistas que eles lêem, preciso saber que time de futebol jogou, quem ganhou, quem perdeu.”

Ela conta que uma vez encontrou na rua um aluno. Ele estava desesperado, pois não conseguia encontrar emprego e precisava muito ajudar sua família; por isso estava pensando em largar a escola. Dona Diva procurou acalmá-lo, dizendo-lhe que ele acabaria encontrando um emprego e que abandonar os estudos não iria resolver o problema. Desta situação ela conclui: “Falta a escola valorizar eles. No dia-a-dia lá eles não têm voz”. Assim dona Diva acredita que a escola está muito distante dos problemas dos alunos e que não tem tempo para ouvi-los. De sua postura como zeladora, afirma algo que também não é estranho às demandas de muitos professores: “Eu não quero viver aqui como cargo. Eu não quero cargo, eu sou gente. Quero ser tratada aqui como gente, como os jovens também devem ser”.

· REPRESENTANTE DE TURMA

Esta é a forma mais simples de organização dos alunos para expressar suas reivindicações e pontos de vista e participar de decisões junto com a direção da escola. Consiste em ter para cada turma ou série – a depender do tamanho da escola – um aluno eleito como representante dos demais para a comunicação e para a discussão sistemática com a escola.

❑ Para implantar a eleição de representantes de turma na escola, o trabalho educativo a ser feito com os alunos deverá atentar para alguns pontos:

- 1) A necessidade de discutir com os alunos a concepção de representante de turma: o que um representante precisa fazer, para que, quais atitudes se espera dele, quais as regras previstas para sua atuação.
- 2) A participação dos alunos na formulação de critérios e regras para a eleição e para a atuação do representante de turma.
- 3) A necessidade de ajudar (especialmente em se tratando das séries iniciais) os alunos a debater suas questões, de modo que o representante possa compreendê-las e levá-las adiante, mantendo assim a relação de representatividade.
- 4) A necessária valorização da participação dos representantes nas diferentes instâncias institucionais em que for prevista (conselho de escola, reuniões de pais, organização de projetos especiais, discussão de encaminhamentos e mudanças na rotina escolar, etc.).
- 5) A avaliação, pelos alunos, da atuação de seus representantes no momento de nova eleição.

GRÊMIOS

Os grêmios escolares são uma forma de organização autônoma dos alunos e, talvez, a mais tradicional forma de atuação estudantil na comunidade. Um grêmio plenamente constituído geralmente não tem a participação de educadores. Os alunos mais novos e das séries iniciais aprendem com os mais velhos e experientes a organização, os modos de funcionamento e as práticas que constituem a atuação do grêmio na escola.

Entretanto, nas escolas em que não existe essa tradição, é necessário que algum educador ajude os alunos a se organizar e a manter o funcionamento de um grêmio até que seja possível tal autonomia. Esse educador, ou equipe de educadores, deve orientar os alunos interessados na discussão com a direção da escola e com o conjunto dos alunos sobre o papel, os limites e as responsabilidades de um grêmio escolar.

❑ Para encaminhar um bom processo de construção de um grêmio escolar é preciso estabelecer, entre outras coisas:

- 1) A “legislação” do grêmio, isto é, as regras de funcionamento, os critérios de eleição e participação, etc. Muitas vezes é possível começar essa discussão a partir de alguma experiência já desenvolvida em outra escola da região.
- 2) Os espaços e os tempos da escola a serem ocupados pelo grêmio.
- 3) Como se constituirá a diretoria do grêmio.
- 4) As responsabilidades e os direitos dos eleitos para a diretoria.
- 5) A necessidade de que os candidatos se posicionem em relação às questões dos alunos e da escola e façam propostas em relação a elas.
- 6) Que estas propostas sejam apresentadas e debatidas com o conjunto dos alunos, para que o processo de eleição seja desenvolvido em função de opiniões sobre as questões escolares e não em função de conhecimentos pessoais. O voto deve ser consciente e não simples consequência de interesses pessoais ou amizades.

Unidade 4

ESCOLA E FAMÍLIA

INTRODUÇÃO

(...) A questão central das preocupações éticas é a análise dos diversos valores presentes na sociedade, a problematização dos conflitos existentes nas relações humanas quando ambas as partes não dão conta de responder questões complexas que envolvem a moral e a afirmação de princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais. *Na escola, o tema ética encontra-se nas relações entre os agentes que constituem essa instituição, alunos, professores e pais*, e também nos currículos, uma vez que o conhecimento não é neutro nem impermeável a valores de todo tipo.

(...) é preciso estimular, de fato, o envolvimento e a participação democrática e efetiva da comunidade e dos pais nas diferentes instâncias do sistema educativo e, especialmente, criar mecanismos que favoreçam o seu envolvimento no projeto educativo das escolas.

(Trechos extraídos da Introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais.)

Material complementar

Em vídeo

Programas: *Gestão escolar e Função social da escola*, pertencentes à série *Raízes e Asas*, produzidos pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec (utilizados também na unidade 2).

Texto

“Portas abertas para lotar as reuniões de pais”, reportagem da revista *Nova Escola*, novembro de 1997 (transcrita no final desta unidade).

A criação de um espaço escolar pautado pelos princípios da ética e da cidadania, razão de ser desta proposta de trabalho, depende da possibilidade de se conseguir construir coletivamente as relações de respeito, justiça, solidariedade e o diálogo no cotidiano vivido na escola e com a escola. E a participação é um dos princípios de cidadania com o qual a escola está diretamente comprometida.

Quando escola e família se reconhecem co-responsáveis pela educação de seus alunos e filhos e lançam mão de seu potencial de atuação como parceiras, têm muito mais condições de enfrentar seus desafios e de transformar a realidade.

O trabalho proposto nesta unidade tem como finalidade estimular a criação de canais que possibilitem a comunicação fluente e permanente entre a escola e as famílias de seus alunos. A falta de canais de comunicação faz com que haja distanciamento entre ambas e favorece a atitude de acusação mútua pela responsabilidade de possíveis insucessos na educação dos alunos, impedindo a construção da necessária parceria.

Comunicação e parceria envolvem via de mão dupla, de modo que a escola precisa conhecer o que pensam/sentem/desejam os familiares dos alunos tanto quanto as famílias precisam conhecer o que pensam/desejam/sentem os educadores envolvidos no processo. E, além de conhecer-se mutuamente, buscar formas de atuação conjunta que promovam a realização de um projeto educativo construído em comum.

A iniciativa da escola nessa direção é decisiva, pois é ela quem tem maior poder, como instituição organizada que é. Para a maioria dos familiares, os educadores são autoridades e, quando um professor se manifesta, sua fala tem o peso da instituição, o que não acontece com os familiares.

É comum os familiares mostrarem-se arredios e os educadores “reclamarem” que não conseguem envolvê-los, que eles não se interessam. Muitas vezes, pequenas modificações, pequenos gestos produzem bons resultados, como, por exemplo, o cuidado com o horário das reuniões, adaptando-

o de modo a viabilizar a participação da maioria; a discussão conjunta de temas e questões que afligem tanto os familiares como os educadores; a valorização de pequenas contribuições; a preocupação de promover uma acolhida agradável na escola sempre que os familiares a procuram. Outro ponto importante é manter a comunicação sempre fluente e não esquecer de “dar retornos” às manifestações, pedidos ou sugestões dos familiares. Retorno este que não deve ser dado só aos familiares que se manifestaram, mas a todos, de modo que a participação de uns possa incentivar a participação dos outros. Por exemplo, quando a escola toma uma medida em função da solicitação ou da sugestão de um familiar, é importante que ele e os demais fiquem sabendo disso, dessa forma, a escola valoriza a participação e faz com que os familiares vejam sentido nela, acreditando que “vale a pena”.

É importante atentar para o fato de que nem sempre a participação dos familiares pode acontecer do modo como os educadores idealizam, pois os familiares dos alunos têm situações de vida diversas, disponibilidades e possibilidades diferenciadas, e nem todos podem ter presença física frequente na escola. Entretanto, sempre é possível buscar estabelecer e manter uma atitude de cooperação, que se concretiza de diferentes modos, desde a presença e a participação no cotidiano da escola, até o acompanhamento atencioso do desenvolvimento dos alunos/filhos.

“Quando eu saio e chego tarde em casa, minha mãe senta no sofá comigo e me ensina a lição da vida.”

(Fala de uma jovem participante de uma pesquisa realizada pelo Cenpec e publicada na *Coleção Jovens e Escola Pública*.)

O QUE ESTÁ EM JOGO NA RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E AS FAMÍLIAS (exibição de vídeo, seguida de discussão)

Material necessário
Papel (cartolina ou similar) e caneta para anotações. Material para desenho e colagem. Fita de vídeo que faz parte do material deste *Ética e cidadania no convívio escolar*, para exibição do vídeo *Parceiros da escola*, da série *Raízes e Asas*.

A atividade que se segue tem por objetivo a introdução do grupo no tema desta unidade: as relações da escola com as famílias dos alunos e com a comunidade da qual faz parte.

❑ O grupo assiste ao vídeo uma primeira vez para saber do que ele trata e, uma segunda vez, pensando em questões como as que seguem e em pontos importantes que cada um queira discutir depois.

Exemplos de questões para discussão:

- Quais as falas, os depoimentos mais importantes ou significativos para cada um? Por que foi tão importante?
- Entre as formas de participação dos familiares dos alunos que aparecem no vídeo, quais aquelas que o grupo considera mais interessantes? Por quê?
- Considerando o que o vídeo mostra, como o grupo imagina que é a participação dos funcionários da administração e da manutenção nessas escolas?
- Que idéias, que possibilidades de ação dá para pensar a partir dessa discussão?

Observação: durante a discussão, é interessante voltar ao vídeo para esclarecer, reforçar idéias, retomar questões. É importante que o coordenador verifique se ficou alguma coisa incompreendida e promova seu esclarecimento.

**A RELAÇÃO EXPRESSA-SE
EM PEQUENAS COISAS...**
(atividades para discussão de situações
comuns da vida escolar)

**1ª situação: Os limites entre a educação
escolar e a educação familiar**

- Num cartaz, ou em folhas avulsas, o grupo recebe o texto seguinte para leitura individual:

Troca de bilhetes entre uma professora e uma mãe de aluno

22/4/1999

Prezada Dona Rosa

Hoje seu filho, Roberto, não fez os exercícios de matemática, chegou atrasado depois do recreio, não conseguiu terminar a redação, brigou com o colega e rasgou um livro da biblioteca. Favor tomar providências.

Professora Ana Maria

24/4/1999

Prezada Dona Ana Maria

Hoje seu aluno, Roberto, não veio para casa na hora do almoço, não escovou os dentes, bateu na irmã menor e saiu de casa sem minha ordem.

Favor tomar providências.

Dona Rosa

- Feita a leitura, cada um coloca as impressões, as concordâncias e as discordâncias que o texto suscitou.

❑ Após as primeiras colocações, é importante que o grupo analise as idéias que estão “por trás” dos textos e as consequências que trazem para a relação entre as famílias e a escola e, principalmente, para a educação dos alunos. Algumas questões para orientar a discussão:

- Considerando a situação apresentada (troca de bilhete entre uma mãe e a professora), como se pode caracterizar as principais diferenças entre a educação escolar e a educação familiar?
- O que *não* é da responsabilidade das famílias na educação dos alunos?
- O que *não* é da responsabilidade da escola?
- O que é da responsabilidade de ambas?
- Do ponto de vista do cuidado com as crianças, adolescentes e jovens, o que é necessário garantir na relação entre escola e família?

❑ Como nas demais discussões, é importante que ao final se faça uma síntese que explicita a posição a que o grupo chegou – assim como as divergências – e as propostas que tenham surgido, para serem retomadas em outros momentos e situações de trabalho e para alimentar a comunicação entre o grupo e o restante da comunidade escolar.

2ª situação: Representação de uma reunião de pais

Esta atividade tem a finalidade de analisar o que ocorre nas reuniões de pais, como elas são preparadas, como são desenvolvidas no espaço escolar e, principalmente, procurar analisar como os familiares se sentem quando estão em uma reunião dessas. A idéia principal é procurar colocar-se no lugar dos familiares para compreender o que eles sentem e, em função dessa experiência, aprimorar a forma como a escola tem se relacionado com as famílias de seus alunos, particularmente nessas reuniões.

A atividade está baseada em uma dramatização. Os participantes dividem-se em três equipes. Duas equipes representam os educadores e os familiares em uma reunião de pais convocada pela escola para discutir problemas disciplinares em uma classe de 6ª ou 7ª série. A terceira equipe (menor que as outras duas) é de observadores e anotadores, pessoas que não participam das dramatizações e anotam tudo o que está ocorrendo de importante. Terminada a representação, os observadores contam para os outros participantes o que viram na situação de positivo, e que serve de bom exemplo, e o que viram de negativo e necessita de mudanças.

Se na escola em que a atividade está sendo desenvolvida existe uma classe em especial que apresenta muitos problemas disciplinares, além de dificuldades no relacionamento com as famílias dos alunos, o grupo deve escolher essa classe. O ideal é que essa atividade promova uma discussão real, de tal modo que, ao final, algumas idéias para solução dos problemas possam ser encontradas.

□ Divide-se o grupo em três equipes: uma equipe representa os educadores, a outra as famílias e a terceira equipe tem a função de fazer uma observação do que ocorre durante a dramatização da reunião. É importante que os observadores (não precisam ser mais de quatro) fiquem atentos para as situações de desrespeito, desorganização da reunião, falta de objetividade, etc.

□ As pessoas das equipes de educadores e familiares definem os personagens que representarão. Haverá tantos personagens quanto o número de participantes. Entre os educadores: diretor, professor, merendeira, secretário, coordenador, etc. Entre os familiares: pais, mães, irmãos, avós, responsáveis que não são familiares, etc.

□ Antes de iniciar a dramatização da reunião, educadores e familiares reúnem-se separadamente, cada participante escolhe seu personagem. Em seguida, cada equipe se prepara para a dramatização. Os educadores preparam uma pauta e organizam como a reunião será conduzida. Os familiares escolhem alguns problemas relacionados à vida escolar de seus filhos para colocar em discussão com os educadores. É importante que, nas duas equipes, existam personagens que estejam diretamente envolvidos em problemas que estão ocorrendo na escola para dar uma dimensão bem real à dramatização.

□ Terminada essa preparação (que não deve demorar mais do que trinta minutos), a dramatização começa. É interessante arrumar a sala da mesma forma que se costuma fazer nas reuniões de pais verdadeiras, devendo a dramatização ser o mais próxima possível do que tem acontecido na escola.

□ Durante a dramatização, que deve transcorrer em aproximadamente quarenta minutos, os observadores posicionam-se em locais favoráveis e anotam todas as falas e as situações que considerarem importantes para as discussões posteriores.

- ❑ Terminada esta etapa do trabalho, o grupo reúne-se em círculo e ouve as anotações feitas pelos observadores. Durante a fala dos observadores, os outros participantes devem apenas ouvir, evitando apresentar desculpas, justificativas ou outras explicações sobre o que ocorreu. Assim, é importante que cada um anote o que sente ou pensa durante a fala dos observadores para, depois que eles terminarem, colocar suas idéias a respeito do que foi dito por eles e do que ocorreu durante a dramatização.
- ❑ Depois que os observadores terminarem suas falas, os outros participantes que quiserem expõem seus pontos de vista sobre as observações feitas.
- ❑ Em seguida, o grupo todo realiza uma análise do que têm sido as reuniões de pais e o que se pode fazer para melhorar não só essas reuniões, mas outros aspectos das relações entre a escola e os familiares. As questões abaixo podem servir de roteiro para essa análise:
 - De que tratam normalmente as reuniões da escola?
 - São sempre iguais?
 - Os familiares comparecem em número significativo?
 - Que motivos explicam as ausências?
 - Como são feitos os convites para essas reuniões?
 - Quem participa das reuniões de pais?
 - Que tipo de relação se estabelece entre a escola e os familiares nessas reuniões?
 - Que participação se pede dos familiares nas reuniões?
 - Os educadores sabem quais são os assuntos que os familiares gostariam de tratar com a escola? Já fizeram um levantamento desses temas?
 - Os problemas individuais dos alunos são tratados nas reuniões de pais ou há momentos reservados para isso?
 - Para que têm servido as reuniões de pais? Encaminha-se alguma coisa a partir delas?
 - Os familiares são convidados para ir à escola para alguma outra coisa além das reuniões de pais?
- ❑ Ao final, o grupo elabora, coletivamente e por escrito, uma síntese das conclusões a que chegou. Essa síntese deve ser elaborada tendo como principal meta encaminhamentos que aprimorem o relacionamento da escola com os familiares de seus alunos, particularmente nas reuniões de pais.

**FAMILIARES E EDUCADORES,
COMO CONVIVEMOS?
(leitura de texto seguida de debate)**

- ❑ Leitura do texto de introdução desta unidade, em pequenos grupos, para que todos se posicionem em relação a ele e

analisem a relação da escola com as famílias, do ponto de vista do respeito mútuo e do seu direito de participação na escola.

□ Discussão geral, analisando as relações que a escola estabelece com as famílias. O roteiro de questões a seguir pode ser utilizado para analisar as relações que a escola tem estabelecido com as famílias, além de indicar possíveis mudanças. É importante ressaltar que esse roteiro foi elaborado para ser o mais completo possível. O grupo não precisa responder, em uma primeira reunião, a todas elas, mas pode escolher aquelas questões que estão mais relacionadas aos problemas vividos pela escola no momento.

- Os participantes que têm filhos, como se sentem no papel de pais, nesta ou em outras escolas? Quais são suas dificuldades? O que avaliam como pontos positivos e negativos?
- Nesta escola, os educadores sabem o que os familiares dos alunos pensam da escola? Conhecem suas expectativas?
- Sabem se existem ou não desejo e disponibilidade de maior participação na escola, em que, e por quê?
- Procuram formas de envolvê-los ou ouvi-los em relação ao trabalho educativo (prioridades, avaliações, metas, objetivos)? A escola tem um Conselho Escolar em funcionamento?
- A escola, de modo geral, procura comunicar aos familiares o trabalho que faz, as decisões que toma, suas preocupações, seus objetivos?
- Os familiares conhecem coisas rotineiras, como, por exemplo, a merenda que os filhos recebem, como é preparada, quem as prepara? Alguma vez a cozinheira (ou algum outro funcionário, além de professores, diretor ou coordenador) já participou de uma reunião com os familiares para falar sobre seu trabalho ou sobre qualquer outro assunto?
- Os familiares têm acesso às dependências da escola, à cozinha, por exemplo?
- Que possibilidades os familiares têm de “falar” com a escola (professores, direção, funcionários)? Como são recebidos? Existem horários para isso? Esses horários são suficientes? São adequados às possibilidades de familiares que trabalham fora de casa? A escola já combinou com os familiares como devem fazer quando quiserem falar com alguém da escola?
- Como são encaminhadas e resolvidas suas demandas?
- Como são feitos os comunicados sobre o aproveitamento dos alunos? Os familiares que os recebem conseguem

entendê-los bem? O que se faz para garantir essa compreensão?

- Que tipo de participação a escola solicita dos familiares?
- Existe a preocupação de garantir que a relação entre a escola e os familiares seja respeitosa de parte a parte? O que se faz para isso? O que mais seria possível fazer?
- Como a escola se faz respeitar?

CONSTRUINDO RELAÇÕES COOPERATIVAS (planejamento de ações na escola)

Debate

Pensando em promover uma boa relação com as famílias, é importante que o grupo discuta e tome decisões a respeito das seguintes questões:

- O que o grupo gostaria de compartilhar com os familiares no desenvolvimento deste trabalho?
- Que tipo de participação será proposta?
- O que é possível fazer para conseguir isso?

Planejamento de reunião de pais

Uma ação imprescindível é comunicar aos familiares a existência deste trabalho, deixar clara a sua importância e o que se pretende com ele. Para isso e para colocar em prática as conclusões a que o grupo chegou com as discussões sobre o tema, uma primeira estratégia pode ser planejar uma reunião de pais. A seguir, vão algumas “dicas” para planejá-la. Há, em seguida, uma série de sugestões de outras ações possíveis para estreitar e fortalecer a comunicação e a relação cooperativa entre a escola e os familiares.

Pontos a considerar no planejamento de uma reunião de pais:

- 1) Finalidades da reunião:
 - Apresentar a proposta de trabalho “Ética e cidadania no convívio escolar”.
 - Conhecer um pouco sobre o que os familiares pensam sobre essa questão.
- 2) Clareza do que se quer conseguir, isto é, não só que os presentes fiquem sabendo que o trabalho está sendo feito, mas também:
 - Os motivos, o que se pretende, quem é o grupo diretamente envolvido, o que se espera dos familiares, formas de comunicação para sugestões e demandas.

- O que já está sendo feito, quais as ações desencadeadas com os alunos, com os familiares e com os educadores e o que essas ações têm produzido.
- A importância educativa que essa ação tem para a vida dos alunos.
- O que os familiares têm a dizer: como se sentem na relação com a escola, o que gostariam que mudasse, que expectativas um trabalho como este desperta?
- Qual a disponibilidade dos familiares para participar?

3) Organização geral:

- Será melhor fazer uma reunião geral, com todos os familiares dos alunos, ou fazer por grupos de turmas? Essa decisão depende do número de pessoas, do sistema de reuniões que a escola tem, do tempo disponível, etc.
- Como será feito o convite? Pode ser um convite individual, num pequeno folheto xerocado e distribuído, ou por meio de cartaz ou de ambas as formas. Pode ser ilustrado com um desenho, pode ter um pequeno texto (quem sabe um poema, uma frase...) que dê uma “dica” da intenção que mobilizou o grupo a iniciar o trabalho. O importante é que seja “caprichado”, de modo a despertar o desejo de participar. Além da distribuição do convite, conversas pessoais com os convidados, principalmente pelos familiares que fazem parte do grupo, ajudam a incentivar a participação.
- Como e onde os familiares serão recebidos? Por quem?
- Qual a melhor forma de organizar o espaço para ficar agradável, acolhedor e facilitar a troca de opiniões, o diálogo, a conversa? (não esquecer o mural que vem sendo construído ao longo do desenvolvimento do trabalho).

É sempre interessante promover “algo mais” junto com a reunião: um lanche, uma exposição de produções dos alunos, de fotos, a exibição de um grupo musical, ou de alguém que toque um instrumento, leitura de poesia, etc. A idéia é associar a ida à escola a algo agradável, um momento em que se “enriquece a alma”, em que se ganha algo como, por exemplo, o prazer de ouvir uma música e tomar um cafezinho com pessoas amigas, num lugar onde se é bem recebido.

4) Realização da reunião:

- O que se fará na reunião: Qual a seqüência de assuntos? Será apenas uma conversa ou poderão ser usados outros recursos? Seria interessante exibir um dos vídeos?
- Como será garantida e/ou incentivada a participação? Que dinâmica será usada? (Lembrar, por exemplo, da dinâmica de levantamento de expectativas e desejos incluída na unidade 1: Pensando na escola que temos, imaginando a escola que queremos.)

- Como se registrará o que for colocado? E depois, o que se fará com esse material? O que cada pessoa do grupo fará na reunião? Todos irão a todas? É interessante que todas as pessoas do grupo participem, pelo menos, de uma das reuniões de apresentação do projeto. A presença do(a) diretor(a) é importante para marcar o caráter oficial do trabalho.
 - Como será feita a avaliação da reunião?
- 5) Encaminhamento dos resultados da reunião:
- Para que e como o grupo utilizará os registros feitos na reunião?
 - Quais encaminhamentos serão adotados? É importante já planejar e agendar os encontros do grupo para analisar o que for produzido nas reuniões e tomar decisões sobre os encaminhamentos necessários para que o processo deslanche.
 - Nem tudo o que for proposto nas reuniões pode ou deve ser encaminhado. Algumas coisas são impossíveis, outras não são consideradas adequadas e, além disso, é importante decidir o que fazer primeiro e o que deixar para mais adiante.
 - Como os familiares ficarão sabendo do “resultado” da reunião, isto é, das decisões adotadas em função do que foi discutido com eles? E os alunos? E os demais professores e funcionários?
 - É muito importante que todos tomem conhecimento das ações que forem decididas e realizadas a partir das propostas feitas na reunião. Não se pode correr o risco de provocar expectativas e depois não lhes dar resposta; isso acarretaria um maior descrédito e resistência à participação.
 - Ao final da reunião, é muito importante escolher pessoas que fiquem responsáveis pelos encaminhamentos das decisões. A experiência mostra que uma das principais causas de as famílias pararem de ir às reuniões é que, em situações anteriores, várias decisões e promessas feitas durante uma reunião não foram encaminhadas ou cumpridas. Essa divisão de tarefas deve envolver os próprios familiares, sempre que possível.

**Outras possibilidades que o grupo pode eleger
para implementar na escola**

- 1) Criação de instrumentos de comunicação sistemática entre a escola e as famílias:

- mural na porta da escola, para comunicação da escola com os familiares: notícias interessantes, poemas; e para comunicação entre os familiares (procura e oferta de empregos e serviços, recados, etc.);
 - pesquisa de temas que os familiares gostariam de tratar nas reuniões da escola;
 - reuniões temáticas com pessoas convidadas (ou da escola) sobre questões de interesse dos familiares e dos educadores (exemplos: limites, valores, necessidades de aprendizagem, papel educativo das famílias e da escola e temas sugeridos pelos familiares);
 - reuniões gerais semestrais para debate com os familiares a respeito do trabalho educativo da escola e das famílias, de modo a subsidiar o projeto educativo da escola;
 - apresentação aos familiares em reuniões, ou por escrito, do que a escola pretende ensinar a cada ano e que, portanto, eles podem esperar que as crianças e adolescentes aprendam;
 - relatórios ou folhetos contando sobre o trabalho desenvolvido nas diferentes turmas e sobre o convívio escolar;
 - “caixa de correspondência” para que os familiares coloquem sugestões, críticas, etc. para a direção da escola.
- 2) Modificações na rotina ou no funcionamento da escola para promover uma relação mais acolhedora com os familiares:
- criação de espaço acolhedor em que os familiares possam permanecer por algum tempo na hora da entrada e da saída;
 - presença dos educadores na hora de entrada e saída para conversas informais.
- 3) Criação de espaços de participação de pais ou familiares no cotidiano da escola:
- familiares que ajudam no atendimento a outros familiares na entrada e na saída dos alunos: informações, recepção de demandas para posterior encaminhamento, etc.;
 - atendimento a alunos nas situações “críticas” da rotina escolar: distribuição de merenda, saídas coletivas, organização de exposições de trabalho;
 - colaboração dos familiares com a escola, usando seus saberes profissionais ou amadores (carpintaria, pintura, informática, organização de materiais, costura, cozinha, prática de esportes, leitura, desenho, etc.);
 - promoção de atividades complementares para os alunos, tais como aulas esportivas, aulas de música, informática,

grupo de teatro, oficina de leitura, horta, trabalhos manuais e outras que os familiares possam, por sua experiência e conhecimento pessoal, ensinar na escola.

- 4) Criação de grupo de trabalho para encaminhar solução de problemas e necessidades detectados pelos educadores, alunos e familiares:
- campanha para ampliação do acervo da biblioteca;
 - recuperação de móveis e equipamentos;
 - estabelecimento de parceria com outras instituições, como clube esportivo, jornal do bairro, etc.

UMA EXPERIÊNCIA QUE AJUDA A PENSAR (material complementar)

PORTAS ABERTAS PARA LOTAR AS REUNIÕES DE PAIS Escolas do Sesi atraem as famílias com palestras sobre a educação dos filhos.

No começo do ano passado, diretores e coordenadores das 217 escolas mantidas pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) no Estado de São Paulo pararam para avaliar as reuniões bimestrais com os pais dos alunos. A insatisfação era geral. Poucos pais compareciam e eles ouviam apenas comentários sobre o mau comportamento ou as notas baixas dos filhos. Ficou claro que era preciso reformar as reuniões e tratar também de outros assuntos.

Feito o diagnóstico, os encontros ganharam dinamismo, tornaram-se mais informais e atraíram mais público. Indo além, a rede paulista de ensino do Sesi, que atende cerca de 140.000 alunos da pré-escola à 8ª série em 185 municípios, organizou reuniões mais freqüentes, em paralelo aos encontros bimestrais. Em fevereiro deste ano, no dia da matrícula dos filhos, os pais foram convidados a se inscrever para uma série de palestras sobre temas que eles mesmos indicavam, como violência, drogas, Aids, conflitos familiares e comportamento dos adolescentes. A maioria gostou da idéia.

Uma vez por mês, à noite ou aos sábados, psicólogos, médicos, pedagogos e outros especialistas convidados pela escola tratam de um desses temas. Os pais também falam. “No início eram tímidos, mas em pouco tempo já trocavam experiências sobre a educação dos filhos”, relata Maria Teresa Grieco, assistente de subdivisão de ensino fundamental do Sesi.

“A maior aproximação com os pais melhorou o ambiente de trabalho na escola”, diz Cláudia Regina Faria, coordenadora do Sesi de Vila Maria, bairro de São Paulo. (...)

(Trechos da reportagem da revista *Nova Escola*, novembro de 1997.)

Os detalhes de uma boa conversa

A experiência das escolas do Sesi demonstra como realizar uma boa reunião com os pais dos alunos.

- Não mande uma convocação, mas um convite, feito de preferência pelos alunos. Crie um ambiente de cordialidade, recebendo os convidados, quando possível, com um lanchinho.
- Em vez de arrumar as carteiras em fileiras, forme um grande círculo, para que os pais possam se ver e trocar idéias.
- Organize a reunião. Distribua textos, reserve uma parte do tempo para debates e valorize os comunicados gerais e os temas mais abrangentes.
- Deixe para comentar depois da reunião, em conversa reservada com cada pai, o rendimento dos alunos. Nos casos mais graves, marque uma conversa para outro dia.

Unidade 5

A ESCOLA NA COMUNIDADE¹

INTRODUÇÃO

Qual o significado da escola para a comunidade?

Ao mesmo tempo que ensina os conteúdos das matérias escolares, a escola educa as crianças, os adolescentes e os jovens que convivem na comunidade, pois, em geral, seus alunos, assim como muitos educadores, são moradores do mesmo local onde se situa a escola.

Se, por um lado, a escola não é a única educadora, nem pode dar conta sozinha de toda a educação de seus alunos – principalmente no que se refere a valores e atitudes, já que os alunos aprendem muito fora da escola –, por outro, o trabalho educativo da escola tem uma interferência direta na vida da comunidade. Por exemplo, quando a escola ensina seus alunos a cuidar do ambiente de modo sustentável, quando desenvolve atitudes de cuidado e responsabilidade com a saúde coletiva e de valorização das diferentes expressões culturais, quando consegue reverter um quadro de violência, contribui para que a comunidade tenha uma qualidade de vida melhor. Quando a escola faz um trabalho educativo pautado em princípios éticos, promovendo o desenvolvimento da capacidade dos alunos de participar da vida coletiva e de assumir valores democráticos, ajuda a semear esses valores: tanto os alunos quanto os educadores não só os aprendem, mas os difundem com suas atitudes, nos diferentes espaços e relações que estabelecem nas famílias, na vizinhança, nos diferentes grupos que freqüentam, em outras instituições.

Daí podermos pensar em relações de parceria e cooperação entre a escola e as pessoas da comunidade na educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens: são os “filhos da comunidade” que estão na escola. Seus vizinhos, seus concidadãos.

Tendo como objetivo comum um convívio social democrático, é preciso que unam forças na promoção das transformações necessárias para avançar nessa direção. Esse traba-

¹ Aqui a palavra se refere à comunidade de inserção da escola, formada pelos habitantes e pelas instituições localizadas em seu entorno e inclui não apenas familiares de alunos, como no caso da expressão “comunidade escolar”.

lho conjunto amplia em muito a possibilidade de a escola oferecer aos alunos o aprendizado da cidadania. Entretanto, a escola não pode ficar à mercê de demandas e interesses que possam desviá-la de sua função específica, de seu trabalho educativo. Daí a necessidade de que a abertura à comunidade e o estabelecimento de parcerias sejam norteados pelo Projeto Educativo da escola, isto é, pelas prioridades de educação e ensino que ela elege para o trabalho a ser desenvolvido com os alunos.

ONDE ESTAMOS QUANDO ESTAMOS NA ESCOLA?

(colagem representando a comunidade, seguida de reflexão sobre a forma como os educadores a vêem)

Material necessário

Cartolina ou outro suporte para colagem (papelão, papel pardo, etc.). Material para recorte: revistas, jornal, fotos, ilustrações. Material para colagem: palitos, sementes, folhas, papel colorido, sucata, etc. Canetas coloridas, lápis, tinta, tesouras, cola, fita adesiva, pincéis.

Material complementar

Textos da *Revista Pátio*, ano 3, nº 10, ago./out. 1999: "Comunidade e escola. A integração necessária".

A finalidade desta atividade é possibilitar que o grupo entre em contato com seus próprios sentimentos e atitudes em relação à comunidade com a qual trabalha, para que cada participante possa perceber em si próprio o que favorece o trabalho e o que precisa ser modificado, aprimorando as propostas do grupo como um todo.

❑ Com o grupo dividido em equipes (entre três e cinco pessoas), os participantes elaboram uma colagem que represente a comunidade em que a escola está inserida, usando cartolina ou outro papel grosso como suporte.

❑ Para a elaboração dessa colagem, primeiro a equipe faz um plano de como vão construir a representação, de modo que nada do que é importante na comunidade fique ausente. Em seguida, desenham, procuram imagens sugestivas em revistas, usam fotos (se houver), sucata, palitos e qualquer outro material que possa ser útil para construir uma representação que expresse aquilo que o grupo pensa e sente em relação à comunidade com a qual trabalha.

❑ Quando os trabalhos estiverem prontos, são expostos para que todo o grupo os veja em detalhe e anote (para expressar depois) o que a colagem o faz pensar, que mensagens lhe transmite.

❑ Cada equipe conta seu processo de elaboração e os significados atribuídos às imagens que foram construídas.

❑ Em seguida, o grupo reúne-se em círculo e compartilha as idéias e os sentimentos que as colagens provocaram e, todos juntos, analisam todas as produções, sob a orientação

de um coordenador. Essa análise pode ser feita tendo como roteiro as seguintes questões:

- A escola aparece em todos os trabalhos?
- Quando não aparece, qual o motivo?
- Quais são os pontos comuns entre os trabalhos? E os divergentes?
- Todos consideraram importantes os mesmos elementos? Por quê?
- Como cada trabalho expressa a relação que a escola tem com a comunidade?
- Que atitudes e sentimentos podem-se depreender do que está expresso: cooperação? agressão? ressentimento? indiferença? amizade? pertencimento? distanciamento? alegria? desconforto? raiva? irritação? pena?
- Aparecem canais de comunicação entre a escola e as demais instituições ou pessoas da comunidade? Quais?

Observação: lembrar que podem conviver, ao mesmo tempo, sentimentos e atitudes contraditórios.

- Finalizando a atividade, o grupo sintetiza suas discussões, tirando algumas conclusões sobre a relação que a escola tem com a comunidade, se é satisfatória ou não e em que deveria mudar.

AMPLIANDO O OLHAR (leitura de texto, seguida de discussão)

A finalidade desta atividade é aprofundar a visão da escola como instituição formadora de cidadania e suas consequências na organização do espaço escolar, além de discutir a importância de considerá-la uma instituição que depende não apenas dos governos, mas também da comunidade em que está inserida e dos educadores que nela trabalham.

- Uma pessoa do grupo lê em voz alta e todos acompanham com o texto em mão. Depois dessa primeira leitura, o grupo esclarece possíveis dúvidas em relação ao entendimento, voltando ao texto se necessário.
- Em seguida, cada pessoa relê o texto individualmente para marcar o que considera mais importante, o que discorda e o que concorda em relação às afirmações do autor.
- Abre-se um debate sobre as idéias e as reflexões que cada pessoa fez.

Material necessário

Cópias do texto “Cidadania se aprende na escola”, de Jaime Pinsky, extraído do livro *Cidadania e educação*. Editora Contexto. Papel e canetas para anotações e cartolina, ou papel equivalente, para produção de cartaz.

- Após essa discussão, o grupo divide-se em equipes de três ou quatro pessoas. Cada equipe, considerando a reflexão anterior, escreve, em tiras de papel, as *atitudes* que precisam procurar desenvolver entre si, com os alunos e com as famílias para que se estabeleça uma boa relação entre a escola e a comunidade.
- As tiras produzidas pelas equipes são coladas na parede para que todos possam ler e comentar. Aquelas que forem representativas da opinião da maioria são copiadas em uma cartolina e colocadas no mural.

CIDADANIA SE APRENDE NA ESCOLA

Desmotivada e sem recursos, a rede estadual de educação está sucateada e não tem a menor condição de atender de maneira razoável aos estudantes que a procuram. Certo? Errado.

A doença é grave, o paciente tem de ser tratado, mas a escola pública pode e deve voltar a exercer um papel central no nosso sistema educacional, desde que se faça uma avaliação correta dos seus problemas, um planejamento lúcido das prioridades e uma operacionalização adequada e corajosa das soluções que se fizerem necessárias. Para isso, a Secretaria de Educação tem de sofrer uma profunda reforma que permita a otimização de seus recursos humanos (de muito boa qualidade em vários setores) e a libere de vícios estruturais que se vêm avolumando no decorrer de administrações mais preocupadas com o uso político da rede do que com o educacional. E se é improvável transformar (durante um único governo) a educação pública que temos naquela com a qual sonhamos, é possível promover alterações profundas e irreversíveis, desde que se convoquem professores e pais para *participar* das mudanças, e não para simplesmente *executar* decisões tomadas em gabinetes distantes das salas de aula.

A questão central tem a ver com a própria prática de cidadania. A escola pública é, freqüentemente, vista como um órgão governamental, como um aparelho do Estado, não como um órgão da sociedade que visa permitir oportunidades iguais a todos. O professor sente-se explorado, os alunos imaginam (embora nem sempre com razão) que numa escola particular seriam melhor instrumentalizados e os pais percebem a escola como um elemento estranho no bairro ou no quarteirão: lá chegam, apressados, professores desmotivados em seus carros velhos (quando não de ônibus), despejam seu saber e, tão rapidamente quanto chegaram, partem para a escola seguinte, como se fossem médicos plantonistas que acumulam expedientes para tornar viável seu ganha-pão. É comum o professor nada saber do bairro onde trabalha, dos alunos que educa, da vida real das pessoas que vivem na região. Poucas comunidades zelam por suas escolas, exatamente porque não as consideram suas, mas do “governo”, entidade sem rosto, distante e autoritária. Escolas depredadas são

apenas a face mais visível desse “desacordo” entre alunos, professores, comunidade e governo.

O caminho começa, portanto, no estabelecimento de um diálogo entre os diferentes interlocutores, para que se possa começar a pensar numa escola de e para cidadãos. Uma escola em que o aluno receba uma educação que de fato seja a síntese entre o patrimônio cultural da humanidade, no seu sentido mais amplo (que cabe ao professor bem informado e atualizado trazer), e a especificidade de sua própria cultura; em que o professor tenha condições de tratar os alunos como seres únicos a serem socializados, mas não descaracterizados; em que o prédio da escola possa ser o centro cultural do bairro, com biblioteca, acervo de jornais e revistas e até – por que não? – uma gibiteca à disposição de todos. A escola pode ser um centro em torno do qual surjam grupos de teatro, cineclubes, atividades literárias, pessoas montando papagaios ou simplesmente conversando. Por que, em fins de semana, a escola não poderia reunir senhoras para fazer tricô e bater papo, homens para jogar xadrez e dominó, jovens e crianças das redondezas?

Em nossa periferia, onde as oportunidades de lazer fora de casa são mínimas, a escola fechada é uma ofensa ao cidadão e passa, com frequência, uma imagem de invasora. Despi-la dessa capa, torná-la útil para toda a comunidade é um desafio fácil de vencer com vontade política, competência e criatividade. E coragem para tomar emprestado, de antigas administrações, políticas que não podem ser desprezadas apenas por provirem de homens hoje sem poder.

Não tenho nenhuma dúvida de que um trabalho de base feito com o envolvimento de professores, alunos, comunidade e governo teria resultados bastante satisfatórios num lapso de tempo curto. A mudança de atitude das pessoas com relação à escola, baseada num sentimento de responsabilidade mútua, poderia constituir o ponto de partida para uma importante virada. Afinal de contas, cidadania é participação, é ter direitos e obrigações, e, ao contrário do que muitos pensam, se aprende na escola.

(Jaime Pinsky, *Cidadania e educação*, Editora Contexto.)

CONSTRUINDO RELAÇÕES COOPERATIVAS (planejamento de ações na comunidade e na escola)

A seguir, apresentam-se duas atividades complementares que têm como objetivo comum a construção de relações cooperativas entre a escola e a comunidade na qual ela está inserida. A primeira atividade tem por objetivo tornar a comunidade mais conhecida pelos educadores, representando um movimento da escola em direção à sua comunidade. O objetivo da segunda é tornar a escola mais conhecida pela comunidade.

- Quem são os possíveis parceiros da escola?
- O que a escola precisa e a comunidade pode oferecer?
- E a escola, o que pode oferecer para a comunidade?

Para responder a essas questões, é preciso conhecer bem a comunidade, sua cultura, sua vida cotidiana, o que tem e o que falta. Mas é preciso também se dar a conhecer pelos que estão fora da escola, mas fazem parte da rede de relações da qual os alunos e seus familiares participam. Como cidadãos, todos têm o direito de ter expectativas em relação à escola, assim como têm responsabilidade social na educação dos alunos, sujeitos dessa mesma cidadania. Esse conhecimento mútuo, além de ser construído na interação que se dá ao longo do tempo, pode ser promovido com ações planejadas que dêem início a uma relação mais estreita e mais fluente. As sugestões que seguem vão nessa direção.

1ª atividade

Pesquisa: Conhecendo melhor a comunidade

A finalidade desta atividade é sensibilizar e promover a conscientização dos educadores em relação à vida da comunidade, suas questões relevantes e suas potencialidades.

□ Leitura e análise de questões orientadoras para a construção do “retrato” da comunidade. O grupo analisa as sugestões abaixo para decidir quais consideram relevantes para a pesquisa a ser feita e também para pensar se existem outras informações necessárias para a compreensão da realidade vivida pelos alunos e do papel que a escola tem ou pode ter na comunidade. Após essa lista de questões, há um roteiro para auxiliar o grupo na escolha dos aspectos que serão pesquisados.

- Qual é (em linhas gerais) a região considerada “comunidade da escola”?
- O que sabem sobre a história dessa comunidade? Como se formou? Os seus habitantes têm alguma característica cultural marcante?
- Quais as atividades econômicas da vizinhança (comércio, indústrias, serviços formais ou informais)?
- Os familiares dos alunos trabalham nessas atividades? Caso contrário, em que trabalham?
- Que tipo de ocupação tem a maioria?
- Há muitos desempregados na comunidade? Como se sustentam?
- Há diferenças socioeconômicas marcantes entre as famílias?
- Como são as condições de moradia, saneamento básico, alimentação, transporte, segurança, acesso à justiça, atendimento à saúde?
- Existem doenças que agriem permanentemente a população? Há doenças endêmicas?

- Como são as condições ambientais, tais como arborização, coleta e tratamento de lixo, poluição de rios, uso de agrotóxicos e outras formas de poluição?
 - Qual o número de crianças, jovens e adolescentes dessa comunidade?
 - Todos estão na escola?
 - Qual a porcentagem de estudantes da comunidade que é atendida por esta escola?
 - Nesta escola a maioria dos alunos mora na comunidade próxima dela?
 - No caso de haver alunos que vêm de outros bairros, por que isso ocorre?
 - O que fazem as crianças, os adolescentes e os jovens fora do período escolar?
 - Existe exploração do trabalho infantil?
 - Quais os órgãos públicos atuantes na região? O que fazem? Têm serviços de atendimento à população?
 - Há equipamentos de cultura, esporte e lazer, como bibliotecas públicas, quadras para esportes, cinema, praças? Quem tem acesso a eles? Como são utilizados? Quem os mantêm?
 - Há grupos organizados de adultos, crianças ou adolescentes em torno de alguma atividade (times esportivos, grupos musicais, artistas populares, artesanato, etc.)?
 - Há associações de pessoas voltadas para ações de promoção social ou defesa de direitos, tais como: sociedade amigos de bairro, sindicatos, movimentos, organizações não-governamentais (ONGs), grupos de ajuda mútua, atendimento a crianças e adolescentes, etc.?
 - Que avaliação as pessoas têm da atuação dessas instituições e organizações?
 - Quem são as pessoas reconhecidas pela população por seu conhecimento, sabedoria, atuação solidária, capacidade de liderança, etc.?
 - Há alguma campanha, ação comunitária ou movimento cultural acontecendo no momento? Quem participa?
 - Os alunos e seus familiares participam dessas atividades?
 - Como a escola é vista pelas pessoas? O que as pessoas esperam/desejam que a escola seja na comunidade?
- O roteiro abaixo foi elaborado com o propósito de orientar a seleção dos aspectos relacionados acima e que serão pesquisados na comunidade.
- Definição daquilo que se quer saber, que informações se necessita.
 - Onde serão procuradas essas informações.
 - Que procedimentos serão utilizados para levantar as informações.

- Quem vai levantá-las.
- Como envolver as pessoas da escola (alunos, inclusive) nesse trabalho.
- Como serão reunidas e organizadas as informações.
- Como serão utilizadas posteriormente.

□ Definição dos procedimentos para obter as informações. Há muitas formas de obter informações sobre a comunidade, desde ações mais simples e pontuais, como passar um questionário sobre determinado assunto, até a promoção de eventos mais complexos, envolvendo um grande número de pessoas. Pode-se também combinar diferentes ações que se vão sucedendo, conforme o grupo vá avaliando a necessidade e a possibilidade de promover, por meio delas, a integração da escola com a comunidade.

Seguem alguns exemplos:

- Conversa com os demais educadores da escola sobre o que conhecem da comunidade.
- “Passeio” na comunidade, seguindo um roteiro de visitas.
- Questionário cujas respostas devem ser conseguidas num trabalho de pesquisa envolvendo alunos e pais interessados.
- Reuniões com pessoas convidadas, que vivem ou trabalham na comunidade.
- Entrevistas com pessoas que têm algum tipo de liderança comunitária, que trabalham em instituições da comunidade, moradores antigos, etc.
- Promoção de uma “gincana cultural”, em alguns finais de semana, para trazer pessoas que têm atuação na comunidade (médicos, parteiras, poetas, cantores, músicos, esportistas) e outras que conhecem sua história, para que contem o que sabem sobre a vida da comunidade.

Observação: o contato com as pessoas para pedido de informações pode ser ao mesmo tempo uma divulgação do trabalho da escola e um convite à participação. É importante, por isso, que essas pessoas convidadas recebam informações sobre o que a escola está desenvolvendo, suas intenções e suas finalidades. Da mesma forma, não se deve esquecer que os demais educadores da escola, os pais e os alunos devem saber dessas ações e ser convidados a participar delas. No que se refere aos professores e aos alunos, é possível pensar formas de articular essas ações ao trabalho nas aulas.

❑ Organização e análise das informações:

Sistematização das informações colhidas

A forma de organizar as informações obtidas depende da sua quantidade, da disponibilidade de pessoas para a tarefa e do tipo de uso e divulgação que se deseja fazer. Pode ser, por exemplo:

- Confecção de cartazes registrando os dados mais significativos.
- Boletins informativos.
- Transparências para serem apresentadas em reuniões.
- Textos para serem utilizados como material de trabalho (com os professores, com os alunos, com os pais, com outras pessoas e instituições).
- Relatórios.

Reflexão sobre as informações colhidas

Debate sobre o material coletado, incluindo, além das informações, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos participantes, para a eleição das questões mais significativas, daquilo que é mais relevante para o trabalho educativo da escola, e para responder às perguntas:

- O que a escola precisa e a comunidade pode oferecer?
- E a escola, o que pode oferecer para a comunidade?
- Quem são os possíveis parceiros da escola?

Divulgação da síntese da pesquisa

A próxima etapa é decidir como serão divulgadas a síntese do perfil da comunidade, levantado a partir da pesquisa, bem como as decisões que correspondem às respostas das três questões anteriores.

Observação: lembrar do retorno das conclusões para as pessoas da comunidade que colaboraram no processo.

2ª atividade

Escola aberta: Evento de apresentação da escola à comunidade

A idéia de escola aberta concretiza-se num convite a pessoas potencialmente “amigas da escola” para uma visita na qual se expõem aos visitantes os diferentes espaços da escola e as atividades que aí se desenvolvem, com a participação das pessoas que nelas atuam.

Neste caso, a finalidade é aproximar esses potenciais colaboradores do trabalho que é feito, estabelecendo elos afetivos com o trabalho escolar, valorizando a atuação das pessoas envolvidas e promovendo atitudes favoráveis à participação em ações conjuntas.

O evento pode ser organizado como um “café da manhã” ou um “lanche festivo”, para o qual sejam convidadas, além dos pais dos alunos, pessoas da comunidade que se queira ter como parceiras.

O planejamento e a realização de um evento dessa natureza requerem algumas providências importantes:

- Um convite que explique aos convidados a razão da reunião e seus principais objetivos, o que irá ocorrer e o que se espera deles.
- Na abertura, alguém que represente a escola, que além de dar as boas-vindas aos participantes, deverá deixar claro o que se deseja com esse encontro: iniciar uma nova fase na relação da escola com a comunidade, em que a escola contribua com a vida comunitária e seja ajudada pela comunidade no seu trabalho educativo. As apresentações precisam incluir cartazes, transparências e outros recursos que ajudem as pessoas a entender a mensagem de modo agradável e rápido, para não ficar cansativo. Informações mais detalhadas podem ser fornecidas num folheto, para leitura individual.
- É fundamental ter um espaço em que a palavra seja dada a todos que queiram se manifestar, e que as possíveis propostas de continuidade sejam registradas e encaminhadas posteriormente.
- Expor, nas salas de aula, os trabalhos que os alunos estão desenvolvendo, apresentados por eles próprios e pelos professores; nos demais espaços da escola (cozinha, secretaria, biblioteca, pátio), atividades relacionadas com o que se faz ali. É interessante que no evento haja também outras atividades, como exibição de vídeo, apresentação musical, jogos, brincadeiras, etc., conforme a cultura da comunidade. Por exemplo: teatro ou leitura de história na biblioteca, brincadeiras e jogos no pátio, etc.
- Depois da “festa”, é preciso dar continuidade às ações. Uma sugestão é convocar uma reunião com os possíveis parceiros para expor as intenções da escola e dar início às ações conjuntas. Parceria é auxílio mútuo: tanto a escola pode receber ajuda como ajudar naquilo que puder oferecer como colaboração para a comunidade.

Outras possibilidades que o grupo pode eleger para serem desenvolvidas na comunidade:

- Promoção conjunta (entre pais, alunos, educadores e outras pessoas) de eventos culturais ou esportivos de interesse dos alunos, tais como campeonatos esportivos, shows com apresentações literárias, musicais e de dança (incluindo a apresentação das produções dos alunos), gincanas, etc.
- Parceria com outras organizações na realização de projetos para enriquecer o trabalho escolar, tais como organizações não-governamentais (ONGs) que desenvolvem trabalhos com alunos e educadores, centros de saúde, centros culturais, órgãos de proteção ambiental, escolas de nível médio e superior, departamentos da administração pública, etc.
- Uso de recursos da comunidade para desenvolver o trabalho escolar: quadras esportivas em clubes e associações para aulas de educação física, bibliotecas, museus, centros culturais, salas ociosas, etc.
- Colaboração de pessoas da comunidade nas propostas de ensino: convite a pessoas que possam dar aulas aos alunos sobre temas em estudo, fazer palestras, ensinar técnicas de arte, artesanato, jogos, etc.
- Colaboração da escola em ações comunitárias desenvolvidas por outras organizações: campanhas de solidariedade, assistência à saúde, campanhas preventivas, arrecadação de materiais, roupas e alimentos, mutirões, recuperação ambiental, limpeza de lugares públicos, etc.
- Participação da escola em ações de órgãos e instituições da comunidade: Conselho Municipal de Educação, Conselho Tutelar, fóruns de infância e adolescência, centros culturais e comunitários, etc.
- Abertura da escola a grupos comunitários, nos espaços e tempos que excedem o horário escolar, para prática de esportes, uso da biblioteca, do laboratório de informática, atividades culturais, de lazer e cursos livres.

UMA EXPERIÊNCIA QUE AJUDA A PENSAR (material complementar)

AÇÃO PARTICIPATIVA

Escola se alia à comunidade contra a violência
Projeto quer resgatar solidariedade e fraternidade

A comunidade de Santa Cruz está se mobilizando para acabar com a violência na Escola Estadual Professor José Saint

Clair Magalhães Alves. Uma reunião entre a direção do colégio e representantes de várias entidades do bairro, na quarta-feira, selou o compromisso de um trabalho participativo que vai envolver outras instituições de ensino da região. Juntas, escola e lideranças comunitárias vão promover a participação social, primeiro passo para o resgate da cidadania.

A idéia é transformar um projeto de preservação do meio ambiente em exemplo para a valorização da vida. Com isso, a escola espera reverter o quadro atual, no qual docentes chegaram até a ser ameaçados de morte. “Já havia uma programação junto a lideranças e entidades da comunidade, para o desenvolvimento de um trabalho integrado, dando ênfase ao meio ambiente. É uma tentativa de resgatar o espírito de solidariedade e fraternidade e, conseqüentemente, minimizar a violência”, disse a diretora Telma Maria Lima Machado.

O projeto, que receberá o apoio da *Tribuna*, através do programa Tribuna Escola, deverá envolver órgãos públicos, além da Sociedade Pró-Melhoramento de Santa Cruz (SPM), do posto de saúde e de líderes religiosos. Através do lançamento de desafios, como um concurso que valoriza a limpeza dos colégios e do próprio bairro, além da edição de jornais temáticos, a direção da escola pretende iniciar o trabalho de preservação ambiental e dos valores humanos.

Segundo Telma, o colégio vai se associar ao programa Agenda para a Paz, da Secretaria Estadual de Educação (SEE), para promover a auto-estima da comunidade escolar, além de despertar a participação de órgãos ligados à infância e à adolescência para a construção de uma escola mais sintonizada com o aluno. “Nosso objetivo é criar um plano de ação.”

Providências

O presidente da SPM, Gilmar Oliveira, disse que a entidade está preocupada, porém acredita na união entre entidades do bairro e escola. “Estamos engajados no projeto de conscientização.”

A ameaça de bomba e o desrespeito a docentes estão sendo investigados na Delegacia de Menores. “A direção tomou medidas de segurança, a fim de resguardar alunos e funcionários. Comunicamos às autoridades competentes e, junto com a 18ª Superintendência Regional de Ensino (SER), fizemos encaminhamento à Procuradoria da Infância e do Adolescente, providenciando medidas cabíveis”, afirmou Telma.

(Artigo publicado no jornal *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 21 de maio de 1999.)

Unidade 6

RESPEITO MÚTUO

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, pensou-se que a educação moral deveria ocorrer a partir da associação entre discursos que explicitavam boas normas de convivência, modelos edificantes, e que deveriam ser copiados pelas outras pessoas. Complementando essa “educação moral”, havia a repressão, a interdição e o castigo, formas de reprimir “comportamentos inadequados”.

Atualmente, sabe-se que a educação cidadã só pode ocorrer a partir de experiências de vida que, além de servirem de modelo ao aprendiz, favoreçam e estimulem o desenvolvimento de uma postura ética e respeitosa.

Quando consideramos a dimensão intelectual e racional do desenvolvimento dos alunos, uma coisa é clara: a criança que nunca teve a possibilidade de raciocinar, de argumentar, de discutir, de elaborar seus próprios argumentos e soluções, nunca ousando pensar por si mesma, mantendo-se sempre dependente das “autoridades” que tudo sabem por ela, é uma criança que sempre terá dificuldades de raciocínio, de compreensão racional dos conteúdos escolares. Da mesma forma, uma criança a quem nunca se deu a possibilidade de se afirmar, de ter êxito em seus menores empreendimentos, uma criança sempre humilhada, dificilmente desenvolverá alguma forma de respeito próprio. Conseqüentemente, essa criança terá também grandes dificuldades para respeitar aqueles que convivem com ela e que são responsáveis por suas experiências frustradas.

Se o objetivo da educação escolar é formar um cidadão que tenha respeito pelos outros, é fundamental que ele se sinta respeitado todo o tempo. Os educadores devem ter sempre em mente que as experiências sociais efetivamente vividas têm influência decisiva na formação dos educandos e, portanto, não há possibilidade de formar um cidadão respeitoso em um ambiente onde o desrespeito é uma constante. Se o objetivo é formar pessoas que procuram resolver seus conflitos pelo diálogo, deve-se proporcionar um ambiente em que tal possibilidade sempre exista, onde se possa, de fato, praticá-lo. Se o objetivo é formar um indivíduo democrático, é necessário proporcionar-lhe oportunidades de praticar a democracia, de falar o que pensa e de submeter suas idéias

e propostas ao juízo de outros. Se o objetivo é que o aluno construa o respeito próprio, deve-se acolhê-lo num ambiente em que ele se sinta valorizado e respeitado.

É preciso considerar que a violência praticada pelos jovens é, na maioria dos casos, uma “explosão de revolta” de alguém que, além de estar se sentindo profundamente injustiçado, não conhece outras formas de ação que não a própria violência.

Quem não é respeitado não aprende a respeitar. Quem, ainda criança, se sente só nos momentos mais difíceis não aprende a ser solidário. Quem passa toda a infância vivendo e convivendo com situações injustas não pode aprender a ser justo.

Cooperação, solidariedade, dignidade e postura ética são aspectos das relações humanas que só podem ser exercidos ou conquistados a partir de uma atitude imprescindível: o respeito mútuo.

RESPEITO ME LEMBRA... (sensibilização por associação livre)

Material necessário
Lousa, giz, papel sulfite, lápis ou caneta para anotações.

A finalidade desta atividade é sensibilizar o grupo para uma reflexão sobre o tema respeito. O que significa o respeito para cada participante? E o desrespeito? Que vivência os participantes do grupo já tiveram com relação a situações em que o respeito ou o desrespeito estiveram presentes?

- Coloca-se a palavra *respeito* na lousa. Cada participante escreve em uma folha de papel a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando vê esta palavra escrita.
- Em seguida, cada participante lê a palavra que escreveu e a anota na lousa, próximo à palavra *respeito* que lá se encontra.
- Coordenado por um de seus membros (pode ser o próprio coordenador ou outro voluntário), o grupo faz uma reflexão sobre o conjunto de palavras que foram lembradas pelos participantes.

Algumas questões que podem servir de roteiro para essa reflexão:

- Existem palavras iguais ou que representem uma mesma idéia?

- Há palavras que contêm idéias opostas?
 - As palavras que surgiram estão associadas ao respeito, ao desrespeito ou a ambos?
- Dando continuidade à reflexão sobre os significados da palavra respeito, o coordenador coloca para o grupo as seguintes questões:
- A lista que se encontra na lousa sintetiza o que este grupo pensa, numa primeira reflexão, sobre respeito?
 - Há outras palavras que poderiam ser acrescentadas a essa lista, ou retiradas, considerando a reflexão feita? Quais são elas?
- Uma vez finalizadas as discussões, a lista de palavras que permaneceu na lousa deve ser anotada, representando a síntese da reflexão elaborada pelo grupo.

AS MUITAS FORMAS DE RESPEITAR (leitura seguida de reflexão)

Material necessário

A lista de palavras associadas à palavra respeito que foi produzida na atividade anterior; cópias do texto sobre respeito extraído dos Parâmetros Curriculares Nacionais e que se encontra ao final desta unidade. Papel, lápis ou caneta para anotações. Lousa e giz, cartolina ou papel semelhante e canetas apropriadas para produção de cartaz.

A finalidade desta atividade é aprofundar e sistematizar as discussões sobre o que é o respeito e como a atitude de respeitar pode ser exercida pelas pessoas.

Observação: caso esta atividade seja feita em um dia diferente da atividade anterior, deve-se ter em mão a lista de palavras produzida naquela atividade.

- Os participantes fazem uma primeira leitura conjunta do texto “Respeito”, que pertence ao documento de Ética dos Parâmetros Curriculares Nacionais e que se encontra ao final desta unidade. Para isso, podem escolher um dos participantes para ler em voz alta.
- Após essa primeira leitura, um dos participantes copia na lousa a lista de palavras produzidas na atividade anterior. Cada participante deve, então, fazer uma reflexão sobre essa lista, considerando agora o que foi lido no texto “Respeito”.
- Reunidos em equipes de três ou quatro pessoas, os participantes relêem o texto “Respeito”. Nessa nova leitura, cada participante deve preocupar-se com a compreensão dos diversos significados da palavra respeito e, também, como o respeito pode ser exercido de formas diferentes, dependendo da situação em que a pessoa se encontra.
- Após esta segunda leitura, os participantes, ainda reuni-

dos em equipes de três ou quatro, aprofundam a reflexão sobre a lista de palavras produzidas na atividade anterior, voltando às questões que orientaram as discussões:

- Existem palavras associadas ao respeito mútuo?
- Existem palavras associadas ao respeito unilateral?
- Existem palavras associadas ao auto-respeito?
- A lista que se encontra na lousa sintetiza o que este grupo pensa sobre respeito?
- Há outras palavras que poderiam ser acrescentadas a essa lista, ou retiradas, considerando a reflexão feita? Quais são elas?

☐ Terminadas as discussões nas equipes, o grupo reúne-se em círculo e cada equipe coloca suas conclusões, apresentando as respostas às questões anteriores e lembrando que, se uma nova palavra for proposta por uma equipe, deve ser acrescentada à síntese.

☐ Para finalizar a atividade, a lista final deve ser copiada em um cartaz que pode conter o seguinte título: *Para nós, respeito significa...*

“RESPEITO É BOM E EU GOSTO...” (dramatização, exibição de vídeo e análise de algumas situações)

Material necessário

Lousa, giz, papel, lápis ou caneta para anotações. Aparelho de TV, vídeo e a fita que faz parte do material desta proposta, para assistir ao programa *Ética* dos Temas Transversais e que se encontra na série de vídeos dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A finalidade desta atividade é refletir sobre situações em que as relações humanas no cotidiano escolar se dão com respeito ou desrespeito e as diferentes formas como são vividas. A principal intenção dessa reflexão é que o grupo possa avaliar o que é possível fazer no espaço escolar para manter ou criar as condições favoráveis ao desenvolvimento de relações baseadas no respeito mútuo.

☐ O grupo divide-se em equipes com quatro ou cinco participantes. Cada membro da equipe conta um caso sobre respeito e outro sobre desrespeito que ele tenha vivenciado no espaço escolar. Valem tanto casos do tempo em que cada um era aluno, quanto casos vividos já como educador.

☐ Em seguida, a equipe escolhe dois casos dentre os relatados: um que retrate uma relação de respeito e outro de desrespeito. Esses casos serão então transformados em uma dramatização que a equipe apresentará às outras. Cada caso dramatizado deve ter um *título*. Quando a equipe for fazer suas duas dramatizações, coloca na lousa os títulos. Dessa forma, quando o grupo todo for debater sobre as diversas

dramatizações, os participantes poderão se referir a elas utilizando esses títulos.

❑ Após todas as apresentações, o grupo reúne-se em círculo, e cada participante faz seus comentários e expõe suas impressões sobre as diferentes situações.

❑ Em seguida, abre-se um espaço para refletir sobre algumas questões:

- O que foi mais fácil dramatizar: casos de desrespeito ou casos de respeito? Por quê?
- Os sentimentos que cada dramatização provocou em quem estava assistindo são os mesmos para todos os participantes? Em caso afirmativo, por que será que isso ocorreu? Em caso negativo, quais são os diferentes sentimentos provocados e como o grupo explica essas diferenças?
- É possível fazer alguma relação entre o que foi apresentado nas dramatizações e o que tem acontecido na escola?

❑ Terminadas as reflexões acima, o grupo prepara-se para assistir ao programa *Ética* dos Temas Transversais, que se encontra na série de vídeos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Primeiramente, o grupo assiste a todo o vídeo e depois cada participante faz comentários, caso ache necessário.

❑ Em seguida, o grupo assiste ao programa uma segunda vez, porém, agora cada participante deve estar preparado para fazer anotações sobre as idéias que considera mais importantes no vídeo. Essas anotações podem ser feitas tendo como base as seguintes questões:

- Quais são as idéias enfocadas pelo programa que cada um considerou importantes? Por quê?
- Qual é a responsabilidade da escola no que se refere ao trabalho com o respeito?
- Como o sentimento de desrespeito influi na atuação profissional de cada educador?
- Como o sentimento de desrespeito influi na aprendizagem dos alunos?
- Cite pelo menos uma iniciativa que a escola pode ter para promover o convívio pautado no respeito mútuo.

❑ Terminada a segunda exibição do vídeo, cada participante faz uma reflexão individual, durante alguns minutos, procurando organizar suas idéias em torno das questões anteriores. Em seguida, com o grupo em círculo, cada um expõe

suas conclusões. Um participante, previamente escolhido, anota as propostas de iniciativa para promover o convívio pautado no respeito mútuo no espaço escolar.

Finalizando a atividade, o anotador relê as propostas. Caso o grupo decida que alguma delas deve ser colocada em prática o mais brevemente possível, deve-se escolher as pessoas que ficarão responsáveis pela sua preparação e posterior encaminhamento. A coordenação deve arquivar as demais propostas, que poderão ser retomadas em um outro momento.

RESPEITO OU DESRESPEITO? (debate e análise de situações cotidianas)

Material necessário
Papel, lápis ou caneta para anotações.

Material complementar
Texto intitulado “O respeito ao próximo e o reconhecimento: mais uma vez, ser cidadão”, que faz parte da *Coleção Jovens e Escola Pública* e se encontra ao final desta unidade.

A finalidade desta atividade é proporcionar uma reflexão sobre as diferentes representações relacionadas ao respeito, desenvolvendo a idéia de que uma relação humana pautada pelo respeito mútuo pressupõe a disposição de cada um para compreender o ponto de vista do outro.

- O grupo divide-se em três equipes.
- Cada equipe lê uma das histórias apresentadas a seguir.

HISTÓRIA 1

João tem seis anos. É filho de mãe que trabalha fora e passa o dia todo na creche. Gosta muito de conversar e tem muitas idéias. Ouve sempre sua mãe falar: “Você me respeita, menino”. E cada vez que ouve isso leva um cascudo na cabeça... às vezes nem entende por que apanha da mãe... Outro dia ela perguntou: “Você está fazendo isso pra me provocar, é?” Ele respondeu: “Não!”, mas a mãe deu um tapa na cabeça do menino e ele não entendeu bem por que, afinal, ele havia respondido à pergunta dela e havia dito a verdade... Ele ouviu uma vez a mãe dizer que ele é danado e não respeita ninguém. Na escola, também leva uma bronca e outra sem entender bem por que... Sua professora grita muito na classe e sempre manda todo mundo ficar quieto. Outro dia, ela ficou brava porque ele se machucou e disse a ele bem alto: “Bem feito!! Eu disse para você não ficar correndo. Se tivesse ficado quieto, não tinha se machucado”.

HISTÓRIA 2

João tem 16 anos. Seu maior sonho é ser cantor de rock, mas não tem dinheiro para comprar a guitarra dos seus sonhos. Tem verdadeira admiração pelo Rafa. O Rafa é mais velho,

repetiu duas vezes de ano, é engraçado, sabe contar piadas, é um cara vivido que também não leva desaforo pra casa. E fez uma tatuagem no braço! O Rafa é criado pela avó, nem sabe dos pais dele... João não agüenta mais as brigas de seus pais em casa. Gosta mesmo é de sair com os amigos, ouvir música, ir aos bailes. Até outro dia ficava chateado porque os caras gozavam do boné dele... Agora está feliz, porque conseguiu um boné igual ao que os meninos usam... Freqüenta a escola, mas acha muito chato..., o pessoal lá sempre o repreende por causa do boné... Ele não entende qual o problema de usar um boné. Ainda se fosse porque ele tivesse xingado alguém... Muitas vezes chega na escola cansado porque trabalhou o dia todo e ainda precisa agüentar umas aulas chatas, professores mal-humorados e sem nenhum senso de humor. Outro dia fez uma brincadeira na classe e levou a maior bronca do professor, que disse que aquilo não era hora para brincadeira e que ele só estava querendo ser engraçado para se exibir para os amigos. Todo mundo riu dele. De todos os professores que ele tem, só uma é que ele acha legal. A professora Jacira. Ela não grita na classe, é calma e ensina tudo. Acho que é por isso que todo mundo a respeita. Mesmo quando ela fica brava, ela nunca xinga ninguém.

HISTÓRIA 3

Marta é funcionária da escola há mais de vinte anos. Nunca chega atrasada, só falta em caso de verdadeira necessidade. Faz aquilo que acredita ser sua obrigação e responsabilidade da melhor forma que consegue. Pensa que a juventude de hoje não tem mais jeito. Não sabe namorar, não sabe respeitar, não tem mais romantismo, não sabe nem mesmo falar. Todo dia Marta chega na escola para trabalhar e vê aqueles meninos chegando com os cabelos compridos e a cabeça enterrada num boné, o que, aos seus olhos, os torna todos iguais, sem distinção. Não consegue entender por que eles escolhem esse tipo de apresentação, nem por que falam daquele jeito que ninguém entende. Alguns deles, se tirassem o boné e cortassem o cabelo, ficariam bem bonitos, mas do jeito que eles são, ela prefere nem falar com eles. Uma vez bem que tentou, mas ela achou que eles nem levaram em conta o que ela disse. Marta ficou com a sensação de que de nada adiantava falar. Lembra-se sempre de sua juventude, quando os meninos se preocupavam com a aparência, tinham os cabelos aparados, o rosto aparecia, a cara era limpa..., tão diferente de hoje.

- Depois que cada equipe tiver terminado a leitura, os membros analisam a situação apresentada na história. Cada equipe deve, antes de iniciar as discussões, escolher um relator para anotar o que for levantado, e, posteriormente, apresentar as conclusões da equipe para o grupo todo. As perguntas abaixo podem ser utilizadas como roteiro da análise.

- Procurem colocar-se no lugar do personagem da história e responder à questão: o que, para esse personagem, significa “ser respeitado”?
- Inventem duas situações nas quais se supõe que o personagem da história se sentiria desrespeitado. Por que a situação escolhida provocaria um sentimento de desrespeito?

□ Terminada a análise, o grupo todo volta a se reunir, e o relator de cada equipe apresenta o resultado de suas discussões.

□ A partir desses relatos, o grupo compara as diferentes situações, bem como as diferentes análises feitas pelas equipes com relação a cada uma das três histórias. A idéia central dessa comparação é procurar compreender como pessoas diferentes podem ter diferentes sentimentos com relação a ser respeitado ou desrespeitado, dependendo da situação e da forma como a relação humana se estabelece, além de produzir algumas idéias e iniciativas que possam ser implementadas na escola com o propósito de promover relações respeitadas no espaço escolar.

Abaixo estão relacionadas algumas questões que podem auxiliar na condução desse debate:

- Todos concordam com as definições feitas pelas diferentes equipes sobre o que significa ser respeitado, para o personagem da respectiva história? Alguém teria algo a acrescentar ou modificar? Por quê?
- Entre as situações eleitas para retratar o desrespeito, há pontos em comum? Quais são?
- A idéia de respeito que os alunos têm é a mesma que os adultos que trabalham na escola têm? No que são semelhantes? No que são diferentes?
- Que tipos de iniciativa a escola pode tomar para favorecer as atitudes de respeito?
- Que situações do cotidiano escolar podem fazer com que os alunos se sintam respeitados? E quais podem fazer com que eles se sintam desrespeitados?
- Se o grupo localizou alguma situação do cotidiano escolar que pode fazer com que os alunos se sintam desrespeitados, que mudanças se pode sugerir no sentido de modificar essas situações e favorecer as atitudes de respeito?

O QUE FAZER?

(análise de situações cotidianas do convívio escolar para planejamento de ações na escola)

Material necessário

Cartolina e caneta, para fazer cartazes, papel, lápis ou caneta, uma caixa de papelão.

As finalidades desta atividade são:

- a) identificar aspectos positivos e negativos da vida escolar, no que se refere às atitudes de respeito nas relações humanas;
- b) potencializar o grupo para realizar ações concretas visando favorecer a adoção de atitudes de respeito no convívio escolar.

Cada participante realiza a tarefa abaixo, individualmente.

Observação: caso não exista facilidade de reproduzir cópias das questões, estas podem ser postas na lousa.

Complete as frases abaixo, pensando no trabalho que você desenvolve na escola:

- No meu trabalho, para me sentir respeitado(a), a atitude que eu mais gosto que as pessoas tenham comigo é...
- No meu trabalho, para me sentir respeitado(a), a atitude que eu menos gosto que as pessoas tenham comigo é...
- Eu me sinto respeitado na escola quando...
- Eu me sinto desrespeitado na escola quando...

Terminada a tarefa, os participantes, reunidos em círculo, trocam suas respostas e, em seguida, cada um lê, para todo o grupo, as que estão em suas mãos. Dessa forma, a leitura é feita por uma pessoa diferente da que escreveu, provocando já uma necessidade de interpretação por parte de quem lê, o que suscita reflexões em quem escreveu, em quem está lendo e também em quem ouve.

Ao mesmo tempo em que ouvem as leituras, os participantes refletem sobre as respostas dadas e anotam as passagens que consideram mais importantes e que merecem destaque.

Algumas questões que podem ajudar nessa reflexão:

- As respostas dadas já eram esperadas? Como se explica isso?
- Alguma das respostas surpreendeu? Por quê?
- Que atitudes a escola deve incentivar com o propósito de fazer do respeito mútuo algo presente em todas as relações humanas na escola? Existem ações para promover as atitudes de respeito na escola e que os participantes gostariam de ver aplicadas rapidamente? Quais são?

O que é preciso fazer para aplicá-las o mais rápido possível?

- ❑ Depois que todos os participantes fizeram suas leituras, espera-se alguns minutos para que cada um possa organizar suas idéias, principalmente com relação a esta última questão: Existem ações para promover as atitudes de respeito na escola e que os participantes gostariam de ver aplicadas rapidamente? Quais são? O que é preciso fazer para aplicá-las o mais rápido possível?
- ❑ Finalizando a atividade, cada participante expõe suas propostas de ação, que devem ser discutidas pelo grupo e anotadas o mais completamente possível para serem arquivadas pela coordenação. Se o grupo resolver encaminhar alguma proposta imediatamente, devem-se escolher os responsáveis pelo planejamento e por sua implementação.
- ❑ Uma outra forma de sintetizar o pensamento do grupo é produzir um cartaz que contenha frases que completam o seguinte título: *Atitudes que podem fazer do respeito mútuo uma realidade na escola...*

PESQUISA SOBRE RESPEITO NO CONVÍVIO ESCOLAR

(pesquisa e análise de situações cotidianas do convívio
escolar para planejamento de ações na escola)

Material necessário
Papel, lápis ou caneta, uma caixa de papelão.

As finalidades desta atividade são:

- a) identificar aspectos da vida escolar nos quais se verificam problemas com relação à questão do respeito mútuo nas relações humanas;
- b) potencializar o grupo para realizar ações concretas visando promover a atitude de respeito no convívio escolar.

- ❑ Esta é uma atividade de pesquisa e de intervenção na realidade da escola. A primeira tarefa é fazer uma pesquisa na comunidade escolar com o objetivo de localizar quais são as situações e as atitudes de respeito e de desrespeito que ocorrem na escola e quais são as sugestões que a comunidade aponta. Portanto, é importante que essa pesquisa alcance o maior número possível de pessoas de todos os segmentos da escola: pais, professores, equipe técnica, direção, alunos e funcionários. Para realizá-la, há uma sugestão de questionário a seguir. Caso não seja possível obter as respostas por meio de uma entrevista, pode-se entregar o questi-

onário às pessoas e pedir-lhes que respondam por escrito no momento que acharem mais conveniente, para depois entregarem-no ao grupo.

Roteiro para entrevista sobre respeito

- 1) O que é *respeito* para você?
- 2) Você já se sentiu desrespeitado dentro da escola? Em que situação?
- 3) Você já presenciou cenas de desrespeito dentro da escola? Quais?
- 4) Que atitudes desrespeitosas você identifica com maior frequência na escola?
- 5) Que atitudes respeitadas você identifica com maior frequência na escola?
- 6) Você tem alguma sugestão para melhorar a relação de respeito dentro da escola?

De posse das respostas, o grupo deve analisar o resultado. Para isso, é necessário fazer uma tabulação, lembrando sempre que os objetivos da pesquisa são:

- a) identificar as diferentes visões que existem sobre respeito entre as pessoas que pertencem à comunidade escolar;
- b) identificar situações em que atitudes de respeito ou desrespeito ocorrem na escola;
- c) levantar as sugestões da comunidade para enfrentar problemas e incentivar iniciativas e atitudes.

Para fazer a tabulação, devem-se organizar as respostas de cada questão de modo a sintetizar as principais informações obtidas com a pesquisa, considerando os objetivos relacionados anteriormente.

Em seguida, o grupo deve fazer uma análise das informações obtidas com a pesquisa. As questões abaixo podem ser utilizadas como um roteiro para essa análise.

- As diversas idéias sobre o que é respeito para as diferentes pessoas que participaram da pesquisa são concordantes ou discordantes?
- O que há em comum entre as diversas atitudes de desrespeito citadas?
- O que há em comum entre as diversas atitudes de respeito citadas?
- As sugestões são coincidentes? Há algumas que se repetem? Propõem mudanças na organização do espaço ou do funcionamento da escola?
- Quais as que o grupo considera eficientes e viáveis?

O conhecimento mais detalhado que a pesquisa possibilita é um instrumento de ação. O resultado da análise é um material riquíssimo para orientar o grupo e para mobilizar a comunidade escolar tanto para refletir sobre si própria quanto para mudanças possivelmente necessárias.

Assim, é importante:

- a) publicar os resultados da análise de modo que todos os fiquem conhecendo. Isso pode ser feito de várias maneiras, desde um cartaz no mural até um boletim com textos preparados pelo grupo a partir dos resultados da pesquisa;
- b) promover a reflexão sobre essa questão com a comunidade escolar, não discutir com os alunos aquilo que se refere a eles e o que fazer, e o mesmo com pais e com todos os educadores da escola;
- c) fazer circular informes sobre o resultado dessas discussões, para que todos fiquem sabendo e possam sentir-se parte do mesmo processo;
- d) incluir as conclusões e as propostas no Projeto Educativo da escola;
- e) levar as propostas para o planejamento e para o trabalho pedagógico cotidiano nas salas de aula.

A pergunta norteadora pode ser:

- De que forma as atitudes de desrespeito citadas podem ser modificadas ou evitadas?

RESPEITO

A reflexão sobre o respeito é bastante complexa. Entendendo que ele é uma atitude, os sentimentos nos quais se baseia podem conferir-lhe sentidos diferentes. Assim, a atitude de respeito pode estar associada à de submissão, derivada de sentimentos como o medo ou a inferioridade. É o caso de quem respeita alguém por ser mais forte ou por ter mais poder. Pode-se observar, na sociedade brasileira, a presença desse tipo de respeito numa expressão popularmente freqüente: “Você sabe com quem está falando?”. Essa expressão traduz uma exigência de respeito unilateral: “Eu sou mais que você, portanto, respeite-me”. É a frase que muitas “autoridades” gostam de empregar para se verem prestigiadas, ou quando se sentem, de alguma forma, desacetadas no exercício de seu poder. Não faltam exemplos de pessoas que se submetem a esse tipo de atitude e se mantêm constantemente em volta do poder, aceitando vantagens pessoais em troca de submissão e humilhações.

Por outro lado, a atitude de respeito pode estar associada à de veneração, de consideração. Respeita-se alguém que possua atributos ou qualidades que são valorizadas, como a sabe-

doria, a ponderação, a coragem, em suma, traços de caráter considerados positivos.

Além de poder estar associado a uma atitude positiva ou negativa, o respeito pode se dar de maneira unilateral ou recíproca. No universo das relações espontâneas, é possível que alguém nutra sentimentos de admiração e consideração por outro sem ser correspondido. Por outro lado, é também possível, e mesmo desejável, que duas pessoas sintam admiração e consideração recíprocas.

As formas de respeito evidenciam valores presentes na socialização, na aprendizagem que se dá no interior das instituições sociais. Educada de uma determinada maneira, num espaço em que se valorizam as relações assimétricas, uma criança pequena concebe o respeito como unilateral, portanto, dirigido à pessoas prestigiadas, apresentadas a ela como poderosas. Em outro contexto, pode aprender a valorizar e a vivenciar a relação de reciprocidade: respeitar e ser respeitado.

O respeito ganha seu significado mais amplo quando se realiza como respeito mútuo: ao dever de respeitar o outro, articula-se o direito, a exigência de ser respeitado.

As atitudes de respeito mútuo encontram-se mais freqüentemente no espaço das relações diretas, no convívio próximo e constante. Entretanto, o caráter universal da dignidade humana e do ideal democrático de convívio social supõe uma base mais ampla do que aquela que o convívio direto entre as pessoas pode possibilitar. Com base na noção de humanidade, de comunidade humana, o respeito deve deixar de ser apenas uma atitude baseada nas empatias das relações pessoais para tornar-se um princípio que norteie todas as condutas, inclusive as que envolvem contatos esporádicos entre pessoas nas ruas ou locais públicos, os juízos entre grupos de pessoas diferentes que não mantenham contato direto.

A idéia de humanidade é importante na construção do princípio de respeito mútuo, articulando individualidade e diversidade, desvendando as inter-relações nem sempre percebidas entre as pessoas. A percepção dos vários níveis de sociabilidade que permeiam as relações entre as pessoas — desde as menos formais, como as relações pessoais e afetivas, em pequenos grupos, passando pelas mais formais, como situações de trabalho, de escola, convívio em lugares públicos, e culminando nas mais abstratas, que envolvem o exercício da cidadania, na participação política em movimentos sociais — permite reflexão e diferenciação de formas de conduta respeitadas. Assim, é possível refletir sobre quais condutas são devidas e podem ser exigidas tanto nas relações de família ou entre amigos, mais permissivas e estabelecidas de comum acordo, quanto nas relações formais, regulamentadas por normas de convívio social.

(Trecho extraído do documento de Ética dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília: MEC, 1997, volume de Temas Transversais – 5ª a 8ª séries, pp. 96-7.)

(*Coleção Jovens e Escola Pública*, vol. 3: *Pertencer: subjetividade, socialização e saber*, pp. 114-16, editada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec.)

O princípio de que todas as pessoas merecem respeito, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, assim como as manifestações socioculturais dos diferentes grupos sociais que constituem a sociedade, fundamenta a afirmação do respeito mútuo.

O RESPEITO AO PRÓXIMO E O RECONHECIMENTO: MAIS UMA VEZ, SER CIDADÃO

Notamos, no conjunto de textos, que o tipo de saber mais freqüentemente mencionado pelos jovens é o “respeito ao próximo”, que vem nomeado de diferentes maneiras. Quase sempre, esse respeito é aproximado da “educação”, do “amor ao próximo” e das mais variadas formas de solidariedade, como se pode perceber claramente em alguns trechos:

“O que foi importante aprender foi o respeito, a educação, a convivência com as pessoas. (...) Quem me ensinou foram meus pais; algumas coisas aprendi na escola, com os professores e meus colegas. Quando eu tinha oito anos, meu pai falou para mim que eu tinha que respeitar os mais velhos e os amigos. Respeitar para ser respeitado. A educação em primeiro lugar”.

(...) “Para mim, o importante que aprendi foram muitas coisas. Aprendi a falar, a andar, a ser educada com as pessoas, a ter cuidado e responsabilidade com os meus deveres e com o que me pertence. Se meus pais não tivessem me ensinado tudo isso, hoje eu não estaria onde estou e não seria o que sou: uma estudante de 8ª série, jovem adolescente e já pensando muito bem no meu futuro. E o mais importante, honesta com tudo e com todos, porque, no mundo de hoje, se não somos tudo isso, o que será de nós?”

(...) o saber valorizado pelos jovens, aquele que em sua experiência de vida é considerado como o “mais importante”, é o saber necessário a um tipo de sociabilidade, a um certo tipo de vida em comum. E sua importância estratégica parece estar na garantia do reconhecimento – reconhecimento de um sujeito pelo outro e vice-versa. Bastante representativo do que dissemos é o depoimento de Duílio:

“Foi importante aprender como conversar com as pessoas e andar nas ruas. Como tratar bem as pessoas. E a andar nas ruas com cuidado, não fazendo bagunça e nem zoando. Ou seja, aprendi a andar calmo, só me divertindo, sem mexer com as pessoas, para estar sempre de bem com a vida, com os amigos e a família (...)”.

(...) Eles parecem procurar no dia-a-dia um lugar para valores humanos como a dignidade, a solidariedade e a justiça. Surpreendentemente, este desejo de profundidade mostrou-nos um jovem bem diferente daquele jovem superficial e alienado muitas vezes retratado pela mídia. Mostra também como eles renunciavam às brincadeiras juvenis de “mexer com as pessoas”, “zoar”, “fazer bagunça”, quando a questão é “estar bem com os amigos e a família”.

Unidade 7

COOPERAÇÃO/SOLIDARIEDADE/ DIÁLOGO/RESPONSABILIDADE

INTRODUÇÃO

A única liberdade que merece esse nome é a de buscar nosso próprio bem, por nosso próprio caminho, enquanto não privarmos os outros do seu ou não os impedirmos de se esforçarem por consegui-lo. Cada um é o guardião natural de sua própria saúde, seja física, mental ou espiritual. A humanidade ganha mais ao consentir a cada um que viva à sua própria maneira do que obrigá-lo a viver à maneira dos outros (John Stuart Mill, *Sobre a liberdade*).

A pedagogia desenvolvida nas últimas décadas do século XX trouxe muitos avanços na compreensão dos educadores a respeito dos mais diversos processos de aprendizagem. Sem dúvida, um desses avanços é a compreensão de que aprender a cooperar não é um processo simples. Aprender a cooperar não é um objetivo que pode ser alcançado com conversas entusiasmadas sobre a importância de cooperar, ou mesmo com atividades agradáveis com brincadeiras e recompensas aos que “cooperam com seus colegas”. É preciso ir muito além dessas atividades motivadoras, sem dúvida necessárias, porém, só um começo.

A observação detalhada de experiências didáticas e pedagógicas diversas permite perceber que para formar um cidadão que coopere é preciso que ele saiba *como* se exercita essa cooperação em diferentes situações da vida cotidiana. Uma coisa é saber cooperar quando se trata de solidariedade humana: ajudar pessoas, doar sangue, participar do mutirão de limpeza do bairro. Outra coisa é saber cooperar quando se trata de trabalhar em grupo, participar de um esforço coletivo para a produção de algum objeto ou ação. Por sua vez, trabalhar em grupo na sala de aula é diferente de trabalhar em grupo em uma atividade de campo, na qual os alunos precisam de muito mais autonomia e preparo anterior. Esses exemplos ilustram bem a variedade de situações nas quais a cooperação pode ser exercida.

O que as pesquisas didáticas e pedagógicas contemporâneas têm mostrado é que o ensino da cooperação não ocorre se não houver um trabalho permanente, planejado em cada instância da escola, e que leve em conta o desenvolvimento da capacidade de cooperar.

Os próprios educadores são um bom exemplo de como a formação profissional, geralmente, não consegue ensinar a trabalhar cooperativamente. Qualquer professor que for convidado a lembrar de uma reunião na escola que não foi produtiva, na qual ocorreram dispersões e conversas paralelas, reuniões sem objetivos definidos ou mal organizadas, certamente terá inúmeros exemplos para contar.

Uma coisa é certa, as escolas nas quais os problemas relacionados às questões de ética e cidadania foram superados, pelo menos em parte, são aquelas em que os educadores tiveram uma preocupação fundamental: trabalhar cooperativamente (veja o encarte sobre outras experiências).

Quando, em uma comunidade escolar, professores, funcionários e direção vivem experiências de trabalho cooperativo como educadores, quando conseguem planejar e implementar ações interdisciplinares em sala de aula, ou quando se dispõem a colaborar com o trabalho de coordenação pedagógica, fortalecendo-a, os alunos percebem esse trabalho solidário e tornam-se mais abertos às propostas de ensino e também à cooperação.

Não há cooperação sem diálogo e solidariedade e, por isso, os educadores precisam ficar atentos para o fato de que desenvolver capacidades relacionadas a todas as formas de comunicação (verbal, escrita, artística, corporal) e colocar a solidariedade e a abertura para o diálogo como valores humanos são condições indispensáveis para aprender a cooperar.

Finalmente, é importante lembrar que a *responsabilidade* também se aprende. Por um lado, a responsabilidade deve ser entendida como um conceito, um princípio de convivência; por outro, os alunos precisam aprender também *como* assumir suas responsabilidades. Ou seja, existe a compreensão do que é a responsabilidade e também a competência para saber ser responsável. Não há dúvida de que alunos que sabem cooperar podem, com muito mais facilidade, assumir suas responsabilidades, do que aqueles que reconhecem a importância de serem responsáveis, porém não estão preparados para isso, seja do ponto de vista conceitual ou prático.

REFLETINDO SOBRE O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE COOPERAR

(leitura seguida de atividades reflexivas)

Material necessário

Papel e caneta para anotações. Cópias dos textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais que serão analisados. Papel para elaboração de cartazes (tipo cartolina) e canetas apropriadas.

A atividade a seguir tem como objetivo principal realizar uma ampla reflexão sobre a importância e a presença da *cooperação*, da *solidariedade* e do *diálogo* na prática pedagógica da escola. Em particular, avaliar o quanto a conduta dos adultos que frequentam a escola (principalmente professores, funcionários, coordenação e direção) está de acor-

do com os princípios que costumam ser ensinados (ao menos verbalmente) em sala de aula. Pode-se dizer que um dos objetivos desta atividade é fazer com que os participantes façam uma auto-avaliação com o propósito de verificar o quanto na escola está se praticando o triste e velho conhecido ditado: *Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!*

❑ O grupo divide-se em três equipes, no mínimo. Cada equipe escolhe, ou sorteia, um dos temas a seguir: interação e cooperação, solidariedade, diálogo. Cada equipe não deve ter mais do que quatro pessoas, para que todas possam ter uma boa participação. Caso o grupo seja grande, pode-se criar mais de uma equipe para cada tema.

❑ Antes de começar os trabalhos, cada equipe escolhe um anotador que irá registrar as principais idéias e conclusões do grupo.

❑ Os componentes de cada equipe lêem, primeiramente, os três textos abaixo, individualmente, para conhecê-los.

❑ Depois da leitura dos três textos, cada equipe se dedica ao tema que lhe foi selecionado. Os integrantes da equipe relêem o texto correspondente quantas vezes for necessário, de modo a compreender bem as idéias veiculadas e posicionar-se sobre elas.

❑ Em seguida, cada equipe responde às questões abaixo, considerando o tema selecionado.

- 1) No planejamento tem sido considerada a necessidade de uma ação específica relativa às aprendizagens sobre esse tema (interação e cooperação, solidariedade ou diálogo)?
- 2) Os conteúdos relativos ao tema estão presentes no trabalho educativo realizado em sala de aula, ou no espaço escolar em geral?
- 3) Como tem sido a atuação dos educadores no espaço escolar: colocam-se em prática os princípios correspondentes a cada tema?
- 4) A vivência dos alunos na escola permite-lhes aprender e desenvolver as atitudes relativas a cada tema?
- 5) A partir de que idade as crianças ou os jovens precisam começar a aprender conteúdos relacionados ao tema na escola?
- 6) Como fazer quando alunos, seja em sala de aula ou no espaço escolar em geral, apesar de estarem na 4ª, 6ª ou 8ª séries, não tiveram experiências educativas efetivas com relação ao tema?

7) De tudo o que foi discutido anteriormente, se a equipe tivesse de escolher um aspecto considerado urgentíssimo para trabalhar na escola, qual seria esse aspecto? A equipe tem alguma sugestão de ação pedagógica relativa ao aspecto selecionado?

❑ Finalizadas as tarefas de cada equipe, o grupo faz uma reunião geral na qual cada anotador comunica o aspecto considerado urgentíssimo pela equipe. O nome desse possível projeto de trabalho pode ser copiado em um cartaz ou mesmo no quadro-de-giz.

❑ Ao final das apresentações de cada anotador, o grupo reúne-se em um círculo e avalia a possibilidade de começar a trabalhar o mais rápido possível um dos aspectos apontados pelas equipes. Caso o grupo decida encaminhar alguma idéia de intervenção imediata no espaço escolar, devem-se, então, escolher alguns responsáveis pelo desenvolvimento da proposta aprovada, bem como estabelecer um planejamento para sua implementação.

Observação: com relação ao planejamento e à implementação de projetos, veja também a unidade 9 desta proposta de trabalho.

❑ Ao final da atividade, o grupo pode escolher algumas respostas para serem colocadas no mural do grupo de trabalho, principalmente se o grupo aprovou uma idéia de intervenção imediata no espaço escolar.

Os textos abaixo, extraídos dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a séries, abordam os temas cooperação, solidariedade e diálogo, três aspectos da formação do cidadão que a escola deve, necessariamente, trabalhar de maneira integrada e coerente.

INTERAÇÃO E COOPERAÇÃO

O sucesso de um projeto educativo depende do convívio em grupo produtivo e cooperativo. Dessa forma, são fundamentais as situações em que se possa aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda, a aproveitar críticas, a explicar um ponto de vista, a coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta, etc. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade.

(PCN de 5ª a 8ª séries, Temas Transversais, p. 95.)

O conceito de dignidade do ser humano é demasiadamente abstrato, mas com experiências concretas, notadamente aquelas vivenciadas pelos alunos, a idéia de dignidade poderá, pouco a pouco, tornar-se significativa para eles. Portanto, trata-se de construir contextos pedagógicos em que possam vivenciar experiências de respeitar e ser respeitado, de realizar ações justas, de dialogar efetivamente com colegas e professores, de ser solidários e receber solidariedade, de ter acesso a conhecimentos que alimentem a compreensão e analisar criticamente situações concretas dentro e fora da escola.

SOLIDARIEDADE

O professor deve estimular para que sejam resgatadas atitudes que valorizem a prática da solidariedade na sala de aula – aí convivem ritmos de aprendizagem diferenciados, são expressos desejos e emoções distintos. O respeito aos colegas e a relação de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos. Os alunos precisam sentir que podem e necessitam ajudar e ser ajudados. Todos têm alguma coisa para partilhar: a valorização do trabalho em duplas ou grupos, por exemplo, é muito importante para estimular a partilha. Aqueles que têm mais dificuldades em aprender podem ser auxiliados pelos colegas, se forem propostas na sala de aula parcerias estratégicas de colaboração, responsabilizando todos pela aprendizagem de todos, numa relação solidária. Isso não significa fazer pelo colega, mas fazer com ele. A solidariedade que se busca que o aluno aprenda deve aproximar-se da idéia de generosidade, que não é caridade, atitude paternalista, mas compromisso e cidadania, caracterizando-se como oposição a qualquer forma de corporativismo que se coloque acima da busca da justiça, ou que desconheça o bem comum como a possibilidade de um sentimento de altruísmo: uma atitude de solidariedade com aqueles que necessitam ajuda, seja nas relações cotidianas e interpessoais, seja se pensando como parte da humanidade e, portanto, co-responsável pela solução dos problemas que afetam a todos. Esta é uma aprendizagem que requer, portanto, envolvimento de todos aqueles que fazem parte do contexto da escola.

(PCN de 5ª a 8ª séries, Temas Transversais, p. 106.)

DIÁLOGO

Para não se estar só, não basta estar ao lado de alguém, é preciso comunicar-se com ele. (...)

O diálogo é expressão fundamental da relação entre os seres humanos, doação mútua da palavra, sinal distintivo da humanidade. Ser humano é ser com os outros. O dado primordial da presença humana no mundo é o de se encontrar em companhia, endereçar a palavra uns aos outros, na busca daquilo que constitui o encontro. (...)

O diálogo é uma arte a ser ensinada e cultivada, e a escola é o lugar privilegiado para que isso ocorra. No entanto, exis-

tem concepções diferenciadas a respeito do que é o diálogo no processo de ensino e aprendizagem. Frequentemente o diálogo é visto apenas como o momento em que o aluno responde ao professor sobre assuntos abordados e discutidos. A expectativa é de que a conversa a respeito do que está sendo aprendido contemple aquilo que foi eleito como conteúdo necessário para a aprendizagem. Nessa perspectiva, o diálogo reduz-se à intenção de avaliar se os alunos realmente entenderam o que o professor ensinou. Por outro lado, pode-se pensar no diálogo como um “bate-papo” informal a respeito de assuntos variados ou de situações cotidianas, desvinculadas do conteúdo da área de conhecimento. Ao analisar essas duas formas de diálogo, vê-se que ambas possuem preocupações que não podem ser descartadas. Porém, o ideal é que se pense no diálogo como uma prática cotidiana na sala de aula, que tem a preocupação de integrar as experiências de vida dos alunos e professor, e a relação viva com o conteúdo que será sistematizado, tornando a aprendizagem significativa. (...)

O aprendizado da cooperação é elemento fundamental do desenvolvimento moral. De fato, para se cooperar efetivamente é preciso saber ouvir e saber expressar-se. Em uma palavra, é preciso saber dialogar.

O trabalho em grupo, entendido como a cooperação com o outro em busca de decisões conjuntas, contribuirá para que os alunos, orientados pelo professor, aprendam paulatinamente a fazer contratos, a honrar a palavra empenhada, a comprometer-se na elaboração de projetos coletivos, a estabelecer relações de reciprocidade. Todas as áreas de conhecimento poderão utilizar essa estratégia cotidianamente. Trata-se de uma orientação geral, cujos efeitos são ricos do ponto de vista da aprendizagem dos diversos conteúdos, como também no desenvolvimento do respeito mútuo: somente há possibilidade de trabalho em grupo se cada um levar em conta o ponto de vista do outro e coordená-lo com o seu próprio.

(PCN de 5ª a 8ª séries, Temas Transversais, pp. 108, 109 e 111.)

ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR (leitura seguida de debate e reflexão)

Material necessário

Papel e caneta para anotações. Cópias dos textos de Paulo Freire que serão analisados. Papel para elaboração de cartazes (tipo cartolina) e canetas apropriadas.

Para realizar as inúmeras transformações que são necessárias à construção de um espaço escolar diferente, onde *respeito mútuo, solidariedade e diálogo* estejam sempre presentes, é preciso que os educadores estejam profissionalmente preparados para *escutar*. A compreensão da situação difícil em que uma escola pode encontrar-se e os caminhos que possam levar a uma transformação dessa realidade dependem, em grande medida, da atitude dos educadores diante dos problemas e das ansiedades sentidas pelos alunos, sejam eles crianças ou jovens.

A atividade a seguir é uma proposta de reflexão sobre trechos do capítulo “Ensinar exige saber escutar”, que se encontra no livro *Pedagogia da autonomia*, escrito pelo educador Paulo Freire (*Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 1996 – *Coleção Leitura*).

O propósito principal desta atividade é que cada educador do grupo de trabalho faça uma auto-avaliação, considerando os aspectos do *saber escutar* que o texto de Paulo Freire analisa. É importante ressaltar que, apesar de o título falar em ensinar (*Ensinar exige saber escutar*), podemos entender esse ensinar com o sentido geral de *educar*. Dessa forma, todos os participantes do grupo de trabalho, inclusive aqueles que não são professores, podem considerar a importância de *saber escutar*, quando pensam na importância educativa de seu trabalho na escola.

❑ Os participantes do grupo de trabalho fazem, inicialmente, uma leitura silenciosa dos três trechos selecionados. A escrita de Paulo Freire é muito rica e contém comentários que abordam vários aspectos da questão educativa. Ler várias vezes o mesmo trecho de um texto de Paulo Freire pode ser uma rica experiência de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

❑ Uma vez feita essa leitura, o grupo divide-se em três equipes, ficando cada uma delas responsável pela análise de um dos trechos. As equipes devem ter entre dois e cinco participantes. Se as equipes ficarem com mais de cinco pessoas, devem ser divididas.

❑ Os membros de cada equipe relêem o trecho escolhido, procurando refletir sobre a sua capacidade de escutar, seja quando dialoga com alunos, seja com outros educadores.

❑ A partir dessa reflexão, cada participante deve escolher um aspecto positivo e um aspecto negativo de sua atuação na comunidade escolar, relativa à capacidade de escutar. Para isso, cada participante deve pensar em duas situações vividas por ele, uma na qual ele soube, verdadeiramente, escutar, e outra na qual ele não teve capacidade para escutar seu interlocutor. Esse interlocutor pode ser um aluno, pessoa da família de um aluno ou outro educador.

❑ Uma vez que todos escolheram as situações, cada membro da equipe conta aos outros suas experiências, comentando sua postura e explicando à equipe por que considerou

uma positiva e a outra negativa. A idéia dessa atividade é poder analisar a prática educativa de todos a partir da experiência de cada um e praticar a análise crítica cooperativa.

❑ Ao final dessa discussão, a equipe reúne seus aspectos positivos em um cartaz com o seguinte título: *Do que nos orgulhamos e vamos preservar ou aprimorar*. Os aspectos negativos ficam em um cartaz cujo título pode ser: *Do que não gostamos e queremos transformar*.

❑ Os dois cartazes de cada equipe devem ser afixados na parede para que todos os participantes do grupo de trabalho possam ler o que foi produzido.

❑ A idéia agora é produzir dois cartazes que representem como está o pensamento do grupo todo com relação aos aspectos positivos (Do que nos orgulhamos e vamos aprimorar ou preservar) e negativos (Do que não gostamos e queremos transformar) analisados em cada equipe. Para isso, cada participante escolhe, em cada cartaz, o aspecto apontado que ele considera o mais importante. Ao final, os aspectos mais votados são colocados em dois cartazes de todo o grupo.

❑ No final da atividade, o grupo terá produzido dois cartazes que podem ser expostos no mural do grupo de trabalho. Alguns aspectos apontados no cartaz “Do que não gostamos e queremos transformar” podem ser considerados temas para futuros projetos.

Observação: com relação ao planejamento e à implementação de projetos, veja também a unidade 9 deste trabalho.

A seguir, os três trechos do texto de Paulo Freire:

PRIMEIRO TRECHO

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a falar *com eles*. Somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de

(Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, pp. 127-8.)

transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.

SEGUNDO TRECHO

O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é, necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissãeira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

(Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, pp. 131-2.)

TERCEIRO TRECHO

Por isso é que, acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que quem escuta diga, fale, *responda*. É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. Para ele, quem escuta sequer tem tempo próprio, pois o tempo de quem escuta é o seu, o tempo de sua fala. Sua fala, por isso mesmo, dá-se num espaço *silenciado* e não num espaço *com* ou *em* silêncio. Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é *cortado* pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, *silencioso*, e não *silenciado*, fala.

(...)

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vista a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel principal, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno, se estabeleça.

(Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, pp. 132-4.)

SOLIDARIEDADE E DIÁLOGO DEPENDEM DE COMPREENDER O PONTO DE VISTA DO OUTRO

(dramatização seguida de debate e propostas de ação)

A ética não se ocupa em saber como se alimentar melhor, qual a maneira mais recomendável de se proteger do frio ou o que fazer para atravessar um rio sem se afogar, todas questões muito importantes, sem dúvida, para a sobrevivência em determinadas circunstâncias; o que interessa à ética, o que constitui sua *especialidade*, é como viver bem a vida humana, a vida que transcorre entre humanos. Se não soubermos como nos arranjar para sobreviver em meio aos perigos naturais, perderemos a vida, o que sem dúvida será um grande dano; mas, se não tivermos nem idéia de ética, perderemos ou prejudicaremos o humano em nossa vida, o que, francamente, também não tem graça nenhuma. (Fernando Savater, *Ética para meu filho*, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 119-20.)

Material necessário

Papel e caneta para anotações. Cópias das quatro cenas que serão dramatizadas.

Esta atividade tem dois objetivos principais: 1) fazer uma reflexão sobre o *saber escutar* e sobre a importância de tentar compreender o ponto de vista do outro; 2) criar uma ação no espaço escolar que colabore para a melhoria das relações entre educadores e educandos, partindo de uma abertura dos educadores para o diálogo.

Para realizar essa reflexão sobre o *saber escutar*, os participantes vão dramatizar algumas situações muito comuns no ambiente escolar, envolvendo alunos, funcionários e professores.

- ❑ O grupo realiza uma leitura silenciosa das quatro cenas abaixo, para conhecê-las.
- ❑ O grupo divide-se em quatro equipes, sendo que cada uma vai dramatizar uma das cenas. A princípio, as pessoas podem escolher a cena que consideram mais interessante, porém, se o número de pessoas por equipe ficar muito desigual, devem-se mudar algumas pessoas, de modo a deixar as equipes com um número parecido de membros.
- ❑ Cada equipe lê a cena e “ensaia” sua apresentação. Durante esse ensaio, a equipe deve pensar em uma continuidade da cena (que sempre termina com reticências). A produção dessa continuidade da cena deve gerar debates e necessidade de tomar posições. Caso o grupo ache necessário, a cena poderá ter duas continuções diferentes. O que também é muito interessante para o debate. Em algumas cenas, talvez não seja possível a todos os membros da equipe participar como atores, porém todos devem participar colocando seus pontos de vista sobre como a cena deve continuar.
- ❑ Uma vez que as equipes estiverem preparadas, todas as cenas são apresentadas em seguida, formando uma espécie de pequena peça teatral.
- ❑ Após a apresentação das quatro cenas, o grupo faz um debate sobre cada cena. Todos os membros do grupo que desejarem fazem seus comentários. Esses comentários devem conter uma preocupação que não pode ser esquecida: um dos objetivos desta atividade é *criar uma ação no espaço escolar que colabore para a melhoria das relações entre*

educadores e educandos, partindo de uma abertura dos educadores para o diálogo.

□ Após a realização dos debates sobre as dramatizações, caso o grupo, considerando a realidade dos problemas presentes na escola, ache importante dramatizar e analisar outras situações, pode planejar as novas cenas e realizá-las com os mesmos objetivos propostos acima.

Observação: durante o desenvolvimento de atividades como esta, é sempre possível que surja no grupo alguma idéia de atuação no espaço escolar, no sentido de melhorar as relações entre educadores e educandos. Sempre que isso acontecer, é importante estar atento para não perder a idéia. Para isso, devem-se registrar as propostas que aparecem durante a atividade e, no caso de haver alguma delas que possa ser efetivada rapidamente, sem a necessidade de grandes preparações, devem-se destacar membros do grupo para anotar a proposta e pensar como colocá-la em prática.

CENA 1

Aluno(a) pede ao professor a nota da prova. Professor diz que ainda não corrigiu. Aluno argumenta: “Mas professor, já faz 15 dias que fizemos a prova, estou curioso, será que fui bem?” Professor responde:...

CENA 2

Aluno(a) pede ao professor para entregar trabalho no dia seguinte. Professor diz que não vai mudar as regras, não vai aceitar entrega fora do prazo combinado. Aluno comenta: “Professor, o senhor não aceita meu trabalho com um dia de atraso, mas faz mais de vinte dias que nós fizemos a prova e ela ainda não foi corrigida”. Professor responde:...

CENA 3

Aluno(a) vai à secretaria e pergunta se o boletim dele já está pronto, funcionário(a) da secretaria diz que não. Aluno argumenta que já deveria estar pronto naquela data e funcionário(a) diz que alguns professores ainda não entregaram a nota. Aluno pergunta quando pode voltar para pegar o boletim. Funcionário(a) diz que não sabe. O(a) aluno(a) retira-se e encontra uma roda de amigos. Comenta que está muito revoltado pois os boletins ainda não saíram e que ele quer saber se passou de ano ou não. Um amigo na roda faz um comentário reforçando o protesto. Outro jovem faz este comentário: “Você já viu a quantidade de provas que um professor precisa corrigir no final do ano? O professor de ciências me

disse que, ao todo, ele tem mais de 450 alunos, não é fácil”. Os alunos presentes comentam e discutem a situação:...

CENA 4

Professor (ou professora) entra na sala dos professores comentando que os alunos só querem saber se “tiraram nota”. Esse professor imita os alunos fazendo voz afetada: “Professoooooor, por que o senhor tirou meio ponto dessa questão?” Mudando o tom de voz ele(a) comenta: “Assim não dá motivação para ensinar”. Outro professor que presenciou a cena comenta: “Você está tendo uma interpretação muito desfavorável das posturas dos alunos, muitos deles perguntam sobre a correção porque estão realmente interessados em saber o que erraram, não é só uma questão de nota. Você precisa considerar que a prova é praticamente a única situação em que os alunos podem se auto-avaliar, saber se estão aprendendo realmente alguma coisa. Ir mal em uma prova é saber que não aprendeu o que deveria e isso não é bom para ninguém”. Outros professores entram na conversa, o debate se generaliza:...

Unidade 8

DIREITOS, DEVERES E TEXTOS LEGAIS

INTRODUÇÃO

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade... (Artigo 5º da Constituição de 1988.)

Nos últimos trezentos anos, as nações do mundo ocidental e a maioria das nações de todo o mundo passaram por mudanças sociais e políticas que deram origem a um sistema de governo que chamamos *república*, uma forma de cuidar dos interesses individuais e coletivos utilizando o voto universal, a escolha livre e democrática de governantes e legisladores.

A república, como forma de governo, substituiu a autoridade absoluta de reis e imperadores, proporcionando aos cidadãos o direito à igualdade perante as leis, independentemente de origem étnica, social ou econômica. Para que esse sistema de governo funcione plenamente, é preciso que cada cidadão tanto exija o respeito às leis por parte dos outros quanto se preocupe com suas próprias condutas, mantendo o respeito às leis e à Justiça.

Nos tempos difíceis em que estamos vivendo, quando a violência e o desrespeito às leis têm-se tornado fatos corriqueiros, muitas pessoas têm a ilusão de que usar uma arma ou “fazer justiça com as próprias mãos” podem ser atitudes compatíveis com a vida republicana e democrática. Porém, esses equívocos, que só aumentam a violência em vez de combatê-la, são conseqüência, em muitos casos, de uma má compreensão do que significa ser cidadão.

Uma das principais características da cidadania é o direito de ter direitos. Para o indivíduo ser cidadão deve ter direitos fundamentais sempre respeitados e, principalmente, ser livre. Como cidadão, o indivíduo deve compreender quais são suas responsabilidades para a manutenção de uma sociedade livre e democrática.

Os direitos e as responsabilidades do cidadão, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos, são assegurados por leis e estatutos, cujas idéias principais devem ser conhecidas por todos. Na escola, essas leis devem ser trabalhadas todo o tempo e de duas formas complementares e inseparáveis: de um lado, as leis devem ser tratadas como conteúdos a serem aprendidos e compreendidos pelos alunos; por outro, os edu-

cadres devem ter como preocupação central que essas leis sejam respeitadas e praticadas no espaço escolar, sem nenhuma exceção.

Quando se diz que a educação escolar deve formar o cidadão, isso quer dizer que na escola as crianças e os jovens devem aprender o que significa viver em uma república e, principalmente, a responsabilidade de cada cidadão na preservação dos valores democráticos.

REFLETINDO SOBRE DIREITOS DE CIDADANIA (leitura de notícias seguida de debate)

Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida com alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. (Hannah Arendt, *Entre o passado e o futuro*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.)

Nesta atividade, o grupo de trabalho irá refletir sobre algumas notícias publicadas em diversos órgãos de imprensa. São notícias e artigos referentes a questões relativas aos direitos do cidadão. O objetivo principal da atividade é que todos os participantes apresentem suas idéias e discutam suas opiniões sobre fatos que estão presentes no cotidiano das cidades brasileiras e mesmo em muitas áreas rurais.

Esse tipo de debate é muito importante, pois a análise de casos reais possibilita aos educadores uma preparação para atuar em situações que possam ocorrer no espaço escolar. Um dos componentes da educação escolar trata dos conteúdos relativos a *valores, normas e atitudes*. Para que esses conteúdos estejam claramente definidos no plano pedagógico, é preciso que os educadores avancem em suas discussões sobre quais são os valores e as atitudes que serão consideradas no processo educativo desenvolvido na escola. Compatíveis com esses valores e atitudes, as normas de funcionamento e convivência escolar devem, também, estar bem definidas e, principalmente, ser claramente compreendidas por toda a comunidade, particularmente pelos alunos.

Todos os participantes lêem as notícias abaixo.

POLÍCIA ATIRA PARA MATAR

Os homicídios constituem 50,6% das mortes violentas de nossas crianças. Os exames dos laudos cadavéricos (com informações sobre o morto) que nos foram enviados demonstram que elas têm sido vítimas de extermínio. Os tiros são disparados na cabeça, em lugares letais, muitas vezes pelas costas e à queima-roupa.

Elas têm sido exterminadas por policiais militares, por grupos de extermínio, comandados por comerciantes e lojistas da periferia, e por integrantes de quadrilhas.

(Trecho do relatório final da CPI da Câmara Municipal que investigou a violência contra crianças e adolescentes em São Paulo, publicado no livro de Gilberto Dimenstein, *O cidadão de papel – a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*, 9ª ed., São Paulo: Ática, 1995, pp. 32-3.)

A ação da Polícia Militar demonstra que os policiais estão despreparados para lidar com crianças e desconhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente. Mais do que isso, cada vez mais se tem notícias de tortura através de técnicas mais aperfeiçoadas.

(...)

Ao contrário do que se esperava, 91,76% das crianças e adolescentes mortos em São Paulo em 1991 não eram meninos de rua, mas estudavam ou trabalhavam.

Outra grande aliada da violência é a impunidade. Verificou-se que a sistemática utilizada para investigação e punição dos criminosos está estabelecida de forma a impossibilitar a fiscalização de quem quer que seja.

Das 674 ocorrências de morte, apenas 335 chegaram à Justiça. Os inquéritos policiais ficam arquivados nas próprias delegacias, sem chegar a nenhuma conclusão.

ESCOLAS DEVEM SER “PAIS” DOS ALUNOS

A sociedade pode ajudar a diminuir a evasão e a violência nas escolas. Mas, para isso, a comunidade e a própria escola têm de desempenhar um papel paternal junto aos alunos.

A afirmação é do antropólogo norte-americano John Devine, consultor do governo dos EUA.

“Quando se fala em comunidade tem de se incluir os pais. E muitos desses alunos ou não têm os pais ou não têm as mães. Se a escola desempenha esse papel paternal, ela ajuda o adolescente a se afirmar e a encontrar uma resposta para a sua vida”, disse.

Essas conclusões fazem parte dos estudos que Devine desenvolveu por 15 anos com escolas periféricas de Nova York. No projeto, batizado de “Escolas Seguras”, universitários realizavam um trabalho de reforço em escolas onde a incidência de problemas (violência e repetência) era alta.

Por um semestre, quarenta universitários eram os “tutores” de 150 alunos secundaristas. Ao final do período, Devine observava que cerca de 90% dos adolescentes que participavam dos grupos de apoio não abandonavam as escolas. Ao contrário, concluíam o ensino secundário e alguns chegavam à universidade.

Os “tutores”, inicialmente, davam aulas de apoio a esses estudantes. Mas, com o tempo, os alunos ganharam a confiança dos adolescentes, que passaram a falar de suas vidas pessoais.

“Os universitários, por conta dessa relação de amizade que se estabeleceu, tiveram então a possibilidade de dizer aos jovens que havia outras alternativas para a solução de problemas, que não a violência”, afirma Devine.

O antropólogo, porém, não põe a solução dos problemas de violência exclusivamente nas mãos da comunidade. “A sociedade pode ajudar, mas questões maiores como a da proliferação das armas e a violência que aparece diariamente na mídia têm de ser resolvidas na esfera federal.”

(Notícia publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, de 31 de agosto de 1999.)

O MILAGRE CEARENSE

O Ceará não é um país. Mas, com seis milhões de habitantes, é mais populoso do que Honduras, El Salvador, Costa Rica, Dinamarca ou Noruega.

De 1986 a 1990, o Ceará reduziu em um terço sua taxa de mortalidade infantil, cortou em um terço o número de mortes causadas por doenças diarréicas, elevou em até 40% seus níveis de vacinação e reduziu em um terço as taxas de desnutrição infantil.

O Ceará não apresenta nenhuma vantagem especial. Quase dois terços de sua população vive abaixo da linha de pobreza. Mas apresenta uma forte vantagem: seus líderes estão política e pessoalmente envolvidos nessa tarefa. Nos países onde existe esse compromisso, há meios para revolucionar o setor de saúde infantil a custos viáveis.

Em primeiro lugar, foram realizadas pesquisas que apontaram a situação das crianças no estado, revelando que as principais causas das mortes infantis eram as doenças diarréicas e a pneumonia. Constatou-se que 28% das crianças estavam desnutridas. Mais da metade das crianças que morriam jamais eram assistidas por um agente de saúde.

Em seguida, criou-se um sistema para acompanhar as modificações, de modo a medir o progresso e a dirigir os recursos para as áreas mais necessitadas.

Era uma prioridade permitir que as informações básicas sobre saúde alcançassem todas as famílias – como a importância do aleitamento materno, a necessidade de vacinação, e como prevenir e tratar doenças.

Mas, como em muitas outras partes do mundo, os serviços de saúde não tinham meios de alcançar sistematicamente seus milhões de pessoas. O governo estadual decidiu, então, recorrer à Igreja, às organizações não-governamentais, aos meios de comunicação de massa, aos empresários. (...)

A seca de 1987, no início um retrocesso, foi transformada em vantagem. Em vez de utilizar o programa usual de empregos de emergência, o governo abriu suas mil frentes de trabalho para mulheres pobres, que seriam treinadas como agentes comunitárias de saúde.

Após a seca, 1.700 das mulheres que apresentaram melhor desempenho foram submetidas a novo treinamento. O número de mulheres no programa aumentou para 2.900, cada uma delas atendendo cerca de cem famílias.

(Trecho do relatório do Unicef sobre a Situação Mundial da Infância em 1992, publicado no livro de Gilberto Dimenstein, *O cidadão de papel – a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*, 9ª ed., São Paulo: Ática, 1995, pp. 64-5.)

- ☐ Após essa leitura, os participantes dividem-se em equipes de três ou quatro pessoas. Cada equipe escolhe uma das notícias para reler e analisar. Nessa análise, a equipe deve considerar, principalmente, como os direitos de cidadão estão sendo desrespeitados, ou promovidos, na ocorrência descrita pela notícia. Cada participante da equipe expõe sua opinião sobre a notícia e, em seguida, todos realizam um debate em torno das idéias expostas. Ao final das discussões, a equipe redige um pequeno comentário resumindo as opiniões. Caso, após as discussões, exista mais de um ponto de vista sobre a notícia, todos devem ser registrados.

- ❑ Depois de feitas as análises, o grupo reúne-se em círculo. Cada equipe lê seus comentários e ouve a opinião dos outros participantes.

O DIREITO DE TER DIREITOS (exibição de vídeo seguida de atividades reflexivas)

O vídeo *Estatuto do futuro* integra um conjunto de materiais produzidos pelo Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip – e que faz parte do Programa Infância Desfavorecida no Meio Urbano (PIDMU), realizado com o apoio da União Européia.

Esse vídeo, que tem uma duração de pouco mais de 35 minutos, além de apresentar os principais aspectos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mostra como, em vários lugares do Brasil, projetos educativos estão promovendo os direitos de cidadania a crianças e jovens.

- ❑ Os participantes devem assistir ao vídeo munidos de papel e caneta para fazer anotações. À medida que o vídeo se desenvolve, vão sendo mostrados os direitos do cidadão que estão sendo tratados: direito à vida, direito à saúde, direito à educação, direito à convivência familiar, direito à dignidade e assim por diante.

- ❑ Conforme os direitos vão aparecendo por escrito no vídeo, cada participante anota o direito em questão e, caso considere algum comentário ou situação muito importante, deve anotá-la também para comentá-la depois.

- ❑ Ao final do vídeo, os participantes reúnem-se em círculo e cada um apresenta suas impressões, comentando os aspectos que mais lhe chamaram a atenção e por quê.

- ❑ Depois de todos os participantes se manifestarem, o grupo divide-se em duplas ou trios. Cada equipe discute a seguinte questão: considerando o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído no Brasil pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que aspectos desse Estatuto compete à escola garantir, por meio das mais diversas práticas educativas? As equipes escrevem um pequeno texto, resumindo suas idéias, e fazem um cartaz para colocar na parede e ser lido por todos os outros.

- ❑ Durante as leituras, os participantes podem procurar os autores de cada cartaz para discutir as idéias presentes, criti-

cando aquilo com que não concordam e fortalecendo as propostas que consideram interessantes e que podem ser desenvolvidas na escola.

❑ Em seguida, o grupo reúne-se em círculo e todos apontam as idéias que consideraram mais importantes. Essas idéias são destacadas nos cartazes.

❑ Para finalizar, o grupo escolhe uma equipe (com dois ou três participantes) para escrever uma síntese das produções, a partir dos destaques feitos nos cartazes durante as discussões. Essa síntese pode-se tornar um ponto de partida para futuros projetos de trabalho voltados à promoção dos direitos do cidadão na comunidade escolar.

A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA TEM HISTÓRIA (leitura seguida de atividades reflexivas)

❑ Todos os participantes do grupo lêem o texto abaixo, em silêncio.

“Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos...”

Liberdade e igualdade eram ideais pregados aos quatro ventos quando da formulação desta frase. O ano era de 1789. O mês era agosto. O país era a França. Apenas um mês depois da Revolução Francesa, que transformou a ordem social até então seguida, foi escrita a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão votada oficialmente em 27 de agosto de 1789. O grande objetivo da declaração composta de 12 artigos era assegurar, por meio de lei, as conquistas sociais e políticas alcançadas com a Revolução. Mas não era só isso. Havia um desejo intenso de “igualar a humanidade”, não importando sua nacionalidade, sua cor, sua religião. Era preciso resgatar a dignidade de pessoas oprimidas durante anos por autoritarismo e barbáries.

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”

Este é o primeiro artigo de outro documento importantíssimo: a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O mundo passava novamente por outra grande transformação, outro momento decisivo, difícil: a Segunda Guerra Mundial. O ano agora era de 1948. Novamente a idéia de reconhecer a dignidade e os direitos de todas as pessoas em todos os países era colocada na forma de lei. Não somente a França agora estava

preocupada com o tratamento dado à humanidade, mas a comunidade internacional toda, afetada pelos terrores do nazismo e de uma guerra sangrenta.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas aos 20 de novembro de 1959.

- 1) Direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
- 2) Direito a especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social.
- 3) Direito a um nome e a uma nacionalidade.
- 4) Direito a alimentação, moradia e assistência médica adequadas para a criança e para a mãe.
- 5) Direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente.
- 6) Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
- 7) Direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
- 8) Direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofes.
- 9) Direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho.
- 10) Direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Estes são os dez direitos universais que o Unicef proclamou como sendo a Declaração Universal dos Direitos da Criança, em 20 de novembro de 1959. O que acontecia então? Agora não era revolução nem guerra: eram os direitos das crianças de todo o mundo desrespeitados, violados. Trabalho escravo, fome, maus-tratos e abandono precisavam ser impedidos. A criança foi escolhida e sobre ela pairavam preocupações distintas e urgentes. Novamente a dignidade é a principal conquista que se quer assegurar.

“Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.”

Este texto foi produzido bem mais recentemente e em local mais próximo de nós. Trata-se de um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei de 13 de julho de 1990, Brasil. É uma longa lei de 267 artigos, fruto de intenso trabalho que revogou o antigo Código de Menores de 1979, que, segundo muitos especialistas, reforçava o preconceito contra as crianças pobres e marginalizadas. O Estatuto reafirma a dignidade e a igualdade para todos. É importante perceber que a criança agora vem acompanhada do adolescente. “Pela primeira vez na história da legislação brasileira a criança e o adolescente são considerados cidadãos, e cidadãos especiais, *sujeitos* de direitos específicos, por serem pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.”

“Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V – o pluralismo político.”

Assim se inicia o texto da Constituição da República Federativa do Brasil – ou, simplesmente, nossa Constituição –, promulgada em 5 de outubro de 1988. E é aí, na lei máxima do país, em suas primeiras linhas, que se vê renovada a preocupação com a dignidade da pessoa humana.

Como os textos analisados mostram, existe uma preocupação e uma necessidade muito grandes de formular leis nas quais mínimos (ou máximos) direitos sejam respeitados, nas quais a dignidade esteja colocada em primeiro lugar. E existem pessoas que se juntam, que se procuram, num esforço de entendimento e universalização dos problemas, para a confecção dessas leis. Conhecê-las e lutar para que elas sejam cumpridas é dever de todo cidadão. A escola pode, e deve, auxiliar no entendimento, na divulgação e no cumprimento de tais leis. É importante lembrar que declarações, leis e estatutos não nascem à toa, são produtos de uma necessidade profunda da sociedade e, geralmente, resultado de muita luta e esforços coletivos e pessoais. Os educadores podem dar sua contribuição no sentido da plena realização dos preceitos explicitados nessas leis. Para os educadores, as principais idéias presentes nos textos legais acima devem ser consideradas como *objetivos a serem alcançados* em todo processo educativo de novos cidadãos.

❑ Depois da leitura do texto acima, o grupo divide-se em três equipes. Cada equipe fará a leitura de um trecho de documento citado no texto anterior.

❑ A primeira equipe lê um trecho da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Artigo 26º

- 1) Toda pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado, o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.
- 2) A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das

liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

- A segunda equipe lê um trecho da Declaração Universal dos Direitos da Criança.

Princípio VII – A criança tem direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares. Dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita – em condições de igualdade de oportunidades – desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral, chegando a ser um membro útil à sociedade. O interesse superior da criança deverá ser o interesse diretor daqueles que têm a responsabilidade por sua educação e orientação; tal responsabilidade incumbe, em primeira instância, a seus pais. A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas esforçar-se-ão para promover o exercício deste direito.

- A terceira equipe lê um trecho do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I – igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola;
- II – direito de ser respeitado por seus educadores;
- III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

- Depois de lido os trechos selecionados dos documentos legais, cada equipe faz uma reflexão sobre o conteúdo do texto. Alguns aspectos importantes dessa reflexão não podem ser esquecidos: qual o papel do educador no entendimento e no cumprimento desse aspecto da lei? A escola e a comunidade escolar trabalham no sentido de pleno respeito a essa lei? O que está escrito é realidade em nossa cidade, nosso estado, nosso país? Se não, como podemos ajudar a transformar essa realidade?

- ❑ Com o propósito de socializar o que foi aprendido e discutido, o grupo irá realizar a seguinte dinâmica. Considerando a força das palavras como instrumento de reflexão e conscientização, cada equipe elege seis palavras do texto que foi lido e discutido – aquelas que sintetizam o ideal presente na lei.
- ❑ Cada equipe faz um cartaz com as palavras eleitas e o coloca em lugar visível para que todos possam ler. Três voluntários oferecem-se para ler as palavras de cada cartaz, colocando sua ênfase pessoal em cada leitura.
- ❑ Após essa leitura, com o grupo todo em círculo, as pessoas fazem seus últimos comentários. Coincidências e diferenças devem ser ressaltadas. O que está presente nas três listas de palavras? O que só está presente em uma lista? Por que será que essas coincidências e diferenças ocorreram?

CIDADANIA E RESPONSABILIDADE – A QUESTÃO DOS DIREITOS E DOS DEVERES (leitura seguida de atividades reflexivas)

O primeiro objetivo do ensino fundamental nos Parâmetros Curriculares Nacionais afirma: “que os alunos sejam capazes de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito”.

Liberdade, justiça e responsabilidade social são idéias básicas do convívio democrático. A falta de qualquer uma delas na educação e na vida de um indivíduo significa uma falha do processo educativo escolar na formação integral do cidadão.

(Palavras da professora Terezinha Azerêdo Rios, filósofa e uma das elaboradoras da proposta de Ética como Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicadas em entrevista concedida ao *Jornal do MEC*, Brasília – DF, maio de 1999.)

“Se a tarefa primordial da educação é proporcionar condições para o exercício da cidadania, a escola tem o desafio de organizar seu trabalho no sentido de torná-lo cada vez mais tangível por aqueles que a ela têm direito. O bem coletivo é o bem comum, que se coloca no horizonte da ética. Seu outro nome é felicidade, enquanto possibilidade de realização, junto com os outros, da vida boa, que vale a pena ser vivida.”

Um dos grandes desafios que os educadores enfrentam em sua prática educativa cotidiana é a manutenção da coerência entre falar e fazer. Infelizmente, em grande parte das escolas brasileiras pratica-se a máxima: *Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço*. Não é preciso insistir no fato de que, em um espaço social no qual a incoerência é a tônica das relações humanas, fica muito difícil desenvolver um processo educativo que tem como um de seus objetivos centrais formar cidadãos que compreendam os conceitos de *direitos e deveres*, que lutem por seus direitos e assumam suas responsabilidades.

□ Todos os participantes lêem as situações descritas abaixo e nas quais aparecem questões relativas aos direitos e responsabilidades.

SITUAÇÃO 1

O professor Marcelo é superexigente com seus alunos. Ele sempre faz questão de que todos “cumpram seus deveres” conforme o combinado. Se é para entregar o trabalho em determinado dia e horário, ele não aceita atrasos e não adianta insistir. Hoje o professor Marcelo aplicou uma prova e, ao final, seus alunos perguntaram quando ele devolveria os trabalhos corrigidos. Ele respondeu: “Devolvo quando der, estou abarrotado de trabalho”.

SITUAÇÃO 2

O direito à educação de qualidade está assegurado na Constituição, porém, existem muitas crianças e jovens que não estão na escola, mesmo em lugares onde as escolas têm vagas.

SITUAÇÃO 3

Os alunos da 6ª série terminaram de receber corrigida a prova de história do Brasil que fizeram na semana anterior. O professor de matemática entra na classe e os alunos estão muito agitados, a maioria tirou notas muito baixas e achou a prova muito difícil. Alguns alunos mostram a prova de história ao professor de matemática e perguntam: “Professor, o que o senhor responderia?” No que ele responde: “Ih, gente. Eu não sei nada de história!”

SITUAÇÃO 4

Uma pessoa importante na comunidade onde mora está muito preocupada com a “educação moral dos cidadãos”. Ela vai à reunião do Conselho de Escola e fala sobre a importância da presença da ética e da moral nos currículos escolares. Ao sair da reunião, vê que seu carro está sendo multado por ter ficado parado em local proibido. A pessoa não tem a menor dúvida e tenta subornar o guarda de trânsito que está aplicando a multa: “Sabe o que é, explica-se, é que eu trabalho com o carro e não posso acumular pontos em minha carteira de motorista, pois corro o risco de ficar sem ela”.

- ❑ Depois de lidas as situações, os participantes dividem-se em quatro equipes. Cada equipe deve escolher uma das situações descritas para reler e analisar. A idéia central desta atividade é proporcionar aos participantes um exercício de reflexão. Para isso, é importante que cada participante procure analisar a situação, colocando-se no lugar dos envolvidos e procurando compreender o significado dessa experiência para cada um deles.
- ❑ Cada equipe deve, então, reescrever a situação analisada, modificando-a de modo a torná-la um exemplo a ser seguido.
- ❑ Uma vez reescritas as situações, cada equipe lê o que produziu para o grupo todo.
- ❑ Após a leitura das situações recriadas, os participantes que quiserem fazem comentários e levantam questões.
- ❑ Sempre que, durante as discussões, surgirem idéias interessantes e que podem ser colocadas em prática posteriormente, elas devem ser devidamente anotadas e guardadas. Caso os participantes considerem algumas dessas idéias muito boas, elas podem ser expostas no mural do grupo de trabalho, para serem conhecidas pela comunidade escolar e postas em prática o mais rapidamente possível.

AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA ESCOLA (leitura e planejamento de ação na comunidade escolar)

Punição não é limite. Limite não é punição.

O convívio escolar proporciona às crianças e aos jovens inúmeras experiências de vida nas quais estão em jogo a construção de valores, a formação de ideais, crenças e esperanças. De todas essas experiências de vida, uma que pode ser destacada em função de seu enorme potencial educativo é a participação dos alunos na definição das *regras de convivência da comunidade escolar*.

Participação, nesse caso, significa antes de tudo *entendimento*. A observação e a análise de experiências de sucesso em escolas com problemas de excesso de indisciplina, atitudes hostis por parte dos alunos, depredação e outras ocorrências parecidas mostram que a incidência de conflitos violentos sempre diminui quando as regras de convivência ficam bem claras e compreendidas pelos principais protagonistas da situação educativa, que são os educadores e seus alunos.

Os educadores precisam compreender que educar o cidadão para a liberdade e para a autonomia significa proporcionar às crianças e aos jovens experiências de vida nas quais eles precisem tomar decisões a respeito do que devem ou não devem fazer. Nesse sentido, a situação verdadeiramente educativa é aquela que incorpora a possibilidade do erro. E o educador preparado para desenvolvê-la é aquele que sabe como fazer para incorporar o erro ao processo educativo. Se em um processo educativo não há possibilidade de erro, então também não há possibilidade de educação, apenas de doutrinação.

Alunos doutrinados vivem repetindo que o caminho da violência é o pior possível, mas, aos domingos, vão ao estádio de futebol e batem nos torcedores do time adversário. Professor doutrinado vive repetindo que respeita os alunos, mas a todo momento perde a paciência durante a aula e acaba “estourando” com quem nem tinha nada a ver com o problema. Funcionário de cozinha doutrinado vive dizendo que as crianças são lindas, mas atira com força a comida no prato que está nas mãos de um aluno que apenas espera ser servido, como lhe foi mandado.

Em uma escola estadual na periferia da cidade de São Paulo, a direção instituiu a seguinte regra para o horário de entrada: *as aulas começam às 19h10, portanto o portão fecha às 19h10 e só reabre às 23h, quando as aulas terminam; aluno atrasado não entra.* Nessa escola, no entanto, estudam muitos alunos que, apesar de morarem perto, trabalham em lugares muito distantes. Alguns demoram duas horas e meia para vir do trabalho até a escola. Chegam às 19h30 e não podem assistir a nenhuma aula, pois não podem entrar. Quando a mãe de uma aluna dessa escola conta a história para outras pessoas, demonstra raiva da direção.

Diferenças de pensamentos e conflitos de vontades são situações que povoam o trabalho cotidiano dos educadores. Em uma escola grande, é natural que, quase diariamente, existam conflitos, entraves, problemas para resolver. Entretanto, esses problemas só se tornam insuportáveis, e os conflitos se transformam em violência, em locais onde cessaram o diálogo e o respeito.

Criar situações educativas e implementá-las com sucesso é um grande desafio. O processo de definição das regras de convivência da comunidade escolar pode ser essa situação.

Uma das qualidades de um processo de definição de regras de convivência é a oportunidade que se cria de analisar com os alunos (principalmente os adolescentes) as *razões* que tornam uma determinada regra necessária. É nesse processo de entendimento que aparece a necessidade de estabelecer limites. Os limites devem ser estabelecidos *antes* que as coisas aconteçam. Na verdade, limites claros são a melhor prevenção para que os problemas não se tornem sérios demais, para que os educadores não tenham de punir, pois se já chegou a hora da punição, é porque o limite não cumpriu seu papel.

As regras de convivência da comunidade escolar, como o título diz, são regras de convivência e não um código de leis e punições. Nesse sentido, no processo de definição das regras, os educadores precisam ficar atentos para explicitar quais são os valores, as atitudes e as normas que devem ser afirmadas, em vez de apenas escolher uma porção de faltas e definir quais são as punições correspondentes a cada uma.

Com relação a punições, é melhor deixar claro que, quando forem necessárias, deverão ser definidas como forma de reparação do ato cometido, dando ao aluno a possibilidade de corrigir o seu erro e, assim, aprender a agir de outra maneira.

- ❑ O trabalho de produção das regras de convivência do convívio escolar pode ser desenvolvido como um *projeto de trabalho*.
- ❑ Esse projeto de redação das regras de convivência do convívio escolar deve envolver, necessariamente, alunos, pais, funcionários, direção e corpo docente. É muito importante que seja bem planejado e que envolva a maioria dos educadores da escola.
- ❑ No caso do grupo se decidir pelo projeto, sugere-se a leitura da unidade 9 desta proposta: Projetos. Nessa unidade, encontram-se desenvolvidas as fases necessárias à criação e à implementação de projetos, incluindo algumas atividades que podem auxiliar o grupo a definir claramente os objetivos e a forma de fazer o plano do projeto.

Unidade 9 PROJETOS

INTRODUÇÃO

Em várias passagens desta proposta de trabalho, em outras unidades, ocorreram referências à idéia de se desenvolver *projetos* no espaço escolar ou mesmo envolvendo toda a comunidade. A finalidade principal desta unidade 9 é abordar o que são projetos e, principalmente, como realizar o planejamento e a gestão de um *projeto de trabalho*.

O que é um projeto? Quais são as características básicas de um projeto? O que diferencia um projeto das outras atividades profissionais? Quais são as providências essenciais a tomar durante a criação, o planejamento e a gestão de um projeto? Essas questões são exemplos do que se pretende discutir nesta unidade 9.

É importante ressaltar que esta unidade deve ser trabalhada pelo grupo tendo como ponto de partida a vontade de criar, planejar e desenvolver um projeto no espaço escolar ou mesmo na comunidade. Ela foi desenvolvida com a idéia de criar, planejar e implementar um projeto, organizando um grupo de pessoas para cuidar da sua gestão e do seu desenvolvimento em direção às metas. Ou seja, o objetivo não é somente estudar o que são projetos, mas, sim, autocapacitar-se sobre criação e gestão de projetos por meio da prática.

ENTENDENDO A IDÉIA DE PROJETO (leitura seguida de atividade reflexiva)

Durante os primeiros anos da década de 1990, ganhou grande destaque a idéia de que, na maioria das atividades profissionais, o trabalho pode ser organizado de duas formas diferentes que se complementam: de um lado, encontram-se as atividades funcionais cotidianas, aquelas que estão relacionadas a uma rotina necessária ao funcionamento da instituição em que se trabalha; de outro, encontram-se os *projetos*, que são atividades criadas e planejadas com um propósito bem determinado (o *projeto* em si) e que têm sempre uma duração temporal fixa, ou seja, uma vez atingidos os objetivos, o projeto termina.

(...) a pessoa inteligente dirige a sua conduta mediante projetos, e isso permite-lhe aceder a uma liberdade criadora. (...) Criar é submeter as operações mentais a um projeto criador. (José Antonio Marina, *Teoria da inteligência criadora*, Lisboa: Editorial Caminho, 1995, p.169.)

Material necessário

Cópias do texto “O que são projetos?”
Papel e canetas para anotações. Fita adesiva.

O texto “O que são projetos?”, que se encontra ao final desta unidade 9, é uma reflexão sobre as principais características que um projeto deve ter para poder receber esse nome. O objetivo principal do texto, e desta unidade, é oferecer aos leitores, além de uma idéia do que são projetos, algumas orientações para a escolha de metas e construção de um plano de ação para a implantação de um projeto.

❑ Os participantes lêem todo o texto “O que são projetos?” em silêncio, ou com uma pessoa lendo em voz alta, como acharem melhor.

❑ Depois, organizados em duplas, os participantes relêem apenas o item Entendendo a idéia de projeto. Ao terminar a leitura, cada dupla faz uma reflexão sobre a idéia de projeto que é apresentada no texto e redige uma frase que começa com a expressão *Projeto é...*

❑ Uma vez redigida a frase, a dupla volta ao item Entendendo a idéia de projeto e relê o texto a partir da sentença: *Projetos têm estas características*. Uma vez terminada esta nova leitura, a dupla volta à frase *Projeto é...* e faz as correções que achar necessárias.

❑ Ainda reunidos em duplas, os participantes relêem apenas os dois últimos parágrafos do item Entendendo a idéia de projeto. O antepenúltimo parágrafo, que se inicia com a frase *Optar pela criação e implementação de um projeto...*, explica que decidir o que deve ser encaminhado como projeto em meio às atividades funcionais depende de critérios. Nem tudo é tratado como projeto. Considerando essas observações, cada dupla deve refletir sobre quais são os problemas, ou temas de trabalho, que deveriam ser tratados como projetos na escola. Desses problemas ou temas de trabalho, a dupla deve escolher os dois considerados mais importantes e urgentes. Para esses dois projetos escolhidos, a dupla deve escrever uma pequena justificativa, explicando por que aquele projeto é prioritário.

❑ Cada dupla produz um pequeno cartaz com as duas propostas de projeto e suas justificativas. A justificativa pode ser escrita a partir da frase: *Esse projeto é importante porque...* A vantagem de todas as duplas escreverem a justificativa a partir da mesma frase inicial é que facilita a comparação, porém, se uma dupla escreve suas justificativas de outra forma, não há problema. O próprio grupo pode definir se acha melhor começar todas as justificativas da mesma forma (inclusive outra, que não essa), ou não. Os cartazes devem ser fixados para leitura de todos os participantes.

- ❑ Com os cartazes fixados, organiza-se uma troca de idéias sobre as propostas. Para isso, um componente de cada dupla fica ao lado de seu cartaz, enquanto o outro lê cada um dos cartazes e conversa com os outros autores sobre os projetos propostos e suas justificativas. Depois, aquele que leu os cartazes fica ao lado do seu para que o outro componente da dupla possa fazer suas leituras.

- ❑ Depois que todos os participantes já fizeram suas leituras e seus esclarecimentos, o grupo reúne-se em círculo para que cada um diga quais são os dois projetos que consideram mais importantes entre todos os apresentados. Os projetos mais votados pelos participantes devem ser anotados, junto com suas justificativas, para que, futuramente, possam tornar-se realidade.

INICIANDO O PROJETO – DEFININDO SEU OBJETIVO (leitura seguida de atividades de criação e planejamento)

A primeira componente do projeto é a meta, o objetivo antecipado pelo sujeito, como fim a realizar. (José Antonio Marina, *Teoria da inteligência criadora*, Lisboa: Editorial Caminho, 1995, p. 178.)

Esta atividade é para ser realizada pelo grupo de trabalho no momento inicial de definição de um projeto. Existem alguns problemas que estão preocupando o grupo, sobre os quais os participantes já conversaram, e existe uma disposição para criar, planejar e implementar um projeto de trabalho. Os dois propósitos básicos da atividade são definir os objetivos do projeto e, em seguida, escolher o coordenador desse recém-nascido projeto.

CRIAR UM PROJETO É DEFINIR SEU OBJETIVO

Existem situações em que o objetivo de um projeto é fácil de ser definido. Por exemplo, ao se aproximar o mês de maio, muitas escolas começam a pensar na festa junina. Pode-se então desenvolver um projeto cujo objetivo é planejar, organizar e realizar uma festa junina para toda a comunidade escolar. Em casos assim, o objetivo bem definido orienta o planejamento e a implementação do projeto. Para fazer uma festa junina é preciso escolher uma data e pensar nos preparativos: decoração da escola, quadrilha, venda de refrigerantes e comidas (quais?), jogos (derrubar latas com bolas de meia, coelho que entra na casa, argola, etc.). É preciso pensar ainda na divulgação externa (faixas, cartazes, rádio local, jornal do bairro, carta aos pais e responsáveis) e interna (comunicação aos alunos, professores e funcionários). Em

muitas escolas pode ser necessário, em uma festa na qual a escola permanecerá aberta, pedir a presença de policiais para evitar ocorrências indesejáveis. Para cada um dos itens mencionados acima é preciso haver pessoas que se responsabilizem por sua resolução.

Outros casos em que o objetivo do projeto já está definido pela própria situação: limpeza e pintura das paredes externas da escola; mutirão de limpeza das áreas externas da escola (pátio, jardins, quadras, corredores, etc.); mutirão para a remodelação dos jardins da escola; organização e realização de um torneio de voleibol entre as turmas de ensino médio; organização e realização de um festival de música aberto a todos os alunos, professores, funcionários e familiares de alunos. Porém, nem sempre as coisas são tão simples assim. Quando o problema é o que fazer para acabar com depredações nas instalações da escola, ou como diminuir o número de alunos em recuperação nas 5^{as} séries, ou, ainda, como transformar as relações com as famílias dos alunos, levando-os a participar da vida escolar, as coisas tornam-se mais complicadas. É preciso, então, refletir sobre os problemas e pensar em qual é o objetivo do projeto, pois um objetivo bem definido é o primeiro passo para planejar e implementar esse projeto com grandes possibilidades de êxito.

Material necessário

Cópias do texto “O que são projetos?”
Papel para pequenos cartazes e canetas para anotações. Fita adesiva.

Considerando as observações anteriores, esta atividade, que visa a definir o objetivo do projeto que está sendo criado, poderá ter de ser realizada mais de uma vez pelo grupo. Isso deverá acontecer nos casos em que, ao final da realização da atividade, os objetivos propostos pelas diversas duplas de trabalho sejam muito diferentes e não haja um consenso sobre eles. Nesse caso, então, os participantes aprofundam suas reflexões sobre os objetivos propostos, em uma “lição de casa”, e voltam a realizar a atividade para definir o objetivo do projeto. O próprio grupo deve decidir se é preciso realizar a atividade ainda uma terceira vez. O importante é ter um objetivo muito bem definido para o grupo que vai planejar e implementar o projeto.

❑ Os participantes lêem novamente o texto “O que são projetos?” em silêncio, ou com uma pessoa lendo em voz alta, como acharem melhor.

❑ Os participantes, organizados em duplas, relêem o item Condições para o êxito e, em seguida, respondem à seguinte questão: Qual deve ser o objetivo do nosso projeto? As duplas devem ter como principal preocupação *redigir* o objetivo da forma mais clara possível.

- ❑ Cada dupla escreve o objetivo em uma folha de papel e fixa-a na parede. Todos os participantes analisam os objetivos propostos, procurando escolher aquele que consideram o mais bem definido. Durante as leituras, seus autores podem ser questionados pelos outros participantes. Em função dessas discussões, o objetivo de uma dupla pode ser aprimorado e até se tornar o objetivo do projeto.
- ❑ Uma vez que os participantes tenham esclarecido suas dúvidas, o grupo reúne-se em círculo e cada um se pronuncia sobre qual deve ser o objetivo do projeto.
- ❑ Se, ao final da rodada, ficar claro qual deve ser o objetivo do projeto, este deve ser copiado em um cartaz com o título: *O objetivo do nosso projeto é...* Esse cartaz deve ser afixado em lugar bem visível, de preferência em um mural, para que o objetivo seja conhecido pelo maior número possível de pessoas, principalmente aquelas que podem ajudar no planejamento e na implementação do projeto.

E SE O OBJETIVO AINDA NÃO ESTIVER CLARO?

Material necessário
Cada participante, ou dupla, deve trazer o material de sua apresentação, que deve ser, no mínimo, um cartaz no qual estão as frases completas – *O objetivo do nosso projeto deve ser... O principal motivo para escolher esse objetivo é: ...* Folhas sulfite para anotação. Fita adesiva. Papel tipo cartolina.

Se os participantes não conseguirem escolher um objetivo para o projeto, duas coisas podem estar acontecendo: existe mais de um objetivo defendido pelos participantes e não há consenso sobre o melhor, ou os objetivos não estão ainda bem definidos, e isso está provocando dúvidas. Pode, inclusive, estar acontecendo as duas coisas ao mesmo tempo. Nesse caso, o grupo deve se preparar para aprofundar as reflexões sobre o objetivo a ser escolhido, fazendo uma “lição de casa” e, depois, realizando novamente a atividade de definição do objetivo.

Para fazer essa “lição de casa”, os participantes devem copiar os objetivos que o grupo selecionou como possíveis candidatos a objetivo do projeto e realizar uma reflexão sobre eles, procurando aprimorá-los e aprofundando suas convicções da importância do objetivo. Cada participante, ou cada dupla de trabalho, deve tentar escolher um objetivo e, principalmente, deve redigir uma justificativa argumentando em favor da sua escolha. Caso alguns participantes não gostem de escrever uma justificativa formal, podem elaborá-la na forma de uma campanha publicitária, por exemplo, tornando a comunicação mais dinâmica. Os participantes podem usar sua criatividade e pensar em formas de apresentação que comuniquem a idéia do objetivo e convença a todos. A “lição” pode ser feita pelas próprias duplas de trabalho, porém, se não houver oportunidade para a dupla se encontrar, o importante é que a “lição” seja feita.

A produção dessa “lição de casa” deve ser, no mínimo, um cartaz com as frases completas: *O objetivo do nosso projeto deve ser... O principal motivo para escolher esse objetivo é: ...*

□ O grupo volta a se reunir, e os participantes, individualmente ou em duplas, fazem suas exposições, realizando a apresentação preparada e propondo seu objetivo com a justificativa correspondente. Após as apresentações, com o grupo em círculo, os participantes voltam a se pronunciar sobre qual o objetivo do projeto e tomam suas decisões e, se for o caso, redigem, finalmente, o cartaz *O objetivo do nosso projeto é...*

ESCOLHENDO UM COORDENADOR PARA O PROJETO

Uma vez definido o objetivo do projeto, o grupo volta ao texto “O que são projetos?”, agora dando ênfase ao item O coordenador de projetos. A finalidade desta tarefa é discutir o texto e, em seguida, escolher um coordenador para o projeto que se está iniciando.

□ Cada participante relê o item O coordenador de projetos e, em seguida, pensa em algum participante do grupo que possui as características necessárias à função de coordenador. Um critério muito bom para a escolha do coordenador é lembrar como foi a participação das pessoas do grupo no processo de definição do objetivo do projeto. Uma pessoa que compreende muito bem o objetivo do projeto e, principalmente, que está entusiasmada com esse objetivo é uma ótima candidata a coordenadora.

□ Em seguida, os participantes, em roda, anunciam os candidatos e o grupo faz, então, a escolha de um coordenador para o projeto. É muito importante que o grupo escolha uma pessoa que tenha tempo para se dedicar à coordenação e também que esteja disposta a realizar o trabalho.

O PLANEJAMENTO E A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO (atividades de leitura, reflexão e planejamento)

Agora que o projeto foi criado, que o objetivo está definido, é o momento de constituir a equipe responsável por seu planejamento e implementação, equipe essa que irá trabalhar

com o coordenador já escolhido pelo grupo de trabalho, logo após a definição do objetivo. É claro que todos os envolvidos com a definição do projeto desde o começo podem fazer parte da equipe do projeto, porém é preciso ter cuidado com a constituição desse grupo de trabalho, que não pode ser muito pequeno, a ponto de não conseguir executar as tarefas necessárias, mas também não deve ser muito grande, difícil de coordenar, de reunir e no qual muitas tarefas podem ficar dispersas, atrapalhando a realização do objetivo. Nesse aspecto, o coordenador do projeto tem grande importância, pois deve perceber se há necessidade de mais gente ou se há pessoas demais na equipe, à medida que o planejamento e a implementação se concretizam.

DESENVOLVENDO UM PLANO PARA IMPLEMENTAR O PROJETO

Um bom plano para implementar o projeto deve ser construído a partir de uma análise detalhada do objetivo. Na atividade Iniciando o projeto – definindo seu objetivo, há um exemplo de projeto de festa junina em que se faz uma análise do objetivo (planejar, organizar e realizar uma festa junina para toda a comunidade escolar), destacando as diversas tarefas e providências que serão necessárias para tornar o projeto realidade. O que uma boa festa junina precisa ter? Como garantir a participação de familiares na organização da festa? Que locais da escola serão utilizados e quais atividades serão realizadas em cada local?

Como essas perguntas ilustram, analisar o objetivo significa, principalmente, tentar antecipar as tarefas, as providências e os problemas que surgem quando estamos trabalhando para transformar o projeto em realidade. Se o espaço da festa tem de estar bem decorado, será preciso material para produzir a decoração, gente para fazer os objetos decorativos e fixá-los nos locais certos. E como conseguir os materiais? A escola tem verba para isso, ou teremos de procurar ajuda na comunidade, pedindo doações? Em alguns casos, organizar uma campanha de ajuda na comunidade pode ser uma opção educativa, mais do que econômica.

Uma vez que o objetivo esteja definido, a equipe do projeto deve fazer o plano para sua implementação. Duas questões centrais devem ser respondidas por um bom plano de implementação: 1) Quais as tarefas e as providências necessárias à implementação do projeto e quando elas devem ocorrer?

rer? 2) O que não pode ser esquecido, pois poria tudo a perder? A seguir, encontra-se uma dinâmica que pode ajudar a equipe a produzir esse plano.

❑ Antes da reunião para a elaboração do plano de implementação do projeto, os participantes da equipe preparam-se procurando fazer um exercício de imaginação e tentando prever as tarefas e as providências que serão necessárias à realização do objetivo. Além de imaginar essas tarefas e providências, é importante também ordená-las o melhor possível, isto é, colocá-las na melhor ordem para a realização do objetivo. Essas idéias devem ser apresentadas em um cartaz, ou outra forma de apresentação, para facilitar a comunicação para todo o grupo. Essa preparação pode ser feita por indivíduos ou duplas.

❑ Na reunião da equipe para a elaboração do plano, cada participante ou dupla apresenta suas idéias e faz um debate com todo o grupo, tendo como meta principal chegar a um plano de trabalho.

❑ A seguir, a equipe relê os itens Problemas comuns na implementação de projetos e Condições para o êxito, que fazem parte do texto “O que são projetos?”

❑ A partir dessa leitura, os membros da equipe do projeto voltam a analisar o plano que se está delineando, procurando verificar se existem falhas, se alguma coisa foi esquecida, se alguma coisa ficou muito exagerada.

❑ Uma vez que os membros da equipe concordam com os aspectos principais do plano, este deve receber uma redação final. Nessa redação final, alguns itens não podem ser esquecidos:

- a) Todo bom plano de trabalho tem um cronograma, no qual todas as tarefas e providências estão relacionadas, com data de início e fim.
- b) Fechando o cronograma, encontra-se o objetivo do projeto e a data planejada para sua finalização.
- c) Relacionado(s) a cada tarefa ou providência, aparece(m) o(s) nome(s) do(s) responsável(is) pela sua execução.
- d) Um bom cronograma de implementação deve estabelecer os momentos em que a equipe irá se reunir com o propósito principal de avaliar a execução do plano e verificar se o que foi imaginado está acontecendo, ou se há necessidade de alterar tarefas, providências e prazos.

❑ O ideal é que uma cópia desse plano possa ser colocada em um mural do projeto, que deve ser mantido atualizado pelo coordenador. Nesse mural a equipe do projeto comunica-se com a comunidade escolar, comentando as providências que já foram tomadas e o que falta fazer, utilizando para isso o próprio cronograma do projeto. O mural é um bom espaço também para a equipe do projeto solicitar apoio de outras pessoas. Por exemplo: *Estamos procurando um médico ou profissional de saúde para fazer parte da equipe do projeto “Vida saudável é vida sem drogas”. Se você conhece um profissional que possa nos ajudar, por favor, anote no espaço abaixo como podemos encontrá-lo, ou compareça à nossa próxima reunião, obrigado.*

A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO E A AVALIAÇÃO PERMANENTE (atividades de reflexão e planejamento)

O projeto começa a se tornar uma realidade, diversas pessoas já estão em plena atividade, resolvendo problemas, tomando providências, realizando tarefas necessárias à execução do objetivo. Durante esse período de implementação do projeto, é muito importante que a equipe, liderada pelo coordenador, se mantenha atenta à execução do cronograma, acompanhando se as coisas estão dando certo, se o que foi imaginado está se realizando. O papel do coordenador nesse processo é muito importante, pois essa preocupação com a avaliação deve estar presente todo o tempo, desde o começo da execução do cronograma, e não somente quando o projeto está no final, ou quando as coisas já não deram certo. Dessa forma, se uma tarefa deve estar pronta dentro de uma semana e ainda não há perspectivas de ser resolvida, o coordenador precisa chamar o responsável, ver o que está acontecendo, se a pessoa precisa de ajuda, se é um problema relacionado com a própria tarefa ou se tudo estará resolvido no prazo previsto.

Reler o texto “O que são projetos?”, particularmente os itens Problemas comuns na implementação de projetos e Condições para o êxito, é também uma boa maneira de provocar reflexões na equipe quando a avaliação de um projeto se faz necessária.

Ainda com relação à avaliação, é preciso insistir que, sem um cronograma bem feito, com tarefas e providências bem definidas e datas estabelecidas para cada etapa, é impossível realizar uma avaliação contínua do projeto, procurando man-

ter a implementação em direção à realização do objetivo. Nesse sentido, deve-se lembrar que, no item Desenvolvendo um plano para implementar o projeto, se chama a atenção para o fato de que um bom cronograma de implementação deve estabelecer os momentos em que a equipe irá reunir-se com o propósito principal de avaliar a execução do plano.

O QUE SÃO PROJETOS?

São inúmeras as atividades humanas nas quais, atualmente, a idéia de projetos está colocada como uma nova forma de organizar e realizar as atividades profissionais.

Profissionais dotados de maior autonomia para tomar decisões, valorização do trabalho em grupo, desenvolvimento de vínculos de solidariedade e aprendizado constante são algumas das características incentivadas pela realização de projetos de trabalho. Em uma equipe que trabalha com vistas a realizar um projeto, são mais importantes a solidariedade e o cuidado com a contribuição de cada um para o todo do que os níveis hierárquicos. A questão não é quem manda em quem, mas se o projeto está se tornando realidade.

Entendendo a idéia de projeto

A palavra projeto tem sido muito utilizada em várias áreas de atuação profissional. Nas escolas, falar em projeto pedagógico já se tornou moda há algum tempo. Mas, afinal, o que é um projeto? Qual das afirmações a seguir você acha mais correta?

Projeto é intenção, pretensão, sonho: “Meu projeto é comprar uma casa”.

Projeto é doutrina, filosofia, diretriz: “Meu projeto de país é muito diferente”.

Projeto é idéia ou concepção de produto ou serviço: “Estes dois carros são projetos muito semelhantes”.

Projeto é esboço ou proposta: “Todos têm o direito de apresentar um projeto de lei ao Congresso”.

Projeto é desenho para orientar construção: “Já aprovei e pedi ao arquiteto que detalhasse o projeto”.

Projeto é empreendimento com investimento: “A Prefeitura vai construir novo projeto habitacional”.

Projeto é atividade organizada com o objetivo de resolver um problema: “Precisamos iniciar o projeto de desenvolvimento de um novo motor, menos poluente”.

Projeto é um tipo de organização temporária, criada para realizar uma atividade finita: “Aquele pessoal é a equipe do projeto do novo motor”.

Todas as definições são corretas e abrangem significados do termo projeto. Neste texto, interessam os dois últimos, que definem projeto do ponto de vista do gerenciamento e da administração. Projeto é atividade organizada, que tem por objetivo resolver um problema.

Uma importante distinção: projetos são diferentes de atividades funcionais.

Atividades funcionais são regulares (repetem-se sempre do mesmo modo, com pequenas variações) e são também “intermináveis”, ou seja, não têm perspectiva de serem finalizadas.

Já os projetos têm as seguintes características:

- a) objetivo definido em função de um problema, cuja solução é o critério para definir seu grau de sucesso;
- b) em geral, são realizados em função de uma necessidade específica, um problema;
- c) são finitos: têm começo e término programados. Solucionado o problema, o projeto termina;
- d) são “irregulares”, ou seja, fogem da rotina.

Optar pela criação e pela implementação de um projeto, para resolver determinado problema que se tem pela frente, é uma decisão gerencial, que depende de critérios. No transcorrer do trabalho cotidiano, os profissionais envolvidos percebem problemas que atrapalham o bom desenvolvimento das ações. Esse é um exemplo de situação em que a criação e a implementação de um projeto podem ajudar a resolver um determinado problema e, em consequência, colaborar de maneira decisiva para o trabalho em geral.

Um exemplo real. Em uma escola estadual da periferia da cidade de São Paulo, professores e direção constataram a necessidade de melhorar muito os serviços da cantina. Organizaram, a partir daí, um “projeto para uma nova cantina”. Em seguida, escolheram a comissão de educadores e pais que iria implementar o projeto. Em poucas semanas, a equipe já havia organizado uma concorrência para admitir novos administradores para a cantina. Com o esforço pessoal da diretora da escola, a comissão conseguiu uma verba junto à Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) para a reforma da cantina. Depois de três meses, a nova cantina já estava em funcionamento. É importante ressaltar que a verba foi conseguida pela escola graças a uma pesquisa anterior dos participantes do projeto. Pesquisando junto aos órgãos da secretaria, o grupo descobriu que havia um fundo destinado à construção ou reforma de cantinas e outros equipamentos escolares. Essa experiência ilustra bem uma das características de um bom projeto, ou seja, a capacidade de conseguir os recursos materiais, financeiros ou humanos necessários para a sua conclusão.

A equipe de educadores de uma escola deve sempre estar atenta para os diversos problemas que existem ou surgem no trabalho e que podem ser resolvidos com a criação e a implementação de um projeto.

Problemas comuns na implementação de projetos

Nenhuma abordagem, por mais sofisticada, assegura o êxito de um projeto. Muitas vezes, um detalhe põe tudo a perder. Há problemas que devem ser evitados:

- *Objetivo confuso* – Projeto com objetivo confuso tem alta probabilidade de fracasso. Não se sabendo onde se deve chegar, não se chega a lugar nenhum. O objetivo confuso pode ter várias origens: 1. O problema não foi estudado e entendido corretamente. Houve pressa em iniciar, sem clareza do problema. 2. Coordenador e equipe não entendem o problema e fazem suposições incorretas sobre o resultado a ser alcançado. 3. Objetivo claro, mas não coerente com o problema. O resultado a ser alcançado é incompatível com o problema.
- *Execução confusa* – As condições de execução tornam-se confusas nas situações a seguir: 1. As regras de decisão são imprecisas. Não há políticas nem procedimentos para resolver problemas e conflitos. 2. Autoridade e responsabilidade estão indefinidas. Não se sabe direito quem tem poderes e atribuições para quê. 3. Atividades não são coerentes com o objetivo. Isso pode ocorrer mesmo quando o problema e o objetivo são coerentes. 4. A previsão de recursos é incoerente com as atividades. Podem ter sido subestimados ou superestimados. 5. A atividade avança muito sem que pelo menos as intenções básicas do projeto estejam bem definidas.
- *Falhas na execução* – Projetos podem ser muito bem planejados e organizados, mas isso ainda não é garantia de sucesso. Podem ocorrer falhas na execução. Uma das mais comuns é a seguinte: um detalhe vital não funciona e põe tudo a perder, simplesmente porque todo mundo achou que era importante demais e que outra pessoa iria cuidar daquilo.

Condições para o êxito

A experiência mostra que as seguintes condições afetam positivamente a probabilidade de sucesso do projeto:

- *Definição do problema* – Projetos bem-sucedidos, de forma geral, são definidos a partir do problema a ser resolvido e da clareza com que se define a sua solução. O mais importante é definir com clareza o objetivo do projeto. Uma vez decidida a realização de um projeto, deve-se discutir exaustivamente como o problema pode ser resolvido e as características do resultado final, que é o objetivo do projeto. Quanto mais tarde se deixa para realizar essas discussões e definições, mais difícil se torna a implementação do projeto.
- *Envolvimento da equipe* – Quanto mais o projeto representa um desafio para a equipe envolvida, maior é a probabilidade de que venha a ter sucesso. Projetos bem-sucedidos criam na equipe uma sensação de propriedade: “Este é o nosso projeto, o problema que temos de resolver”.
- *Planejamento* – Projetos bem-sucedidos são muito bem planejados. Uma vez estabelecidos os planos, no entanto, a equipe tem grande liberdade para executá-los. A probabili-

dade de o projeto ter sucesso aumenta se durante a sua implementação houver um cronograma de providências e resultados bem elaborado, a partir do qual os participantes possam controlar o bom andamento dos trabalhos em direção ao objetivo estabelecido. Outro fator que contribui para o sucesso de um projeto é procurar prever futuros problemas em sua implantação e se preparar com antecedência para resolvê-los, caso eles realmente aconteçam. Existem projetos que necessitam de recursos financeiros para sua implementação. Nesses casos, é preciso haver um bom planejamento dos custos do projeto, considerando-se quanto se vai gastar e de onde sairá o dinheiro. A existência de um coordenador é também uma providência necessária para que um projeto seja bem implementado e atinja o objetivo definido. A definição da função de coordenador e sua importância para um projeto encontram-se no item a seguir.

O coordenador de projetos

A designação de um gerente ou coordenador é a decisão mais importante na implementação de um projeto. Sem coordenador, não se completa o conjunto das providências necessárias à gestão do projeto, pois é essa figura que faz o papel definitivo de integração e mobilização de todos os demais recursos – humanos e materiais.

A tarefa de gerenciar um projeto pode ser desempenhada por diferentes profissionais e em caráter temporário. Qualquer que seja o cargo, há duplicidade de papéis: a pessoa ocupa um cargo permanente, relacionado às suas atividades funcionais, que acumula com o papel temporário na coordenação de projeto. Ela deverá, então, repartir seu tempo entre os cargos permanente e temporário. Eventualmente, poderá haver dedicação de tempo integral ao projeto. Ao final, a pessoa deverá retornar a seu cargo permanente.

O papel de coordenador de projeto pode ser resumido da seguinte forma: assegurar a realização do projeto dentro dos padrões de desempenho do objetivo, prazo e custo, o que exige a administração de comunicações, recursos humanos, contratos, materiais e riscos.

(Adaptado do texto “Gestão de projetos”, presente no livro *Gestão da escola*, do Programa de Melhoria do Desempenho da Rede Municipal de Ensino de São Paulo; iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em convênio com a Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo.)

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Neide Nogueira

Elaboração

Ana Amélia Inoue

Célia Regina Pereira do Nascimento

Maria da Glória Porto Kok

Neide Nogueira

Vinicius Italo Signorelli

Consultoria

Elie George Ghanen Guimarães Junior

Maria Virginia de Freitas – Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação

Agradecimentos

Devanil Tozzi

Maria Aparecida Convair e equipe da Diretoria de Ensino da Região de Suzano – Secretaria de Educação de São Paulo

Regina Lico

Revisão

Cecilia Shizue Fujita dos Reis

Rejane de Meneses

Sonja Cavalcanti

Yana Palankof

OHCHR LIBRARY



8208



**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**



Apoio:

